

O NATAL DE POIROT

Agatha Christie



Meu caro James:

*Foste sempre um dos meus leitores mais fiéis e amáveis e,
por isso, senti-me seriamente perturbada quando me
criticaste.*

*Queixaste-te de que os meus assassínios se estavam a
tomar excessivamente refinados -- anêmicos, na verdade!
-- e disseste que estavas desejoso de um «bom crime
violento, com uma grande sangueira». Um assassínio que
não deixasse dúvidas de que era um assassínio!
Por isso escrevi esta história especialmente para ti. Espero
que te agrade.*

Tua cunhada afetuosa,

Agatha

Mas quem pensaria que o velho tinha tanto sangue em si?

Macbeth

PRIMEIRA PARTE

22 de Dezembro

Stephen levantou a gola do casaco, enquanto caminhava apressadamente ao longo da plataforma. Pairava sobre a estação um nevoeiro denso e as enormes locomotivas apitavam e atiravam para o ar frio e agreste nuvens de vapor. Parecia tudo sujo e enfarruscado de fumo.

«Que imundo país! Que porcaria de cidade!», pensou Stephen, repugnado.

Desvanecera-se a primeira impressão entusiástica que Londres lhe causara -- as suas lojas, os seus restaurantes, as suas mulheres atraentes e bem vestidas... Agora lembrava-lhe uma safira rutilante num engaste miserável.

Se estivesse na África do Sul... Sentiu uma pontinha de nostalgia. Sol, céu azul, jardins de belas e frescas flores azuis, sebes de dentárias, bons-dias azuis a trepar pelos muros de todas as casas.

Ao passo que ali só havia lama, sujidade e multidões intermináveis e incessantes, apressadas e aos empurrões. Formigas atarefadas, às voltas no formigueiro.

«Quem me dera não ter vindo!», pensou, por instantes.

Mas depois lembrou-se do seu objetivo e os seus lábios adquiriram uma expressão determinada. Com os diabos, iria para a frente! Havia anos que planeava, sempre quisera fazer.. o que ia fazer. Sim, iria para a frente!

Aquela relutância momentânea, aquele súbito interrogar-se -- «Porquê? Valerá a pena? Para quê revolver o passado? Porque não hei-de apagar tudo do pensamento?» --, tudo isso não passava de fraqueza, apenas. Não era um rapaz que se deixasse guiar por caprichos de momento; era um homem de quarenta anos, seguro de si, resoluto. Iria para a frente, faria o que o trouxera a Inglaterra.

Meteu-se no comboio e percorreu o corredor, à procura de lugar. Recusara um carregador, com um aceno de mão, e transportava ele próprio a sua mala de cabedal. Percorreu carruagem atrás de carruagem, mas o comboio estava cheio. Faltavam somente três dias para o Natal.

Stephen Farr olhava com desagrado as carruagens apinhadas.

Gente e mais gente, num afluxo incessante. E todos tão.. tão... -- como se dizia? -- ... todos com um aspecto tão *insípido*! Tão iguais, tão horrivelmente

iguais! Os que não tinham cara de carneiro, tinham-na de coelho... Uns tagarelavam e agitavam-se, outros, homens pesados, de meia-idade, grunhiam. Estes pareciam-se mais com porcos. Até as raparigas, esguias, de cara oval e lábios escarlates, eram de uma uniformidade deprimente.

Recordou, subitamente saudoso, as estepes extensas, requeimadas de sol e solitárias...

De repente, porém, susteve a respiração, ao espreitar para uma carruagem. Aquela rapariga era diferente. Cabelos pretos, tez leitosa, olhos que tinham em si os abismos e a escuridão da noite... Os olhos tristes e altivos do Sul. Não lhe parecia certo que tal rapariga estivesse ali, sentada naquele comboio, entre aquelas pessoas de aspecto insípido e aborrecido. Não, não lhe parecia certo que se dirigisse para o lúgubre interior da Inglaterra... Devia estar numa varanda, com um cravo entre os lábios e uma mantilha de renda preta a adornar-lhe a cabeça altiva. No ar devia andar poeira, calor e cheiro a sangue, o cheiro das arenas... Aquela rapariga devia encontrar-se num cenário especial, maravilhoso, e não apertada no canto de uma carruagem de terceira classe.

Como homem observador que se prezava de ser, não lhe passou despercebida a penúria do saia e

casaco preto, as luvas de tecido barato, os frágeis sapatos e a nota de desafio da malinha de um encamado berrante. Apesar disso, parecia-lhe esplendorosa, refinada, exótica...

Que diabo faria ela naquele país de nevoeiro, constipações e formigas apressadas e laboriosas?

«Tenho de saber quem é e o que faz aqui... Tenho de saber...», pensou.

II

Pilar, apertada contra a janela, pensava no singular cheiro dos Ingleses. Até então, o que mais a impressionara, acerca da Inglaterra, fora aquele cheiro diferente. Não cheirava a alho, nem a pó, e cheirava muito pouco a perfume. Ali, na carruagem, o odor era uma mistura de diversos odores: mofo, o cheiro a enxofre dos comboios, sabão e um outro cheiro, muito desagradável, que lhe parecia proveniente da gola de pele da mulherança sentada a seu lado. Pilar fungou delicadamente e aspirou, a contragosto, o cheiro a bolas de naftalina. Que perfume esquisito para uma pessoa usar!

Soou um apito, uma voz forte gritou qualquer coisa e o comboio abandonou, devagar, a estação. Ia a caminho...

O seu coração começou a bater mais depressa. Procederia bem? Seria capaz de realizar aquilo que se propusera fazer? Estudara tudo cuidadosamente, estava preparada para qualquer eventualidade... Oh, sim, seria bem sucedida! Tinha de ser bem sucedida...

A boca vermelha de Pilar arqueou-se, para cima, e tomou-se, de súbito, cruel. Cruel e sôfrega, como a boca de um bebê ou de um gatinho -- uma boca que só conhecia os próprios desejos e ainda ignorava a compaixão.

Olhou à sua volta, com a curiosidade franca de uma criança. Toda aquela gente... Oh, os ingleses eram tão estranhos! Pareciam todos muito ricos, muito prósperos.. o seu vestuário, o seu calçado... Sim, a Inglaterra devia ser, de fato, um país muito rico, como sempre ouvira dizer. Mas os Ingleses não eram nada alegres.. não, decididamente, não tinham alegria nenhuma!

Estava um homem simpático, de pé, na coxia... Pilar achou-o muito atraente, gostou do seu rosto bronzeado, do seu nariz aquilino e dos seus ombros quadrados. Mais depressa do que sucederia a

qualquer rapariga inglesa, compreendeu que o homem a admirava. Embora não o tivesse olhado diretamente uma só vez que fosse, sabia muito bem quantas vezes ele a olhara, e como.

Assinalou o fato sem grande interesse ou emoção. Na sua pátria os homens olhavam as mulheres com a maior naturalidade e sem o tentarem ocultar. Perguntou a si mesma se seria inglês e achou que não.

«Tem demasiada vivacidade, é demasiado real para ser inglês... No entanto, é louro. Talvez seja americano»» Achava-o parecido com os atores dos filmes do Oeste que vira.

Um empregado abriu caminho ao longo da coxia, a dizer:

--Primeiro almoço, por favor. Primeiro almoço. Ocupem os seus lugares para o primeiro almoço.

Os outros sete ocupantes do compartimento de Pilar tinham todos senhas para o primeiro almoço. Levantaram-se ao mesmo tempo e o compartimento ficou, de súbito, deserto e sossegado.

Pilar apressou-se a fechar a janela, que uma mulher grisalha, de ar autoritário, abrira alguns centímetros. Depois recostou-se confortavelmente no seu lugar, a observar, pelo vidro, os arrabaldes do lado norte de Londres. Não virou a cabeça ao

ouvir a porta fechar-se, embora soubesse que fora o homem do corredor que entrara, para conversar com ela.

Continuou a olhar, pensativamente, pela janela.

-- Deseja a janela aberta? -- perguntou-lhe Stephen Farr.

-- Pelo contrário -- replicou, em tom afetado. -- Acabei de a fechar.

Falava bem inglês, mas com ligeiro sotaque. «Tem uma voz deliciosa», pensou Farr, na pausa que se seguiu. «É uma voz que tem sol, quente como uma noite de Verão..»»

E Pilar pensou, também:

«Gosto da voz dele. É sonora e forte. E ele é atraente.. sim, é atraente»»

--O comboio vai muito cheio -- observou Farr.

--É verdade. Creio que as pessoas saem de Londres por ser tudo tão preto.

Pilar não fora educada na crença de que era crime conversar com desconhecidos, nos comboios. Sabia olhar por si tão bem como qualquer outra rapariga, sem precisar de se guiar por rígidos tabus.

Quanto a Stephen, se tivesse sido criado em Inglaterra talvez se sentisse constrangido ao puxar conversa com uma jovem desconhecida; mas era um

homem dado e achava natural conversar com quem lhe apetecesse.

Sorriu, por isso, sem constrangimento, ao perguntar.

--Londres é uma cidade terrível, não é?

--Oh, sim! Não gosto nada dela.

-- Nem eu.

--Não é inglês, pois não?

-- Sou britânico, mas natural da África do Sul.

-- Compreendo.

--Chegou há pouco do estrangeiro?

Pilar acenou afirmativamente. --Vim de Espanha.

--De Espanha? -- Stephen mostrou-se interessado. --

É, então, espanhola?

--Meio espanhola, pois a minha mãe era inglesa. É por isso que falo tão bem inglês.

--Que me diz da guerra?

-- Terrível... muito triste. Tem causado muitos estragos.

--De que lado está você?

A política de Pilar parecia muito vaga. Na sua aldeia, explicou, ninguém prestara grande atenção à guerra.

-- Não tem sido perto de nós, compreende? O regedor, como é funcionário do Governo, é pelo Governo, e o padre é pelo general Franco, mas a

maior parte das pessoas anda tão atarefada com as vinhas e a terra que não tem tempo para pensar nesses assuntos.

-- Quer dizer, então, que não houve combates perto de si?

Pilar respondeu que não, e acrescentou:

--Mas atravessei o país de automóvel e vi muita destruição. Também vi uma bomba cair e destruir um carro.. e outra destruiu uma casa. Foi emocionante!

Stephen Farr sorriu, de modo um pouco cínico. --Foi isso que lhe pareceu? Emocionante?

-- Foi um aborrecimento, também, pois eu estava com pressa, quis continuar a viagem, e o motorista do meu automóvel foi morto.

-- Isso não a transtornou? -- perguntou-lhe Farr, a observá-la.

Pilar arregalou os grandes olhos negros, ao exclamar:

--Todos temos de morrer! Não é verdade? Se a morte vem depressa, do céu *pum!*, paciência; é uma morte como outra qualquer. Estamos vivos durante um tempo e depois morremos... A vida é assim!

Stephen Farr riu-se.

Não creio que seja pacifista...

-- Não crê que eu seja o quê? -- Pilar parecia intrigada, pois desconhecia o temo.

--Perdoa aos seus inimigos, *señorita*?

Pilar abanou a cabeça.

--Não tenho inimigos, mas se tivesse...

-- Se tivesse?

Olhava-a, de novo fascinado pelo arquear daquela boca doce e cruel.

--Se tivesse um inimigo -- respondeu-lhe Pilar, em tom grave --, se uma pessoa me odiasse e eu a odiasse, cortar-lhe-ia as goelas, assim...

Exemplificou, com um gesto tão rápido e tão brutal que Stephen Farr ficou, por momentos, estupefato.

--É uma rapariga sanguinária! -- exclamou, por fim.

-- E você, que faria a um inimigo? -- perguntou-lhe Pilar, em tom casual.

Stephen fitou-a e depois riu-se à gargalhada. --Sei lá! -- exclamou. -- Sei lá!

--Deve saber, com certeza -- volveu a rapariga, em tom desaprovador.

Farr conteve o riso, respirou fundo e confessou, em voz baixa:

--Sim, sei... -- Depois mudou bruscamente de assunto e perguntou-lhe: -- Que veio fazer a Inglaterra?

-- Vim passar uns tempos com os meus parentes... com os meus parentes ingleses -- respondeu-lhe, com certa afetação.

-- Compreendo.

Farr recostou-se no banco, a observá-la e a perguntar-se como seriam esses parentes ingleses de que ela falava, o que pensariam daquela espanhola desconhecida. Tentou imaginá-la entre uma sóbria família britânica, no Natal, mas Pilar interrompeu-lhe os pensamentos:

--A África do Sul é bonita?

Começou a falar-lhe da África do Sul, e ela escutou-o com a atenção e o prazer de uma criança a ouvir contar uma história. Stephen achava graça às suas perguntas ingênuas mas sensatas, e divertia-se a transformar tudo numa espécie de conto de encantar exagerado.

O regresso dos outros ocupantes da carruagem pôs fim à conversa. Farr levantou-se, sorriu-lhe e voltou para o corredor.

Ao desviar-se um instante, à porta, a fim de deixar passar uma senhora de idade, leu, interessado, o rótulo da mala de verga da rapariga: *Miss Pilar Estravados*. Depois, ao ler o endereço, os seus olhos arregalaram-se de espanto e de qualquer outro

sentimento indefinido: *Gorston Hall, Longdale, Addlesfield.*

Deu meia volta e fitou a jovem com uma expressão nova, em que se misturavam o ressentimento, a perplexidade e a desconfiança. Transpôs a porta e acendeu um cigarro, de testa franzida.

III

Na grande sala azul e dourada de Gorston Hall, Alfred Lee e Lydia, sua mulher, faziam planos para o Natal. Alfred era um homem de meia-idade, ombros largos, rosto bondoso e meigos olhos castanhos, que falava em voz serena e formal e pronunciava as palavras com clareza. Tinha a cabeça afundada nos ombros e dava uma curiosa impressão de inércia. Lydia, a mulher, respirava energia e vitalidade. Apesar de extraordinariamente magra, havia graciosidade e desembaraço em todos os seus movimentos.

--O pai insiste! -- exclamou Alfred. -- Não há nada a fazer.

Lydia dominou um súbito movimento de impaciência e replicou:

--Tens de lhe fazer sempre as vontades?

--É um homem muito velho, minha querida...

--Oh, eu sei, eu sei!

--Espera que lhe façam a vontade.

--Naturalmente, pois sempre lha fizeram! -- replicou Lydia, irritada. -- No entanto, uma vez por outra, seria conveniente que te opusesses.

--Que queres dizer, Lydia?

Olhou-a tão visivelmente preocupado e surpreendido que, por momentos, a mulher mordeu os lábios e pareceu hesitar, sem saber se devia continuar ou não.

--Que queres dizer, Lydia? -- repetiu Alfred Lee.

Encolheu os graciosos ombros magros e respondeu, a escolher cuidadosamente as palavras:

-- O teu pai tem tendência para ser.. despótico...

-- É velho.

--Envelhecerá ainda mais e, por conseqüência, tomar-se-á ainda mais despótico. Aonde nos levará isso? Agora já é ele quem dirige, por completo, as nossas vidas, não podemos, sequer, fazer um plano seja acerca do que for, pois arriscamo-nos a que o modifique.

--É verdade que o meu pai espera ter prioridade em tudo, mas lembra-te de que é muito bom para nós...

--Bom para nós!

-- *Muito bom* para nós -- repetiu Alfred, com certa severidade.

--Financeiramente, queres to dizer? -- perguntou-lhe a mulher, muito calma.

--Sim. As suas necessidades são muito simples, mas nunca nos nega dinheiro. Podes gastar o que te apetece em vestidos e nesta casa, e ele paga as contas sem um murmúrio. Ainda a semana passada nos deu um carro novo.

--No que respeita a dinheiro, é, de fato, muito generoso, mas em troca espera que procedamos como seus escravos.

-- Escravos?

-- Foi essa a palavra que empreguei. To és seu escravo, Alfred. Se decidimos sair, mas o teu pai deseja, de súbito, que não saíamos, cancelas tudo e ficas em casa, sem tugir nem mugir! Se, pelo contrário, o capricho lhe dá para nos mandar passear, lá vamos nós... Não temos vida privada, nem independência.

-- Gostaria que não falasses assim, Lydia -- murmurou o marido, penalizado. -- E uma grande ingratidão, pois o meu pai fez tudo por nós...

Lydia conteve uma réplica azeda e encolheu outra vez os ombros.

--Sabes que o velhote é muito meu amigo... --
tartamudeou o marido.

-- Pois eu não sou nada amiga dele -- afirmou,
categórica e claramente.

--Magoa-me ouvir-te falar assim, querida. É tão
pouco generoso...

-- Será, mas às vezes sentimos um desejo incontido
de dizer a verdade.

--Se o pai imaginasse...

-- O teu pai sabe perfeitamente que não gosto dele!
Creio que isso o diverte.

-- Francamente, Lydia, tenho a certeza de que estás
enganada a esse respeito. Tem-me gabado muitas
vezes a tua atitude encantadora para com ele.

-- Claro que sempre fui e continuarei a ser delicada.
Estou apenas a informar-te dos meus verdadeiros
sentimentos. Antipatizo com o teu pai, Alfred, estou
convencida de que é um velho maldoso e tirânico.
Intimida-te e abusa da tua afeição por ele. Devias
ter-te imposto, há anos.

-- Basta, Lydia! -- ordenou, firmemente. -- Não digas
mais nada, por favor.

A mulher suspirou.

-- Desculpa, talvez esteja enganada... Falemos dos
nossos planos de Natal. Achas que o teu irmão
David virá, realmente?

-- Porque não?

-- O David é... estranho. -- Abanou a cabeça, duvidosa.

-- Lembra-te de que não entra cá em casa há anos. Era tão dedicado à tua mãe que não se deve sentir aqui bem, agora.

--O David buliu sempre com os nervos do pai, por causa da sua música e dos seus ares sonhadores... O pai talvez tenha sido um pouco duro com ele, de vez em quando. Mas estou convencido de que o David e a Hilda não deixarão de vir. É Natal...

-- Paz e boa vontade. -- Os cantos da boca delicada de Lydia arquearam-se ironicamente para cima.

-- Duvido! O George e a Magdalene vêm, disseram que deviam chegar amanhã. Receio que a Magdalene se aborreça monumentalmente.

--Nunca percebi o que levou o meu irmão George a casar com uma rapariga vinte anos mais nova do que ele! -- exclamou Alfred, com certa irritação. -- Foi sempre um idiota.

--Tem tido muito êxito na sua carreira e os seus eleitores estimam-no. Creio que a mulher trabalha muito para ele, politicamente.

-- Não gosto muito dela -- murmurou Alfred, devagar. -- E muito atraente, não nego, mas às vezes apetece-me compará-la a uma dessas belas pêras

muito rosadas e brilhantes, por fora... -- Abanou a cabeça, sem concluir a frase.

-- E podres por dentro? Espanta-me que digas isso, Alfred!

-- Porquê?

--Porque, geralmente, és a bondade em pessoa, quase nunca dizes uma palavra desagradável acerca seja de quem for. Às vezes até me irritas, por não seres.. como hei-de dizer?.. por não seres suficientemente desconfiado.

Alfred sorriu.

-- Estou convencido de que o mundo é como nós o fazemos...

-- Não! -- protestou Lydia, em tom veemente. -- O mal não está só no nosso pensamento, o mal existe! Parece não teres consciência do mal que existe no mundo, mas eu tenho, eu sinto-o! Senti-o sempre, aqui nesta casa...

-- Mordeu os lábios e virou-se. -- Lydia...

Mas a mulher ergueu rapidamente a mão, num aviso, enquanto olhava para qualquer coisa, por cima dos ombros do marido. Alfred virou-se.

À porta encontrava-se um homem moreno, de rosto blandicioso e ar deferente.

-- Que deseja, Horbury? -- perguntou-lhe Lydia, secamente.

-- Mister Lee mandou-me dizer-lhe, minha senhora, que chegariam mais dois convidados, para o Natal -
- respondeu, em voz muito baixa e cortês. -- Pediu que lhes preparasse os quartos.

-- Mais dois convidados? -- perguntou, admirada.

-- Sim, minha senhora, mais um cavalheiro e uma jovem.

--Uma jovem? -- repetiu Alfred, intrigado.

--Foi o que Mister Lee disse.

--Vou lá acima falar-lhe... -- começou Lydia.

Horbury deu um passo apenas, mas chegou para deter Lydia.

--Desculpe, minha senhora, mas Mister Lee está a repousar. Recomendou-me especialmente que não o incomodassem.

-- Claro que não o incomodaremos -- declarou Alfred.

-- Muito obrigado.

Horbury retirou-se e Lydia exclamou, apaixonadamente:

-- Oh, como antipatizo com este homem! Desliza pela casa como um gato, nunca o ouvimos chegar nem partir.

-- Também não gosto muito dele, mas percebe do seu ofício. Atualmente não é fácil arranjar um bom

enfermeiro, efetivo. De resto, o pai gosta dele, e isso é o principal.

-- Sim, isso é o principal, como to dizes. Que história será esta da tal jovem, Alfred? Quem será?

--Não faço idéia. Não me ocorre ninguém que possa ser...

Fitaram-se. Depois Lydia torceu a boca expressiva e perguntou ao marido:

--Sabes o que penso, Alfred?

--O que é?

--Penso que o teu pai se tem sentido aborrecido, ultimamente, e prepara uma pequena diversão natalícia.

--Trazendo dois desconhecidos para uma reunião de família?

-- Desconheço os pormenores, mas apostava que o teu pai se prepara para se divertir.

-- Se assim for, espero que não fique desiludido e encontre algum prazer -- disse Alfred, em tom grave. -- Pobre velhote, imobilizado, inválido, depois da vida aventureira que levou!

Lydia repetiu, devagar:

--Depois da vida.. aventureira que levou. -- A pausa que fez antes do adjetivo imprimiu-lhe um significado especial, ainda que obscuro.

Alfred pareceu compreender, corou e ficou com um ar triste.

--Não consigo perceber como arranjou um filho como tu -- exclamou, de súbito, Lydia. Vocês são dois extremos opostos.. e ele fascina-te, adora-lo!

-- Não estás a exagerar um pouco, Lydia? perguntou-lhe o marido, um pouco vexado. Creio que é natural um filho amar o pai. O contrário é que o não seria.

-- Nesse caso, a maioria dos membros desta família são.. desnaturados! Pronto, não discutamos! Peço desculpa, sei que feri os teus sentimentos. Acredita, no entanto, que não era essa a minha intenção. Admiro muitíssimo a tua.. *fidelidade*. A lealdade é uma coisa tão rara, nos tempos que correm! Digamos que tenho ciúmes. Se é verdade que as mulheres têm ciúmes das sogras, porque não os hão-de ter dos sogros?

--A tua língua é uma precipitada, Lydia! -- exclamou o marido enlaçando-a ternamente pela cintura. -- Não tens motivo nenhum para sentir ciúmes.

A mulher beijou-lhe a ponta da orelha, numa carícia delicada, de arrependimento.

--Bem sei. Contudo, Alfred, creio que não teria ciúmes nenhuns da tua mãe. Gostava de a ter conhecido.

-- Era uma pobre mulher -- redargüiu o marido, a suspirar.

-- Foi essa a impressão que te causou? -- perguntou-lhe, interessada. -- Uma pobre mulher? Parece interessante.

--Lembro-me de a ver quase sempre doente... muitas vezes a chorar... -- Abanou a cabeça, compadecido. -- Faltava-lhe personalidade.

Sem deixar de o fitar, Lydia murmurou, docemente:

--É muito estranho...

Alfred olhou-a, interrogadoramente, mas ela abanou a cabeça e apressou-se a mudar de assunto:

--Como não nos é permitido saber quem são os nossos misteriosos convidados, vou lá para fora continuar a tratar do jardim.

--Está muito frio, querida. O vento corta.

-- Agasalho-me bem.

Saiu da sala. Ao ficar só, Alfred demorou-se uns momentos imóvel, de testa franzida, e depois encaminhou-se para junto da grande janela, ao fundo. Do lado de fora havia um terraço, a todo o comprimento da casa. Decorridos poucos minutos, viu Lydia aparecer, com um cesto de fundo chato e

envolvida num casaco grosso. A mulher pousou o cesto e começou a trabalhar numa espécie de tanque quadrado, de pedra, que se erguia um pouco acima do nível do terreno.

O marido observou-a, durante algum tempo, e por fim saiu também da sala, foi buscar um casaco e um cachecol e dirigiu-se igualmente para o terraço, por uma porta lateral. Passou por diversos outros tanques de pedra, transformados em jardins miniaturais, todos produto dos dedos hábeis de Lydia.

Um representava uma paisagem de deserto, com fina areia amarela, um maciço de palmeiras, de folha estanhada colorida, uma procissão de camelos, um ou dois árabes e algumas casas de lama, feitas de plasticina; havia um jardim italiano, com terraços e canteiros formais de flores de lacre colorido; um ártico, com bocados de vidro verde a fazer de icebergues e um bando de pingüins, e um japonês, com duas belas árvores anãs, espelhos a fingir água e pontes modeladas em plasticina.

Alfred chegou, por fim, ao tanque onde a mulher se encontrava a trabalhar. Lydia assentara no fundo papel azul e cobrira-o de vidro, amontoando à volta pedaços de rocha. No momento em que o marido chegou, despejava um saquinho de seixos, com os

quais formava uma praia. Entre as rochas erguiam-se alguns cactozinhos.

-- Exatamente, era isso mesmo... -- murmurava, para consigo. -- Era isto mesmo que queria...

-- Que representa esta última obra de arte? -- perguntou-lhe o marido.

Lydia estremeceu, pois não o ouvira chegar. -- Isto? E o mar Morto, Alfred? Gostas?

-- Um pouco árido, não achas? Não devia ter mais vegetação?

--E esta a idéia que faço do mar Morto -- respondeu-lhe, a abanar a cabeça. -- Está morto, compreendes?

--É menos atraente do que alguns dos outros.

--Não pretendo que seja especialmente atraente.

Soaram passos no terraço. Um mordomo idoso, de cabelos brancos e um pouco curvado, aproximava-se do casal.

-- Mistress George Lee está ao telefone, minha senhora. Pergunta se será conveniente ela e Mister George chegarem amanhã, às cinco horas e vinte.

--Diga-lhe que está muito bem a essa hora.

--Obrigado, minha senhora. O mordomo afastou-se e Lydia seguiu-o com o olhar, um pouco enternecida.

--Querido Tressilian! É uma grande ajuda. Não sei que faríamos sem ele.

-- Pertence à velha escola -- concordou o marido. -- Está conosco há quase quarenta anos e é dedicado a todos nós.

-- É verdade. Lembra osaios antigos, dos romances... Creio que seria capaz de mentir descaradamente, se tal fosse preciso, para proteger qualquer membro da família.

--Não tenhas dúvida.. não tenhas dúvida... Lydia dispôs o último seixo.

--Está pronto! -- exclamou.

--Pronto? -- repetiu Alfred, distraído.

--Pronto para o Natal, pateta! replicou a mulher, a rir. -- Para o sentimental Natal de família que vamos ter.

IV

David relia a carta. A certa altura, amachucou-a numa bola e afastou-a de si, mas depois endireitou-a e leu outra vez.

Hilda, a mulher, observava-o em silêncio. Reparou no músculo -- ou seria um nervo? -- que lhe latejava na têmpora, no leve tremor das suas mãos compridas e delicadas e nos estremecimentos espasmódicos de todo o seu corpo. Quando David

afastou a madeixa loura que lhe caía constantemente para a testa e a fitou com suplicantes olhos azuis, Hilda estava preparada.

-- Que fazemos, Hilda?

A mulher hesitou um instante. Ouvira a súplica da sua voz e sabia até que ponto ele dependia dela -- dependera sempre, desde o casamento. Sabia também que talvez pudesse influenciar a sua decisão, decisivamente, e por isso mesmo evitou dar uma resposta concludente.

A sua voz, ao responder-lhe, tinha a tranqüilizadora suavidade da voz de uma ama experiente, num quarto de crianças:

--Depende do que sentires a tal respeito, David.

Hilda era uma mulher robusta e sem beleza, mas possuidora de um certo magnetismo. Havia nela um não sei quê que lembrava uma pintura holandesa, havia calor e ternura no som da sua voz e desprendia-se do seu ser aquela espécie de energia vital oculta, que atrai os fracos. Espadaúda, gorda, de meia-idade e intelectualmente pouco ou nada brilhante, Hilda tinha *qualquer coisa* que não se podia ignorar. Força! Hilda Lee tinha força!

David levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Poucos fios prateados brilharam na sua cabeleira loura e o seu aspecto era

singularmente juvenil. A sua cara tinha a expressão suave da de um cavaleiro de Bume-Jones, uma expressão que, de certo modo, não parecia real, verdadeira.

--Tu sabes o que sinto, Hilda -- redargüiu, em tom melancólico. Tens obrigação de saber. --Não tenho a certeza...

--Mas já te disse, já te disse e repeti, vezes sem conta! Já te disse como odeio tudo aquilo, a casa, a região, tudo! Só me provoca recordações tristes. Oh, como odiei todos os momentos que lá passei! Quando penso.. quando penso em tudo o que *ela* sofreu, a minha mãe...

A mulher acenou com a cabeça, compreensivamente.

--Era tão tema, Hilda, e tão paciente! Estendida na cama, muitas vezes cheia de dores, mas a suportá-las, a suportar tudo! E quando penso na angústia e no sofrimento que o meu pai lhe causava -- o seu rosto tomou-se carrancudo --, a gabar-se das suas aventuras amorosas, a humilhá-la, culpado de uma infidelidade constante e sem se dar, sequer, ao trabalho de a ocultar!

-- Ela não lho devia ter tolerado, devia tê-lo deixado -- disse Hilda.

-- A sua bondade não lhe permitia proceder desse modo -- redargüiu, em tom de leve censura. -- Considerava seu dever ficar. De resto, era a sua casa. Para onde querias que fosse?

--Podia ter-se tomado independente...

--Naquele tempo? -- perguntou, agastado. -- Não compreendes! As mulheres não procediam como hoje, resignavam-se, suportaram tudo pacientemente. Além disso, a minha mãe pensava em nós. Se se divorciasse do meu pai, que sucederia? Ele voltaria a casar, provavelmente, e constituiria uma nova família. Os *nossos* interesses podiam ficar prejudicados. A minha mãe teve de tomar tudo isto em consideração.

Hilda não respondeu, e David prosseguiu:

--Procedeu bem, foi uma santa! Sofreu até ao fim, sem se queixar.

-- Alguma coisa se deve ter queixado, pois de contrário não saberias tanto como sabes, David.

--Sim, contou-me algumas coisas -- concordou David, docemente. -- Sabia quanto eu a amava. Quando morreu...

Calou-se e passou as mãos pelo cabelo.

--Foi terrível, Hilda, pavoroso! Que desolação! Ainda era nova, *não precisava* de ter morrido! Foi ele que a matou, o meu pai! Foi o responsável pela sua

morte, despedaçou-lhe o coração. Não pude continuar a viver debaixo do seu teto, vim-me embora, afastei-me daquilo tudo.

--Foste muito sensato, procedeste como devias.

-- O meu pai queria que eu fosse para as fábricas, mas para isso teria de continuar a viver lá em casa. Não o poderia suportar. Não sei como o Alfred agüenta, como tem agüentado todos estes anos.

--Nunca, se revoltou? -- perguntou Hilda, com certo interesse. -- Lembro-me de me teres dito que desistiu de uma carreira qualquer.

David acenou afirmativamente.

--O Alfred estava destinado ao Exército. O meu pai planeara tudo. Alfred, o primogênito, pertenceria a um regimento de cavalaria qualquer, o Harry e eu iríamos para as fábricas e o George seguiria a carreira política.

--E não sucedeu assim?

--O Harry transtornou tudo. Foi sempre um grande estouvado, contraía dívidas e arranjava toda a espécie de sarilhos. Por fim, um dia, foi-se embora com algumas centenas de libras que não lhe pertenciam e deixou um bilhete a dizer que o trabalho de escritório não se coadunava com a sua natureza e que ia ver mundo.

--Nunca mais tiveram notícias dele?

-- Oh, tivemos! -- David deu uma gargalhada. -- Não fez outra coisa senão telegrafar, de todos os cantos do mundo, a pedir dinheiro! E a verdade é que, regra geral, o conseguia!

--E o Alfred?

-- O pai obrigou-o a desistir do Exército, a regressar a casa e a trabalhar nas fábricas.

-- Ele importou-se?

Muito, ao princípio. Detestou. Mas o pai soube sempre lidar com o Alfred sem a menor dificuldade. Creio que ainda hoje o domina por completo.

--E tu... escapaste! -- exclamou Hilda.

--É verdade. Fui para Londres estudar pintura. O pai avisou-me sem subterfúgios de que, se fizesse semelhante tolice, me daria uma pequena pensão, enquanto vivesse, mas não me deixaria nada quando morresse. Respondi-lhe que não me importava e ele chamou-me parvo. Depois disso, nunca mais o vi.

--E não te arrependeste?

--Não. Sei que não irei longe com a minha arte, que nunca serei um grande artista... Mas somos felizes nesta vivenda, temos tudo quanto precisamos, tudo quanto é essencial. Se eu morrer, terás o meu seguro de vida.

Calou-se, uns momentos, e depois acrescentou dando uma palmada na carta:

--E agora.. *isto!*

--Lamento que o teu pai a tenha escrito, se te transtorna tanto.

-- Pede-me que leve a minha mulher e diz esperar que possamos passar o Natal todos juntos, como uma: família unida! -- exclamou David, como se não a ouvisse. -- Que significará isto?

--Tem de significar alguma coisa, além do que diz? -
- perguntou-lhe a mulher.

David olhou-a, interrogadoramente.

-- Lembra-te de que o teu pai está a envelhecer -- explicou Hilda, a sair. -- A velhice toma-nos, às vezes, sentimentais, no que respeita a laços de família.

--Sim, é verdade...

--O teu pai está velho e sente-se só.

--Queres que vá, não queres, Hilda?

--Parece-me lamentável não corresponder a um apelo -- murmurou a mulher, devagar. -- Talvez as minhas idéias sejam antiquadas, mas porque não há-de haver um pouco de paz e de boa vontade, no Natal?

--Depois de tudo quanto te disse?

-- Eu sei, querido, eu sei... Mas tudo isso é passado, o que lá vai, lá vai.

--Para mim, não.

--E sabes porquê? *Porque não deixas o passado morrer.* Mantém-lo vivo, no teu espírito.

--Não posso esquecer.

--Diz, antes, que não queres esquecer, David.

-- Nós, Lees, somos assim -- declarou o marido, em tom firme. -- Lembramo-nos das coisas anos a fio, remoemos nelas... Mantemos a memória fresca.

--Consideras isso motivo de orgulho? -- perguntou-lhe Hilda, um pouco impaciente. -- Eu não considero.

O marido olhou-a pensativamente, com certa reserva, e inquiriu:

--Nesse caso, não atribuis muita importância à lealdade, à fidelidade a uma recordação?

-- Considero o *presente* importante, e não o passado! Devemos esquecer o passado, pois creio que se teimamos em o conservar vivo acabaremos por o deturpar. Vemo-lo com exagero, de uma falsa perspectiva.

-- Lembro-me perfeitamente de todos os incidentes e de todas as palavras desses tempos! -- afirmou David, em tom apaixonado.

-- Mas não te devias lembrar, querido, não é natural. Vês esses tempos com os olhos e o espírito de um rapaz, quando os devias ver com o olhar e o espírito mais moderado de um homem.

-- Que diferença faz?

Hilda hesitou. Tinha consciência de que não era sensato prosseguir, mas ao mesmo tempo havia certas coisas que desejava muito dizer.

-- Creio que vês o teu pai como um demônio, que o exaltas e consideras uma espécie de personificação do Mal. Provavelmente, se o visses agora, verificarias que não passa de um homem vulgar, de um homem a quem as paixões talvez tenham dominado e cuja vida esteve longe de ser irrepreensível, mas que é, apesar de tudo, apenas um homem e não uma espécie de monstro desumano.

--Não compreendes! A maneira como ele tratou a minha mãe...

--Há uma espécie de humildade, de submissão, capaz de trazer à superfície o que há de pior num homem; num homem que, tratado com determinação e espírito combativo, poderia mostrar-se um ser absolutamente diferente.

--Queres, então, dizer que a culpa foi dela?

--Não, claro que não! Não duvido de que o teu pai tratou a tua mãe pessimamente, mas o casamento é um fenómeno extraordinário.. e não me parece que um terceiro, ainda que seja filho do casal, tenha o direito de julgar. Além disso, todo esse teu ressentimento já não pode ajudar a tua mãe. Já lá vai tudo, passou, nada podes fazer! O que resta de toda essa tempestade é um velho doente, que pede ao filho que vá passar o Natal com ele.

--E tu queres que eu vá?

Hilda hesitou de novo, mas por fim decidiu-se: Quero, sim. Quero ir e derrubar o papão de uma vez por todas.

V

George Lee, deputado por Westeringham, era um cavalheiro um tanto ou quanto corpulento, de quarenta e um anos. Tinha olhos azul-claros, ligeiramente protuberantes e desconfiados, papada e voz lenta e pedante.

--Já te disse, Magdalene, que considero meu *dever* ir -- declarou, pomposamente.

A mulher encolheu os ombros, cheia de impaciência. Era uma loura platinada, esguia, de

sobrancelhas rapadas e suave rosto oval que, em certas ocasiões, parecia absolutamente desprovido de expressão. Aquela era uma dessas ocasiões.

--Mas, meu amor, estou certa de que será muito aborrecido!

-- De resto -- prosseguiu George Lee, e o seu rosto iluminou-se, como se lhe tivesse ocorrido uma idéia deveras agradável --, permitir-nos-á poupar muito. O Natal é sempre uma quadra dispendiosa. Podemos deixar aos criados um tanto para comerem...

--Paciência! exclamou Magdalene. -- No fim de contas, o Natal é sempre aborrecido, em toda a parte.

-- Creio que eles esperam um jantar no Natal? -- perguntou George, a seguir o fio dos seus pensamentos. -- Um bom pedaço de carne, talvez, em lugar de peru...

--Quem? Os criados? Oh, George, deixa-te dessas mesquinhices! Estás sempre a preocupar-te por causa do dinheiro.

--Alguém tem de se preocupar...

--Pois sim, mas é absurdo poupar e regatear em rodas essas ninharias. Porque não convences o teu pai a dar-te mais dinheiro?

--Ele já me dá uma pensão muito generosa.

--É horrível estar absolutamente dependente do teu pai, como estás! Ele devia colocar uma soma em teu nome.

--Talvez, mas não é essa a sua maneira de proceder. Madgalene fitou-o. Nos seus olhos cor de avelã brilhava, de súbito, uma expressão atenta e interessada e o seu rosto oval deixara de ser inexpressivo.

-- É terrivelmente rico, não é, George? Uma espécie de milionário?

--Duas vezes milionário, creio.

Madgalene soltou um suspiro de inveja.

-- Onde arranjou ele todo esse dinheiro? Na África do Sul, não foi?

-- Sim, fez lá uma grande fortuna, quando era novo. Em diamantes, sobretudo.

-- Emocionante!

-- Depois regressou a Inglaterra, meteu-se em negócios e, segundo creio, a sua fortuna duplicou ou triplicou.

--Que sucederá, quando ele morrer?

--O pai nunca falou muito no assunto e, claro, não é coisa que se possa perguntar. Suponho que o grosso da sua fortuna será repartido entre o Alfred e eu. Claro que o Alfred receberá a parte de leão...

--Mas vocês têm outros irmãos, não têm?

--Há o David, mas não creio que receba grande coisa. Saiu de casa para se dedicar à arte ou a qualquer outra patacoada do gênero. Creio que o pai o advertiu de que o deserdaria e David respondeu que não se importava.

--Que estúpido! exclamou Magdalene, desdenhosa.

-- Havia, também, a minha irmã, Jennifer. Foi-se embora com um estrangeiro qualquer, um artista espanhol, amigo do David, e morreu há um ano. Creio que deixou uma filha. É possível que o pai lhe faça um pequeno legado, mas pouca coisa. E, claro, há o Harry... Calou-se, um pouco embaraçado.

-- O Harry? -- perguntou-lhe a mulher, surpreendida.

-- Quem é o Harry?

--É... é meu irmão.

--Não sabia que tinhas outro irmão!

--Minha querida, ele nunca foi.. hum.. enfim, nunca nos deu motivos de orgulho, pelo contrário. Procedeu de modo muito lamentável. Há alguns anos já que não temos notícias suas. Talvez até já tenha morrido.

Magdalene desatou a rir, inesperadamente. --De que te ris?

--Acho divertido que tu, tu, George, tenhas um irmão pouco respeitável! Tu, que és tão respeitável!

--Esforço-me por isso -- replicou George, friamente.

--O teu pai não é... muito respeitável, pois não, George?

-- .Francamente, Magdalene!

--Às vezes diz coisas que me deixam constrangida...

--Surpreendes-me, Magdalene. A Lydia... a Lydia é da mesma opinião?

-- Ele não lhe diz a ela o que me diz a mim! replicou, irritada.

-- Não, o teu pai nunca diz à Lydia as coisas que me diz a mim, embora eu não compreenda porquê.

George olhou-a, mas apressou-se a desviar o olhar.

-- Enfim, devemos dar desconto... -- murmurou, em tom vago. -- Na sua idade, e tão mal de saúde... Ele está, realmente, muito doente?

-- Bem, não diria tanto... E riço... Como quer reunir a família toda à sua volta, no Natal, acho que devemos ir. Talvez seja o seu último Natal...

--Dizes isso, George, mas eu suponho que ainda poderá durar anos.

Um pouco cabisbaixo, o marido gaguejou:

--Sim, sim.. claro que pode. -- Enfim, creio que fazemos bem em ir concordou Magdalene.

--Não tenho dúvidas a esse respeito.

--Mas a verdade é que vou detestar! O Alfred é muito enfadonho e a Lydia trata-me com desdém.

-- Tolice!

-- Trata, sim! Além disso, detesto aquele antipático criado.

-- O velho Tressilian?

--Não, o Horbury. Anda todo sorrateiro, como um gato, sempre a espreitar e a sortir cinicamente.

--Com franqueza, Magdalene, em que te pode importar que o Horbury seja assim ou assado?

--Bule-me com os nervos, pronto! Mas não te preocupes com isso; compreendo perfeitamente que devemos ir, pois seria má política ofender o velho.

--Exatamente! Quanto ao jantar de Natal dos criados...

--Agora não, George; falaremos a esse respeito noutra ocasião. Vou telefonar à Lydia e dizer-lhe que chegamos amanhã, no comboio das cinco horas e vinte.

Magdalene saiu precipitadamente da sala. Depois de telefonar foi para o seu quarto e sentou-se à secretária. Levantou a tampa e remexeu nos vários cacifos, dos quais tirou um nunca acabar de faturas. Tentou arrumá-las com certa ordem, mas por fim suspirou, impacientemente, e guardou-as outra vez, a monte. Passou a mão pela cabeça platinada e murmurou:

--Que hei-de fazer?

VI

No primeiro andar de Gorston Hall havia um corredor comprido que conduzia a um grande quarto, na frente da casa. Era um quarto mobiliado à antiga, aparatosamente, com o papel das paredes a imitar brocado pesado, enormes poltronas de couro, grandes vasos com dragões em relevo, esculturas de bronze, etc. Enfim, tudo quanto nele se encontrava era magnificante, caro e sólido.

Numa grande poltrona, a maior e a mais imponente de todas, estava sentado um velho magro e mirrado. As suas mãos compridas, semelhantes a garras, repousavam nos braços da cadeira, e tinha a seu lado uma bengala com engastes de ouro. Vestia um roupão azul, coçado, calçava sapatos de feltro e tinha o cabelo branco e a pele do rosto amarelada.

A primeira vista parecia um velho insignificante e débil, mas o nariz aquilino e altivo e os olhos escuros e cheios de vivacidade, obrigavam qualquer observador a mudar de opinião. Ali havia fogo, vida e vigor.

O velho Simeon Lee riu-se sozinho, num riso esganiçado e súbito, de divertimento.

-- Deu o meu recado a Mistress Alfred? -- perguntou a Horbury, que estava de pé ao lado da cadeira.

--Dei, sim, senhor, -- respondeu o homem, na sua voz suave e deferente.

--Repetiu, exatamente, as palavras que lhe disse? Exatamente, hem?

--Sim, senhor. Não me enganei, senhor.

-- Não, você não se costuma enganar. E é melhor assim, pois de contrário arrepender-se-ia! Que lhe respondeu ela, Horbury? E Mister Alfred, que disse?

Serenamente, sem a mínima emoção, Horbury repetiu o que se passara.

O velho riu-se outra vez e esfregou as mãos de contente.

--Esplêndido! De primeira categoria! Devem ter passado a tarde a matutar, a espremer os miolos com perguntas! Esplêndido! Agora quero recebê-los. Vá busca-los.

-- Sim, senhor.

Horbury atravessou o aposento, silenciosamente, e saiu.

-- Ouça, Horbury... -- O velho olhou para trás e praguejou, entre dentes. -- Desliza como um gato, nunca sei onde está!

Esperou, muito quieto, a passar os dedos pelo queixo, até que bateram à porta, ao de leve, e Alfred e Lydia entraram.

--Ah, são vocês, são vocês! Lydia, minha querida, senta-te aqui, ao meu lado... Tens uma linda cor.

-- Estive no terraço, ao frio, e por isso fiquei com a cara corada.

-- Como está, pai? -- indagou Alfred. -- Dormiu uma boa sesta, esta tarde?

-- De primeira, de primeira! Sonhei com os tempos que já lá vão... Refiro-me àqueles em que ainda não assentara nem me transformara num pilar da sociedade. -- Uma gargalhada súbita sacudiu-o todo.

A nora sentou-se, em silêncio, a sortir delicadamente.

-- Quais são as outras duas pessoas que espera para o Natal, pai? -- perguntou Alfred.

--Ah, sim, tenho de te falar nisso! Vai ser um grande Natal para mim, um grande Natal! Ora deixa-me ver... Vêm o George e a Magdalene...

-- Chegam amanhã, no comboio das cinco horas e vinte -- informou Lydia.

--Pobre George, não passa de um saco de vento! No entanto, é meu filho...

--Os eleitores gostam dele -- lembrou Alfred, e Simeon soltou nova gargalhadinha.

--Provavelmente julgam-no honesto... Honesto!

--Até agora, não houve nenhum Lee honesto.

--Com franqueza, pai!

--Exceto tu, meu filho, exceto tu.

--E o David? -- perguntou Lydia.

--Ah, o David! Confesso que estou com curiosidade de o ver, depois de todos estes anos. Era um rapaz piegas... Como será a mulher dele? Pelo menos não casou com uma rapariga vinte anos mais nova, como o idiota do George!

-- A Hilda escreveu uma carta muito simpática -- disse Lydia. -- Há pouco recebi um telegrama dela, a confirmar que chegam amanhã.

O sogro fitou-a, com um olhar vivo e penetrante, e riu-se.

-- Eu bem tento, mas a Lydia nunca me dá troco! -- exclamou. -- Uma coisa que devo dizer em teu favor, é que és uma mulher bem-educada. A educação tem muita importância. Mas já a hereditariedade é uma coisa cômica: de toda a ninhada, só um de vocês se parece comigo. Só um! Os seus olhos brilhavam de malícia.

-- Adivinhem, agora, quem vem cá passar o Natal --
prosseguiu, após uma pausa. -- Aposto cinco libras
em como não adivinham!

Olhou de um para o outro, muito divertido.

--O Horbury disse que o pai esperava uma jovem... -
- murmurou Alfred, de testa franzida.

-- E isso intrigou-te, hem? A Pilar deve chegar de
um momento para o outro. Mande o carro buscá-la.

--*Pilar?* -- admirou-se Alfred.

-- Pilar Estravados, a filha de Jennifer e minha neta.
Como será ela, hem?

--Meu Deus, pai, não me tinha dito...

--Não, preferi guardar segredo -- interrompeu-o o
velho, a sorrir. Pedi ao Charlton que escrevesse e
combinasse tudo.

-- Não me tinha dito... -- repetiu Alfred, em voz
magoada e com um ressaibo de censura.

-- Se te dissesse, estragaria a surpresa! interrompeu-
o, de novo, o pai, sem deixar de sortir
maliciosamente. Imagina o que será ter outra vez
sangue novo debaixo deste teto! Nunca conheci o
Estravados. A pequena parecer-se-á com a mãe ou
com o pai?

--Acha sensato, pai? Tendo em consideração...

-- Lá vens to com a tua mania da segurança!
Exageras, Alfred, exageraste sempre, a esse respeito!

Eu nunca procedi assim, o meu lema foi sempre o mesmo: Faz o que te apetecer, e manda ao diabo o resto! A rapariga é minha neta, a minha única neta! Estou- -me nas tintas para o que o pai foi ou fez, ela é da minha carne e do meu sangue! E vem viver aqui, na minha casa!

-- Vem *viver* aqui? -- perguntou vivamente Lydia.

--Porquê? Tens alguma objeção?

A nora abanou a cabeça e respondeu-lhe, a sorrir:

-- Não posso opor-me a que convide alguém para viver na sua casa, pois não? Estava a pensar.. nela.

--A pensar nela? Que queres dizer?

--Estava apensar se se sentia feliz, aqui.

--Não tem um centavo! -- replicou o velho Simeon, endireitando a cabeça, num gesto arrogante. -- Deve sentir-se grata!

Lydia encolheu os ombros e o sogro voltou-se para Alfred.

--Estás a ver? Vai ser um Natal formidável! Todos os meus filhos à minha volta. *Todos* os meus filhos! Aí tens uma deixa, Alfred. Adivinha quem é o outro visitante.

Alfred fitou-o, de olhos dilatados de espanto.

--Todos os meus filhos! Adivinha, rapaz! *Harry*, claro! O teu irmão Harry!

--Harry... -- gaguejou Alfred, muito pálido. -- Harry não...

-- Sim, ele!

--Mas julgávamo-lo morto!

--Mas está vivo e bem vivo!

--E vai recebê-lo aqui? Depois de tudo?

-- O filho pródigo, hem! Tens razão! O vitelo gordo... devemos matar o vitelo mais gordo, Alfred, devemos fazer uma grande recepção ao filho pródigo!

--Ele tratou-o, e a todos nós, de modo intolerável, ele...

-- Não precisas de enumerar todos os seus crimes; são muitos! Mas lembra-te de que o Natal é uma quadra de perdão. Daremos as boas-vindas ao filho pródigo.

Alfred levantou-se, perturbado.

--Isto foi.. uma grande surpresa. Nunca me passou pela cabeça que o Harry pudesse voltar a esta casa.

--Nunca gostaste dele, pois não? -- perguntou- -lhe o pai, em voz suave, e inclinou-se para a frente.

--Depois da maneira como se portou consigo...

Simeon soltou uma das suas gargalhadinhas.

-- Oh, mas o que lá vai, lá vai! E este o espírito do Natal, não é, Lydia?

Lydia, que também empalidecera, respondeu, secamente:

-- Estou a ver que pensou muito no Natal, este ano.

--Quero toda a família à minha volta. Paz e boa vontade. Sou um velho... Vais-te embora, minha querida?

Alfred saíra apressadamente e Lydia fazia menção de o seguir, mas deteve-se, um instante.

-- A notícia transtornou-o -- disse o velho. -- Ele e o Harry nunca se entenderam bem... O Harry costumava troçar dele, chamar-lhe velho «Devagar e Com Segurança»...

Lídia entreabriu os lábios, prestes a replicar, mas viu a expressão ávida do velho e calou-se. O seu autodomínio decepcionou-o.

-- A lebre e a tartaruga? -- perguntou, encorajada pelo desânimo do velho. -- A tartaruga vence a corrida.

--Nem sempre, minha querida Lydia, nem sempre...

-- Desculpe, tenho de ir para junto do Alfred --olveu, sem deixar de sorrir. -- Quando se excita, assim inesperadamente, fica sempre transtornado.

Simeon riu-se.

-- Sim, o Alfred não gosta de mudanças. Foi sempre muito pacato.

--O Alfred é-lhe muito dedicado.

--E isso parece-te estranho, não parece?

--Às vezes parece, de fato confessou Lydia. Saiu do quarto e Simeon seguiu-a com o olhar.

O velho riu-se, docemente, e esfregou as mãos, uma na outra.

--Ainda me posso divertir muito! -- exclamou, baixinho. Muito, mesmo! Vou apreciar deveras este Natal.

Levantou-se, com grande dificuldade, e, apoiado na bengala, conseguiu atravessar, devagar, o aposento, na direção de um grande cofre que se encontrava a um canto. Manejou os botões, a porta abriu-se e o velho tateou no interior do cofre, com dedos trêmulos.

Pegou numa maleta de camurça, abriu-a e deixou correr pelos dedos uma quantidade de diamantes em bruto.

-- Olá, minhas belezas... Sempre os mesmos, sempre os meus velhos amigos... Aqueles é que foram belos tempos! Belos tempos!... Não permitirei que os cortem e lapidem, meus amigos, não enfeitarão os pescoços das mulheres, nem os seus dedos, nem as suas orelhas... São meus. Os meus velhos amigos! Sabemos umas coisas, vocês e eu... Dizem que estou velho e doente, mas ainda não estou arrumado, ainda há muita vida no velho cão! E ainda me posso

divertir, ainda posso encontrar algum prazer na vida! Algum prazer...

SEGUNDA PARTE

23 de Dezembro

A campainha da porta tocou e Tressilian foi atender. Fora uma campainhada fora do vulgar, agressiva, e antes que o velho tivesse tempo de atravessar o vestíbulo soou de novo.

Tressilian corou. Que maneira tão rude e impaciente de tocar a campainha da casa de um cavalheiro! Se fosse um grupo atrevido de cantores de canções do Natal, haviam de o ouvir!...

Pelo vidro fosco da parte superior da porta viu o vulto de um homem corpulento, de chapéu desabado. Abriu a porta. Não se enganara, era um desconhecido vestido de modo espalhafatoso -- que horrível padrão o do fato que envergava! --, algum pedinte atrevido...

--Macacos me mordam se não é o Tressilian! -- exclamou o desconhecido. -- Como vai isso, Tressilian?

O mordomo fitou-o, respirou fundo e fitou-o outra vez, de olhos arregalados. Aquele queixo arrogante e atrevido, o nariz aquilino, o olhar galhofeiro... Sim, lembrava-se de ver tudo isso, anos atrás, embora de modo mais apagado...

--Mister Harry! -- exclamou, estupefato. Harry Lee riu-se.

--Parece que lhe causei uma grande surpresa! Porquê? Esperam-me, não esperam?

--Esperam, sim, senhor...

-- Porquê a surpresa, então? -- Harry recuou uns passos e olhou para cima, para a casa de tijolo vermelho, que traduzia pouca imaginação e muita solidez. -- A mesma velha e feia mansão! -- comentou. Mas continua de pé, e isso é o principal. Como está o meu pai, Tressilian?

--Praticamente inválido, senhor. Não sai lá de cima e tem dificuldade em se deslocar, mas fora isso está muito bem.

--O velho maroto!

Harry Lee entrou, deixou Tressilian tirar-lhe o cachecol e o chapéu um tanto ou quanto teatral.

-- Como está o meu querido irmão Alfred, Tressilian?

--Muito bem, senhor.

Harry riu-se.

--Desejoso de me ver, não? -- troçou.

-- Creio que sim, senhor.

-- Pois eu não. Pelo contrário! Aposto que foi uma surpresa muito desagradável para ele saber que eu vi- ria! Lê a sua bíblia, Tressilian?

--De vez em quando, senhor...

-- Lembra-se da parábola do regresso do filho pródigo? O bom irmão não gostou que ele voltasse, não gostou mesmo nada... Aposto que o bom e pacato Alfred também não gostou nada de saber que eu voltava!

Tressilian não respondeu. Ficou calado, muito direito, numa atitude de protesto. Harry deu-lhe uma palmada num ombro e pediu-lhe:

-- Conduza-me, meu velho. O vitelo gordo espera-me! Leve-me direitinho a ele.

-- Queira vir por aqui, para a sala, senhor. Não sei ao certo onde estão todos... Como não sabia a que horas o senhor chegava, não o puderam mandar esperar.

Harry acenou com a cabeça e seguiu o mordomo pelo corredor fora. De vez em quando, virava a cabeça e olhava, ora para um lado, ora para outro.

-- Tudo no seu lugar... -- comentou. -- Creio que nada mudou, desde que parti, há vinte anos.

Quando chegaram à sala, o velho mordomo disse-lhe, em voz baixa:

-- Vou ver se encontro Mister ou Mistress Alfred. -- E apressou-se a deixá-lo só.

Harry Lee entrou na sala, mas logo a seguir estacou, a admirar a jovem sentada num dos bancos da

janela. Os seus olhos demoraram-se, incrédulos, a percorrer o cabelo preto e a pele de uma brancura exótica.

-- Meu Deus! exclamou. -- É a sétima e a mais bela esposa do meu pai?

Pilar levantou-se e foi ao seu encontro.

-- Sou Pilar Estravados -- apresentou-se. O senhor deve ser o meu tio Harry, irmão da minha mãe.

-- És, então, a filha da Jenny! -- exclamou o recém-chegado sem afastar os olhos dela.

-- Porque me perguntou se era a sétima esposa do seu pai? Ele teve, realmente, seis mulheres?

Harry riu-se.

-- Não, creio que teve apenas uma mulher oficial.

-- Bem, Pi... Como te chamas?

-- Pilar.

-- Bem, Pilar, confesso que me perturbou ver uma criatura como to a desabrochar neste mausoléu!

-- Neste mau...?

-- Neste museu de bonecos empalhados! Sempre considereei esta casa uma desgraça, e agora que a revejo tal opinião acentua-se.

-- Oh, não diga isso! É tudo tio bonito! A mobília é boa e as carpetes... Há carpetes espessos por toda à parte e uma quantidade de ornamentos! E tudo de muito boa qualidade e muito, muito rico!

-- A esse respeito, tens razão concordou Harry, a sortir, divertido. -- Confesso-te que me sinto emocionado por te encontrar no meio...

Calou-se, ao ver Lydia entrar rapidamente na sala e ir ao seu encontro.

-- Como está, Harry? Sou Lydia, a mulher de Alfred.

-- Encantado, Lydia. Apertou-lhe a mão e observou-lhe o rosto expressivo e inteligente, ao mesmo tempo que aprovava, mentalmente, a maneira como andava. Na sua opinião, eram poucas as mulheres que sabiam andar bem.

Lydia observou-o, também, e pensou:

«Tem um grande ar de rufião mas é atraente. Não confiaria nele nem um bocadinho..»

--Que tal lhe parece isto, depois de tantos anos? -- perguntou-lhe, a sorrir. -- Diferente, ou na mesma?

--Praticamente na mesma. -- Harry olhou à sua volta e acrescentou: -- Mas esta sala foi modificada. Oh, tantas vezes!

--Por si, com certeza. Tomou-a... diferente.

--Suponho que sim.

Harry sortiu-lhe, com um sorriso espontâneo e atrevido, que a lembrou do sogro.

-- Agora tem mais classe! Lembro-me de ouvir dizer que o velho Alfred casara com uma rapariga cuja família viera com o Conquistador.

-- Creio que sim, que veio -- confirmou Lydia, a sair. -- Mas depois disso tem decaído muito.

--Como está o velho Alfred? Continua o mesmo pachorrento de sempre?

--Não sei se o encontrará mudado, se não.

--E os outros, como estão? Espalhados por toda a Inglaterra?

--Não. Estão todos aqui, para passarem cá o Natal.

--Um Natal de família? -- perguntou Harry, de olhos muito abertos. -- Que deu ao velho? Noutros tempos, não ligava importância nenhuma a sentimentalismos. Não me lembro, sequer, de que se importasse muito com a família. Deve ter mudado!

--Talvez -- replicou Lydia, em tom frio.

Pilar olhava-os e ouvia-os, interessada.

--Como vai o velho George? Continua a ser o mesmo forreta? Não queira saber como se lamentava quando tinha de gastar algum dinheiro!

--O George pertence ao Parlamento. É deputado por Westeringham.

-- O quê? Popeye no Parlamento? Essa é muito boa! Harry atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada -- uma gargalhada vibrante, que pareceu desenfreada e brutal no espaço restrito da sala.

Pilar susteve a respiração e Lydia pareceu encolher-se um pouco.

Depois, ao ouvir um movimento atrás de si, Harry deixou de rir e virou-se bruscamente. Não ouvira ninguém entrar, mas Alfred estava ali e olhava-o com uma expressão estranha.

Passado o primeiro momento de surpresa, Harry começou a sorrir e avançou um passo.

--E o Alfred! -- exclamou.

-- Olá, Harry.

Ficaram parados, a olhar-se, e Lydia susteve a respiração e pensou: «Que absurdo! Parecem dois cães, a medir-se..»»

Os olhos de Pilar ainda se dilataram mais, enquanto pensava: «Parecem idiotas, assim parados. Porque não se abraçam? Compreendo, não é costume dos Ingleses... Mas podiam, ao menos, dizer qualquer coisa! Porque se limitam a olhar-se?»

Foi Harry quem acabou por quebrar o silêncio: -- Parece-me esquisito, estar aqui outra vez...

-- Sim, é natural. Passaram muitos anos desde que to ... partiste.

Harry endireitou a cabeça e passou o indicador ao longo do queixo. Era um gesto natural, nele, e que exprimia agressividade.

-- Sim... Mas estou contente por ter regressado.-- fez uma pausa, para emprestar maior significado à palavra, e concluiu: -- ... a *casa*.

II

--Creio que fui um homem muito perverso -- disse Simeon Lee.

Estava recostado na sua poltrona.a, a afagar pensativamente o queixo, com um dedo. A sua frente crepitavam e dançavam as labaredas. Pilar fazia-lhe companhia, sentada ao lado da lareira, e protegia o rosto do calor com um bocado de papel grosso. De vez em quando abanava-se com ele, dobrando o pulso num gesto flexível. Simeon observava-a, satisfeito, e continuava a falar, talvez mais para si mesmo do que para ela. No entanto, a sua presença estimulava-o.

-- Sim, fui um homem muito perverso... Que dizes a isto, Pilar?

--Os homens são todos perversos -- respondeu-lhe a neta, e encolheu os ombros. -- Pelo menos é o que as freiras dizem... Por isso temos de rezar por eles.

-- Ah, mas eu fui pior do que a maioria! -- exclamou o avô, a rir. -- E não estou arrependido, sabes? Não,

não me arrependo de nada. Diverti-me, diverti-me muito em cada minuto que passou! Dizem que nos arrependemos, quando a velhice chega, mas isso são tretas. Eu não me arrependi nem me arrependo. E fiz cada uma! Não me escapou nenhum dos bons e velhos pecados! Intrujei, roubei, menti... Sim, meu Deus! E quanto a mulheres? Tive sempre mulheres! Outro dia contaram-me uma história de um chefe árabe que tinha uma escolta de quarenta dos seus filhos, todos mais ou menos da mesma idade. Ah, quarenta! Quarenta talvez não arranjasse, mas creio que arranjaría uma escolta muito razoável se andasse por aí à procura dos fedelhos! Que dizes a isto, hem, Pilar? Escandalizada?

-- Escandalizada porquê? -- perguntou a rapariga, surpreendida. -- Os homens desejam, sempre mulheres. O meu pai também era assim... E por isso que as esposas deles se sentem muitas vezes infelizes e vão à igreja, rezar.

-- Fiz a Adelaide infeliz -- murmurou o velho Simeon, de testa franzida, de novo como se falasse consigo mesmo. -- Meu Deus, que mulher! Toda branca, rosada e bonita, quando casei com ela! Mas depois? Sempre a lamuriar e a choramingar... Quando vê a mulher em constante choradeira um homem só tem vontade de fazer mal... A Adelaide

não tinha gênica nenhuma, essa é que é a verdade. Se me tivesse feito frente!... Mas nunca fez, nunca. Quando casei com ela estava convencido de que ia assentar, formar família e libertar-me da vida antiga...

A sua voz esmoreceu e os seus olhos cravaram-se, fixos, no coração ígneo das chamas.

--Formar família... Meu Deus, que família! -- Soltou uma gargalhadinha esganiçada, de cólera. -- Olha para eles! Nem um filho, entre todos, para nos continuar! Que se passa com eles? Não lhes correrá nas veias nenhuma gota do meu sangue? Nem um filho, entre todos, legítimo ou ilegítimo! O Alfred, por exemplo... Meu Deus, como o Alfred me aborrece! A olhar para mim com aqueles olhos de cão, disposto a fazer tudo quanto lhe peço... Que idiota, Senhor! Gosto da mulher, da Lydia; tem gênica! Mas ela não gosta de mim. Não, não gosta de mim... Atura-me, que não tem outro remédio, por amor do pateta alegre do marido... -- Olhou para a neta e disse-lhe: -- Lembra-te sempre, Pilar, de que não há nada tão aborrecido como a dedicação.

A jovem sorriu-lhe e o velho prosseguiu, enternecido pela presença da sua feminilidade moça e forte.

-- E o George? O que é o George? Um parvo! Um emproado! Um saco de vento sem miolos nem gênica, e ainda por cima sovina! E o David? O David foi sempre um idiota. Um idiota e um sonhador. O menino da mamã... A única coisa sensata que fez foi casar com aquela mulher de aspecto forte e despachado. -- Bateu com a mão no braço da cadeira e afirmou: --O Harry é o melhor de todos! O pobre Harry, a ovelha ronhosa... Mas esse, pelo menos, está *vivo*!

Pilar concordou: -- Sim, é simpático. Ri muito alto e atira a cabeça para trás... Gosto muito dele.

O velho olhou-a, interessado.

--Gostas, Pilar? O Harry teve sempre habilidade para agradar às raparigas. Sai a mim. -- Começou a rir, baixinho. -- A minha vida foi boa, muito boa... Tive fartura de tudo!

--Em Espanha temos um ditado que diz: «Toma o que te apetecer e paga o que tomares, que manda Deus»»

Simeon bateu de novo no braço da poltrona, apreciativamente.

--É assim mesmo! «Toma o que te apetecer..»» Foi assim que fiz toda a minha vida, tomei o que me-apeteceu...

-- E pagou o que tomou? -- perguntou-lhe Pilar, em voz clara e firme.

Simeon endireitou-se e fitou-a, apagado o sorriso dos lábios maliciosos.

-- Que disseste?

--Perguntei-lhe se pagou o que tomou.

--Não... não sei... -- murmurou, devagar, Simeon Lee.

Depois enfureceu-se, bateu com força no braço da cadeira e gritou:

--Porque perguntaste uma coisa dessas, rapariga? Porquê?

-- Tive curiosidade...

A mão que empunhava o papel grosso imobilizou-se, os seus olhos tomaram-se mais escuros e misteriosos, e inclinou a cabeça para trás, consciente de si mesma e da sua feminilidade.

---Filha do demônio...

--- Mas o avô gosta de mim interrompeu-o, docemente. -- Gosta que esteja aqui, consigo.

-- É verdade, gosto. Há muito tempo que não via nada tão jovem e tão belo.. faz-me bem, aquece-me os velhos ossos... E to és do meu sangue e da minha carne. Abençoada Jennifer, afinal demonstrou ser a melhor da ninhada!

Pilar ouvia-o, a sorrir.

-- Mas nota que não me enganas, pequena disse-lhe Simeon. -- Sei porque.e te sentas aqui e me escutas com tanta paciência... E por causa do dinheiro, só por causa do dinheiro! Ou pretenderás convencer-me de que tens amor ao teu velho avô?

--Não lhe tenho amor, mas gosto de si. Gosto mesmo muito de si. Deve acreditar, pois é verdade. Penso que foi mau, como diz, mas também gosto disso; toma-o mais real, mais humano do que as outras pessoas desta casa. Além disso, conta coisas interessantes. Viajou, levou uma vida de aventuras... Se fosse homem, também seria assim.

--Sim, creio que serias. Sempre se disse que tínhamos sangue cigano... Verdade seja que esse sangue nunca revelou muito a sua presença nos meus filhos, exceto no Harry... Creio que se nota em ti, também. Sei ser paciente, quando é preciso. Uma vez esperei quinze anos para me vingar de um homem que me pregara uma partida! Esta é outra característica dos Lees: não esquecem! Vingam-se sempre do mal que lhes fizeram, nem que tenham de esperar anos. Um homem vigarizou-me e eu aguardei quinze anos até se me apresentar oportunidade de me vingar. Então, arruinei-o, arruinei-o por completo!

Riu-se docemente e Pilar perguntou-lhe: Isso foi na África do Sul? Foi. Grande país! --Voltou lá, não voltou?

-- Voltei cinco anos depois de me casar. Foi a última vez.

--E antes disso? Esteve lá muitos anos?

-- Estive.

--Fale-me desse tempo.

O velho começou a falar e Pilar escutou-o, com o rosto protegido pelo papel grosso. Por fim, a voz do avô tomou-se mais lenta, arrastada de fadiga. -- Vou mostrar-te uma coisa...

Levantou-se, com cuidado, e, apoiado na bengala, atravessou, devagar, o quarto. Abriu o grande cofre, voltou-se e chamou a neta com a mão.

-- Olha para isto! -- exclamou. -- Toca-lhes, deixa-os correr pelos teus dedos... Riu-se, ao ver a cara de espanto de Pilar, e perguntou-lhe: -- Sabes o que são? Diamantes, minha pequena, diamantes!

Pilar arregalou os olhos, inclinou-se para os diamantes e murmurou, estupefata:

--Mas... são pequenos calhaus!

Simeon voltou a rir-se.

--São diamantes em bruto, por cortar. É assim que aparecem, nas minas.

-- Se fossem cortados seriam diamantes a sério?
inquiriu Pilar, incrédula.

-- Com certeza.

--Cintilariam e faiscariam!

-- Oh, custa-me a acreditar! -- exclamou a rapariga, infantilmente.

--Mas é verdade -- afirmou, divertido.

-- São valiosos?

--Razoavelmente. É difícil dizer com precisão, antes de serem talhados, mas esta pequena quantidade vale, com certeza, alguns milhares de libras, pelo menos.

-- Alguns... milhares.. de libras? -- repetiu a rapariga, separando as palavras.

--Nove ou dez mil, digamos. São grandotes...

--Então porque não os vende? -- indagou Pilar, de olhos muito abertos.

--Porque gosto de os ter aqui.

--Todo esse dinheiro...

--Não me faz falta.

-- Ah, compreendo! -- exclamou, impressionada. -- Porque não os manda, ao menos, talhar, para ficarem bonitos?

--Porque os prefiro assim. -- Virou as costas, muito sério, e começou a falar baixinho, consigo mesmo: -- Fazem-me recordar, voltar atrás... Tocar-lhes, senti-

los entre os meus dedos... é como regressar, como viver tudo outra vez! O sol, o cheiro dos *veldts*, os bois, o velho Eb, os rapazes, as noites...

Ao ouvir bater à porta, Simeon disse à neta:

-- Mete-os no cofre e empurra a porta. -- Depois ordenou: -- Entre.

Horbury entrou, suave e deferente, e anunciou:

--O chá está servido, lá em baixo.

III

-- Afinal estás aqui, David! -- exclamou Hilda. -- Procurei-te por toda a parte. Não fiquemos nesta sala; está gelada.

David não respondeu logo. Estava de pé, a olhar para uma cadeira baixa, estofada de cetim desbotado.

--É a cadeira dela disse, de súbito. A cadeira onde ela se sentava sempre... Está na mesma. Só desbotada, claro...

Hilda franziu ligeiramente a testa alta e redarguiu-lhe: Compreendo. Saíamos daqui; está muito frio.

Mas David olhou à sua volta, como se não a tivesse ouvido, e prosseguiu: Sentava-se aqui, a maior parte do tempo. Lembro-me de me sentar ali, naquele

tamborete, enquanto ela me lia... *Jack, o Gigante Assassino*... Devia ter seis anos, então.

Hilda agarrou-lhe num braço, com firmeza, e disse-lhe: Vamos para a sala, querido. Aqui não há aquecimento.

David voltou-se para a seguir, obedientemente, mas Hilda sentiu-o estremecer.

--Tudo na mesma.. murmurou o marido. Tudo na mesma, como se o tempo tivesse parado.

Escondendo a preocupação que sentia, Hilda perguntou, em voz propositadamente alegre:

Onde estarão os outros? Devem ser quase horas do chá.

David soltou o braço e abriu outra porta.

--Costumava haver aqui um piano... Oh, cá está ele! Estará afinado? Sentou-se, levantou a tampa do piano e passou as mãos pelas teclas suavemente. Está, têm cuidado dele...

Começou a tocar. Tocava bem, a melodia jorrava docemente, debaixo dos seus dedos.

-- Que música é? Tenho a impressão de que a conheço, mas não me lembro.

-- Há anos que não a tocava... *Ela* costumava tocá-la. É uma das *Canções sem Palavras*, de Mendelssohn.

A melodia doce, excessivamente doce, inundou o aposento.

--Toca qualquer coisa de Mozart, sim? -- pediu Hilda ao marido.

David abanou a cabeça e começou a tocar outra música de Mendelssohn. De súbito, deixou cair as mãos nas teclas, numa dissonância agressiva, e levantou-se. Tremia todo.

--David! -- exclamou, assustada, e correu para ele. -- David!

--Não é nada.. nada...

IV

A campainha retiniu, agressivamente. Tressilian levantou-se do seu banco, na copa, e encaminhou-se devagar para a porta.

A campainha tocou, de novo, e o velho mordomo franziu a testa, ao ver, através do vidro rosco, o vulto de um homem de chapéu desabado.

Tressilian passou a mão pelos olhos, inquieto. Dir-se-ia que estava tudo a acontecer duas vezes!

Sim, aquilo já acontecera antes...

Levantou o fecho, abriu a porta.. e o encanto quebrou-se.

--É aqui que mora Mister Simeon Lee? -- perguntou;lhe o homem que tocara.

--E, sim, senhor.

--Desejava falar-lhe, por favor.

As suas palavras despertaram em Tressilian uma tênue recordação: era com aquele sotaque que Mr. Lee falava, ao princípio de estar em Inglaterra.

-- Mister Lee está doente... -- murmurou, a abanar duvidosamente a cabeça. -- Não recebe muita gente, agora. Se...

O desconhecido interrompeu-o e estendeu-lhe um sobrescrito:

--Faça favor de dar isto a Mister Lee.

-- Sim, senhor.

V

Simeon Lee abriu o sobrescrito e tirou a única folha de papel que continha. Ergueu as sobrancelhas, surpreendido, mas sorriu:

--Que maravilhosa surpresa! -- exclamou. -- Manda subir Mister Farr, Tessilian.

-- Sim, senhor.

--E eu que estava precisamente apensar no velho Ebenezer Farr! Foi meu sócio, em Kimberley... E agora o filho vem visitar-me!

Tressilian reapareceu e anunciou:

-- Mister Farr.

Stephen Farr entrou, com certo nervosismo. Para disfarçar, andou com um pouco mais de arrogância do que a habitual.

--Mister Lee? -- perguntou, e por instantes o seu sotaque sul-africano tomou-se também mais acentuado.

-- Alegra-me muito vê-lo! É, então, o rapaz do Eb?

--Esta é a minha primeira visita à velha pátria... O meu pai recomendou-me sempre que o visitasse, se alguma vez cá viesse.

-- Fez muito bem! -- O velho olhou à sua volta e apresentou: -- A minha neta, Pilar Estravados.

--Como está? -- cumprimentou a rapariga, em tom afetado.

«O demônio da moça!», pensou Stephen Farr, com certa admiração. «Ficou surpreendida, ao ver-me, mas só o demonstrou no primeiro instante»»

--Muito prazer em a conhecer, Miss Estravados -- redargüiu, cerimoniosamente.

-- Muito obrigada.

-- Sente-se e fale-me de si -- pediu Simeon Lee. -- Tenciona ficar muito tempo em Inglaterra?

--Agora que vim, não me apressarei a regressar. Stephen riu-se, com a cabeça inclinada para trás.

-- Faz muito bem. Deve passar uns tempos aqui, conosco.

--Muito obrigado, mas não quero ser intrometido. Faltam apenas dois dias para o Natal...

--Passará o Natal conosco! A não ser que tenha outros planos?

--Com franqueza, não tenho, mas não desejo...

--Está decidido! -- cortou Simeon. -- Pilar?

-- Diga, avô.

--Vai dizer à Lydia que temos outro convidado. Pede-lhe que suba.

Pilar saiu e Stephen seguiu-a com o olhar, pormenor que o velho notou, divertido.

--Veio direito aqui, da África do Sul?

-- Praticamente.

Começaram a falar do país e, minutos depois, chegou Lydia.

-- Este é Stephen Farr -- apresentou Simeon --, filho do meu velho amigo e sócio, Ebenezer Farr. Passará o Natal conosco, se lhe puderes arranjar alojamento.

--Com certeza. -- Lydia sortiu, enquanto observava o desconhecido, dedicando especial atenção ao rosto bronzeado, aos olhos azuis e ao leve inclinar da cabeça para trás.

--A minha nora -- acrescentou Simeon.

--Confesso que me sinto embaraçado, por me intrometer assim numa reunião familiar... -- murmurou Stephen.

--Você faz parte da família, meu rapaz – declarou Simeon. -- Quero que se considere como tal.

--É muito amável...

Pilar voltou ao quarto e sentou-se junto da lareira.

Pegou no papel grosso, com que protegia o rosto, e começou a abanar-se, devagarinho, de olhos recatadamente baixos.

TERCEIRA PARTE

24 de Dezembro

-- Quer, realmente, que eu fique, pai? -- perguntou Harry, de cabeça inclinada para trás, no seu jeito habitual. -- Bem sabe que é o mesmo que remexer num ninho de vespas.

--Que queres dizer? -- inquiriu Simeon, vivamente.

--O mano Alfred, o bom mano Alfred!... Se me permite que o diga, desagrada-lhe a minha presença.

-- Não tem nada que desagradar! Sou o dono desta casa.

-- Mesmo assim, pai, creio que depende muito do Alfred e não quero perturbar...

--Farás o que te digo! -- ordenou o pai. Harry bocejou.

-- Não sei se serei capaz de levar uma vida caseira... É sufocante, para um tipo habituado a andar aos trambolhões pelo mundo.

--Devias casar e assentar.

--Com quem? É uma pena não podemos casar com as sobrinhas... A Pilar é diabolicamente atraente.

-- Reparaste, hem?

--Por falar em assentar, o gorducho do George aviou-se bem, no que respeita a aspecto. Quem é ela?

Simeon encolheu os ombros.

-- Como queres que saiba? O teu irmão escolheu-a numa passagem de modelos, creio. Diz que o pai era oficial da Marinha reformado.

--Provavelmente contramestre de algum barco costeiro... O George ainda arranja sarilhos com ela, se não se precata.

--O George é um idiota.

--Porque casou ela com ele, pai? Por dinheiro?

O velho encolheu outra vez os ombros.

-- Acha que pode convencer o Alfred? -- perguntou Harry.

-- Já vamos arrumar isso. Simeon premiu o botão de uma campainha, que se encontrava numa mesa próxima, e Horbury apareceu imediatamente. -- Peça a Mister Alfred que venha cá.

Horbury saiu e Harry resmungou: Aquele tipo escuta às portas!

--Talvez -- admitiu Simeon, com novo encolher de ombros.

Alfred apressou-se a obedecer ao chamamento.

Franziu a testa, ao ver o irmão, mas ignorou-o.

-- Chamou-me, pai?

-- Chamei, sim. Senta-te. Estava apensar que precisamos de reorganizar um pouco as coisas, agora que temos mais duas pessoas a viver cá em casa.

-- *Duas?*

--A Pilar ficará, naturalmente, e o Harry voltou de vez.

--O Harry vai viver aqui?

--Porque não, meu velho? -- perguntou-lhe o irmão.

Alfred voltou-se para ele irritado, e replicou:

--Julgava que sabias melhor do que ninguém porquê!

--Peço desculpa, mas não sei.

--Depois de tudo quanto aconteceu? Depois da terrível maneira como procedeste, do escândalo...

-- Tudo isso é passado, meu velho, já lá vai declarou Harry, e acenou indolentemente com a mão.

--Portaste-te indecentemente com o pai, depois de tudo quanto ele fez por ti!

-- Ouve, Alfred, parece-me que isso é da conta do pai e não da tua. Se ele está disposto a esquecer e a perdoar...

-- Claro que estou -- afirmou Simeon. -- No fim de contas, o Harry é meu filho, Alfred.

--Pois sim, mas desagrada-me, por si, pai.

--O Harry vem para cá! Sou eu que quero. -- Pousou suavemente a mão no ombro de Harry e acrescentou: -- Gosto muito dele.

Alfred levantou-se e saiu, muito pálido. Harry levantou-se também e foi atrás dele, a rir.

Simeon continuou sentado, às gargalhadinhas. De súbito, estremeceu e olhou para trás.

--Quem diabo está aí? Ah, é você! Não deslize pela casa dessa maneira, Horbury.

--Peço desculpa, senhor.

-- Não tem importância. Escute, tenho ordens para si. Quero que venham cá todos, depois do almoço. *Todos.*

-- Sim, senhor.

-- Ouça o resto. Quando eles vierem, acompanhe-os e, ao chegar ao meio da escada, *levante* a voz, para eu saber. Qualquer pretexto servirá, compreende?

-- Sim, senhor.

Horbury foi à copa e disse a Tressilian:

-- Desconfio que vamos ter um Natal muito alegre!

--Que quer dizer? -- perguntou-lhe o velho, agastado.

-- Espere e verá, Mister Tressilian... Hoje é véspera de Natal e paira no ambiente um espírito natalício admirável.

II

Pararam à porta do quarto.

Simeon, que falava ao telefone, acenou-lhes com a mão, para entrarem.

--Sentem-se todos. Não demorarei nada. Depois continuou a falar ao telefone: --Charlton, Hodjin & Brace?... É você, Charlton?... Fala Simeon Lee... É, não é?... Sim... Não, queria que me redigisse um novo testamento... Sim, já fiz o outro há algum tempo... As circunstâncias agora são diferentes, compreende? Oh, não, não é pressa! Não quero estragar o seu Natal. Pode ser no dia seguinte ou no outro. Apareça por cá e dir-lhe-ei o que pretendo... Não, está bem. Não tenciono morrer por enquanto... Desligou, olhou para os oito membros da sua família, sorriu e comentou:

--Estão todos com cara de caso... Que se passa?

--Mandou-nos chamar... -- lembrou Alfred.

-- Ah, sim! Não é nada de grave... Pensaram que se tratava de algum conselho de família, não? Estou apenas um bocado fatigado e, assim, não precisarão de cá voltar depois do jantar. Vou para a cama, pois quero estar fresco no dia de Natal.

Sorriu a todos, e George comentou, emproado: -- Com certeza.. com certeza...

-- O Natal é uma grande instituição! -- exclamou o velho. -- Inspira a solidariedade do sentimento da família... Que te parece, minha querida Magdalene? Magdalene Lee estremeceu, apanhada de surpresa, e a sua boquinha idiota abriu-se e fechou-se. --Oh... Oh, sim! -- exclamou, por fim.

-- Ora deixa ver... Viveste, segundo disseste, com um oficial da Marinha reformado... -- fez uma pausa -- ... os dois sozinhos. Os vossos natais não devem ter sido grande coisa. E preciso uma grande família, para festejar o Natal como deve ser!

-- Bem... sim, talvez...

Os olhos do velho Simeon desviaram-se dela para o marido.

--Não desejava falar em assuntos desagradáveis nesta quadra do ano, mas receio ser obrigado a reduzir um pouco a pensão, George... As despesas de manutenção desta casa vão subir um bocado, de futuro...

George tomou-se escarlate e protestou: --Mas, pai, não pode fazer uma coisa dessas!

--Não posso? -- perguntou Simeon, docemente.

-- As minhas despesas já são muito elevadas, confesso que nem sei como consigo fazer chegar o dinheiro... Só graças a uma economia deveras rigorosa...

--A tua mulher que economize mais um pouco. As mulheres têm jeito para essas coisas. Às vezes descobrem maneiras de economizar que nunca passariam pela cabeça de um homem! Além disso, uma mulher inteligente pode fazer os seus vestidos... Lembro-me de que a minha mulher sabia manejar muito bem a agulha... Também era praticamente a única coisa que sabia fazer! Boa mulher, mas tão enfadonha!

David levantou-se, fora de si, e o pai ordenou-lhe:

--Senta-te, rapaz. Ainda atiras alguma coisa ao chão.

--A minha mãe...

-- A tua mãe tinha miolos de piolho! E está-me a parecer que os legou aos filhos. -- Levantou-se, de súbito, com uma roseta em cada face, e acrescentou, em voz esganiçada: -- Vocês não valem um centavo, todos juntos! Estou farto de os aturar. Não são *homens*, são uma caterva de fracos e de piegas! A Pilar vale dois de vocês juntos! Juro por Deus que hei-de ter um filho melhor do que qualquer de vocês, algures no mundo, embora vocês tenham nascido santificados pelo casamento.

-- Veja como fala, pai! -- gritou Harry, que se levantara e fitava o velho de rosto carregado, o que nele era raro.

-- Tudo quanto disse se aplica a ti também! -- replicou-lhe Simeon. -- És capaz de me dizer o que já fizeste? Tens-me mandado pedidos choramingas de dinheiro, de todas as partes do mundo! Repito, estou farto de todos vocês! Saiam!

Recostou-se na cadeira, um pouco ofegante.

Um a um, lentamente, os filhos e as noras foram saindo. George estava escarlate e indignado, Magdalene parecia assustada, David estava pálido e tremia, Harry resmungava, de cabeça empertigada, Alfred saiu como um sonâmbulo e Lydia seguiu-o, de cabeça erguida. Só Hilda se deteve, à porta, e depois retrocedeu, devagar.

Parou junto do sogro, que estremeceu ao abrir os olhos e ao vê-la à sua frente. Havia algo de ameaçador na atitude daquela mulher forte, que o fitava, imóvel.

--Que mais temos? -- perguntou-lhe, irritado.

-- Quando recebemos a sua carta acreditei no que dizia, pensei que desejava ter a família à sua volta, no Natal, e, por isso, persuadi o David a vir.

-- E então?

-- E então, o pai queria a família à sua volta, mas não pelo motivo que dizia! -- respondeu-lhe Hilda, espaçando as palavras. -- Quer-nos aqui, a todos,

para nos humilhar, não era? Valha-nos Deus, é essa a sua idéia de divertimento!

Simeon soltou uma gargalhadinha e replicou: -- Possuí sempre um sentido do humor muito especial! Não me interessa que os outros apreciem as piadas; basta-me apreciá-las eu. E garanto-te que estou a apreciar esta.

Como Hilda não dissesse nada, Simeon Lee, sentiu-se vagamente apreensivo.

-- Em que estás a pensar? -- perguntou, irritado.

-- Tenho medo...

--Tens medo.. de mim?

--Não tenho medo *de* si; tenho medo.. *por* si! E, como um juiz ao acabar de proferir a sentença, virou-lhe as costas e saiu lenta e pesadamente do quarto.

Simeon ficou imóvel, de olhos fixos na porta, e depois levantou-se e encaminhou-se penosamente para o cofre.

-- Deixa-me dar uma vista de olhos às minhas belezas... -- murmurou.

III

A campainha da porta retiniu às 7.45 h da tarde. Tressilian foi atender, e quando regressou à copa

encontrou Horbury, atirar as chávenas de café do tabuleiro e a observar-lhes a marca.

--Quem era? -- perguntou ao velho mordomo.

-- O inspetor da Polícia, Mister Sugden... Cuidado, veja o que está a fazer!

Horbury deixara cair uma das chávenas, que se estilhaçara ruidosamente.

--Olhe para isso! -- lamentou Tressilian. -- Há onze anos que lavo estas chávenas e nunca parti nenhuma, e agora você mexeu onde não devia e aí tem o resultado!

-- Desculpe, Mister Tressilian... Creia que lamento muito -- desculpou-se o outro, com o rosto perlado de suor. -- Não sei como foi... Disse que tinha vindo um inspetor da Polícia?

--Sim. Mister Sugden.

Horbury passou a língua pelos lábios pálidos e perguntou, inquieto:

-- Que... que pretendia?

-- Veio pedir uma contribuição para o orfanato da Polícia.

--Ah! -- Endireitou os ombros e inquiriu, em tom mais natural: --Levou alguma coisa?

--Apresentei o livro das contribuições a Lee e ele disse-me que mandasse subir o pusesse o xerez na mesa.

--Nesta época do ano, só aparecem pedidos - comentou Horbury. -- O demônio do velho é generoso, sejam quais forem os seus defeitos.

--Mister Lee foi sempre um cavalheiro de largas -- declarou Tressilian, com dignidade.

--E o que tem de melhor. Bem, vou sair.

--Vai ao cinema?

--Espero que sim. Até breve, Mister Tressilian.

Horbury passou pela porta que conduzia à criados, e Tressilian olhou para o relógio da

Depois de colocar os pãezinhos sobre os guardanapos e de se certificar de que estava tudo como devia, fez soar o gongo do vestíbulo.

Emudecia a última nota quando o inspetor desceu a escada. Sugden era um homem alto e atraente. Vestia um fato abotoado, e andava com o ar tigado de quem tinha perfeita consciência da importância.

--Creio que vamos ter geadas, esta noite -- afável. -- Seria bom, pois ultimamente o tempo andado muito em desacordo com a estação.

Tressilian abanou a cabeça e queixou-se:

--A umidade afeta o meu reumatismo.

O inspetor declarou que o reumatismo era um achaque muito doloroso, e o velho mordomo conduziu-o à porta principal.

Depois de Sugden sair, Tressilian voltou, novamente, ao vestíbulo. Passou a mão pelos olhos e suspirou, mas ao ver Lydia entrar na sala endireitou-se. George Lee descia naquele momento a escada.

O mordomo esperou que chegassem todos, e quando a última convidada, Magdalene, entrou na anunciar, em voz baixa:

--O jantar está servido.

À sua maneira, Tressilian era um conhecedor de roupas femininas. Tinha por hábito observar e criticar os vestidos das senhoras, enquanto dava a volta à de garrafa na mão.

A Mrs.. Alfred, notou, usava o vestido novo, de tafetá e preto, florido. O padrão era ousado, muito vistoso, mas ela podia usá-lo com êxito, o que não aconteceria a muitas outras senhoras. O vestido da Mrs.George era um modelo exclusivo, não lhe restavam dúvidas a esse respeito. Devia ter custado bom dinheiro! pensaria Mr. George, quando o pagasse? Nunca de gastar dinheiro... Mrs. David era uma senhora simpática, mas não tinha a mínima noção acerca de se vestir. Com a sua figura, não havia como um vestido simples, de veludo preto. Mas

com desenhos, e ainda por cima escarlata!... Pilar... Oh, Miss Pilar estaria bem vestisse o que vestisse, com aquela figura e aquele cabelo. O vestido branco era barato, mas Mr. Lee não tardaria a cuidar desse assunto. Agradara-se muito da pequena. Acontecia sempre assim, quando um cavalheiro era idoso ». Uma cara bonita conseguia tudo!

--Branco ou clarete? -- perguntou Tressilian, murmurando deferente, ao ouvido de Mrs. George. Com o canto do olho, notou que Walter, o laçao, novamente servia os vegetais antes do molho – depois de tudo que lhe recomendara !

Tressilian serviu o *soufflé*. Agora que o seu interesse pelos vestidos das senhoras e a sua preocupação pelas deficiências de Walter se tinham desvanecido, percebeu toda a gente muito calada. Bem, não se podia que estivessem exatamente calados : Mr Harry pois falava por.vinte... Não, não era Mr. Harry, cavalheiro da África do Sul! Os outros também mas só de quando em quando, como que passava-se algo de estranho...

Mr. Alfred, por exemplo, parecia francamente te, como se qualquer coisa o tivesse abalado. remexia na comida, meio atordoado, mas não comia. A mulher estava preocupada com ele, via-se perfeitamente. Olhava-o de longe, esforçando-se por

não dar nas vistas. Mr. George estava muito vermelho e devorava a comida, sem a saborear. Ainda acabaria por ter um ataque, se não tivesse cuidado... Mrs. George não comia. Dieta para emagrecer, pela certa! Miss Pilar parecia saborear a comida e falava e ria com o cavalheiro da África do Sul, que parecia simpatizar muito com ela. Aqueles dois não deviam ter nada que os preocupasse! E Mr. David? Tressilian preocupava-se com Mr. David. Era tal qual a mãe! E tinha ainda um aspecto muito juvenil. Mas tão nervoso! Lá derrubara o copo!

O velho mordomo apressou-se a limpar o vinho entornado, mas David pareceu não dar por nada. Olhava em frente, muito pálido.

Por pensar em caras pálidas, o Horbury também empalidecera, ao ouvir dizer que chegara um inspetor da Polícia. Até parecia que...

O fio dos pensamentos de Tressilian quebrou-se, bruscamente. Walter deixara cair uma pêra do prato da fruta. Os lacaios não prestavam para nada, nos tempos que corriam! Faziam as coisas de uma maneira que mais pareciam moços de cavalaria!

Serviu o vinho do Porto. Mr. Harry parecia um pouco ausente, não parava de olhar para Mr. Alfred. Nunca se tinham estimado muito, aqueles dois, nem mesmo em garotos. Mr. Harry fora sempre o

favorito do pai, claro, e isso doera a Mr. Alfred. Mr. Lee nunca se importara muito com este. Era uma pena, pois Mr. Alfred mostrara sempre ser muito dedicado ao pai.

Mrs. Alfred levantou-se e contornou a mesa. Muito bonito, o padrão do tafetá... E a capa ficava-lhe bem. Era uma senhora muito graciosa, sem dúvida.

Deixou os cavalheiros na casa de jantar, com o seu porto, e foi à copa buscar o café, que levou num tabuleiro para a sala. Achou as quatro senhoras com um ar muito constrangido... Não falavam, e Tressilian serviu-lhes o café, também em silêncio.

Quando saía, o mordomo ouviu a porta da casa de jantar abrir-se e viu David Lee sair e dirigir-se para a sala.

Na copa, Tressilian pregou uma sarabanda a Walter, que se mostrou impertinente, e depois sentou-se, fatigado. Sentia-se deprimido. Era véspera de Natal, mas o ambiente estava tenso... Não lhe agradava nada aquilo!

Levantou-se, com pouca vontade, e foi à sala recolher as chávenas do café. Só lá se encontrava Lydia, meio oculta por um cortinado, ao fundo da sala, a olhar para fora, para a noite.

Na sala ao lado, Mr. David tocava piano. Mas porque tocaria a *Marcha Fúnebre*? Sim, porque era

isso que estava a tocar! Oh, havia ali qualquer coisa que não batia certa!

O velho mordomo regressou, devagar, à sua copa. Foi então que ouviu o ruído, vindo de cima. Louças e móveis a cair, uma série de estalidos e estrondos...

«Meu Deus!», pensou Tressilian. «Que andarás o senhor a fazer? Que se passa lá em cima?»

De súbito soou nitidamente um grito, um grito horrível e arrepiante, que se extinguiu num estrangulamento gorgolejante.

Tressilian ficou um momento paralisado e depois correu para o vestíbulo e subiu apressadamente a larga escadaria. Outros o seguiram, pois o grito ouvira-se em toda a casa.

Correram pela escada acima, contornaram o cotovelo e passaram por um nicho onde brilharam estátuas brancas e fantasmagóricas. Chegaram, por fim, ao estreito corredor que levava à porta do quarto de Simeon Lee. Mr. Farr e Mrs. David tinham chegado primeiro. Ela estava encostada à parede e ele torcia nervosamente a maçaneta da porta.

--Está fechada à chave -- explicava. -- Está fechada à chave!

Harry Lee precipitou-se para a frente e começou também a torcer e a girar a maçaneta.

--Pai -- gritou. -- Pai, deixe-nos entrar! Levantou a mão, a recomendar silêncio, e todos escutaram. Ninguém respondeu, do interior do aposento não vinha qualquer som.

A campainha da porta principal tocou, mas não lhe prestaram atenção.

-- Temos de arrombar a porta -- sugeriu Stephen Farr. -- É a única maneira.

-- Será difícil -- comentou Harry. -- Estas portas são fortes e sólidas. Vamos, Alfred, tentemos.

Empurraram e esforçaram-se em vão. Depois foram buscar um banco de carvalho e utilizaram-no como um aríete. Os gonzos cederam, por fim, e a pesada porta abriu-se, com um último estremecimento.

Durante um minuto ficaram imóveis, apertados uns contra os outros, a olhar. Nunca mais nenhum deles esqueceria o que viram.

Houvera, tudo o indicava, uma luta tremenda. Viam-se móveis pesados derrubados, jarras de porcelana estilhaçadas no chão e, no meio do tapete, defronte da lareira crepitante, jazia Simeon Lee, numa grande poça de sangue. Aliás, havia salpicos de sangue por todo o lado. O quarto parecia um matadouro.

Ouviu-se um suspiro longo e trêmulo e depois duas vozes falaram sucessivamente. Por singular coincidência, ambas proferiram citações.

David Lee murmurou:

--*Os moinhos de Deus moem devagar...*

E a voz de Lydia acrescentou, num sussurro trêmulo:

--*Quem pensaria que o velho tinha tanto sangue em si?*

IV

O inspetor Sugden tocara três vezes. Por fim, desesperado, bateu furiosamente com a aldrava.

Assustado, Walter abriu-lhe, finalmente, a porta.

--Oh, é o senhor! -- gaguejou, e pareceu aliviado. -- Ia telefonar para a Polícia.

-- Porquê? -- perguntou-lhe o inspetor, vivamente. -- Que se passa aqui?

--O velho Mister Lee... -- segredou Walter. -- *Limparam-lhe o sebo...*

Sugden afastou-o e correu pela escada acima. Entrou no quarto sem ninguém se aperceber e, no mesmo instante, viu Pilar baixar-se e apanhar qualquer coisa do chão. David Lee tapava os olhos, com as mãos.

Os outros estavam reunidos, num pequeno grupo. Só Alfred Lee se aproximara do corpo do pai e o olhava, de muito perto. O seu rosto estava absolutamente inexpressivo.

--Lembrem-se que não devemos tocar em nada -- dizia George Lee, todo importante. -- Não devemos tocar *absolutamente em nada*, até a Polícia chegar.

-- Com licença -- disse Sugden, e abriu caminho, afastando delicadamente as senhoras.

-- Ah, é o senhor, inspetor Sugden! -- exclamou Alfred, ao reconhecê-lo. -- Veio muito depressa.

--E verdade, Mister Lee. -- Sugden não perdeu tempo com explicações. -- Que sucedeu?

--O meu pai foi morto... Assassinado.

Magdalene começou, de súbito, a soluçar, histericamente, e o inspetor levantou a grande mão e ordenou, em tom autoritário:

-- Agradecia a todos que abandonassem o aposento, com exceção de Mister Lee e de... Mister George Lee.

Encaminharam-se todos para a porta, lenta e relutantemente, como carneiros, e Sugden meteu-se à frente de Pilar e disse-lhe, em tom delicado:

--Desculpe, menina, mas não se deve mexer em nada...

A rapariga olhou-o, sem compreender, e Stephen Farr replicou, impaciente:

--Claro que não. Ela sabe-o muito bem.

-- Apanhou qualquer coisa do chão, há pouco, não é verdade? -- insistiu o inspetor, ainda no mesmo tom delicado.

Pilar abriu muito os olhos e perguntou, incrédula: -- Apanhei?

--Apanhou. Eu vi -- respondeu-lhe o polícia, sempre delicado, mas em voz um pouco mais firme.

-- Oh!

-- Queira fazer o favor de me entregar o que apanhou. Está na sua mão.

Pilar abriu a mão, devagar, e mostrou um pedaço de borracha e um objeto pequeno, de madeira. Sugden pegou-lhes, meteu-os num sobrescrito e guardou-o na algibeira do peito.

-- Obrigado -- agradeceu.

Por instantes, os olhos de Stephen Farr exprimiram um certo respeito. Parecia que subestimara a competência do corpulento e atraente inspetor.

Saíram, por fim, do quarto e ouviram a voz de Sugden começar, em tom muito oficial:

--Agora, se fizessem favor...

V

--Não há nada como um lume de lenha -- afirmou o coronel Johnson, chegando a cadeira para junto da lareira, depois de lhe ter deitado mais um toro. -- Sirva-se, por favor -- acrescentou, hospitaleiro, e apontou a garrafa e o sifão que se encontraram perto do cotovelo do seu visitante.

Aquele levantou a mão, numa recusa delicada, ao mesmo tempo que aproximava também a cadeira do calor do lume, embora, pessoalmente, fosse de opinião que a oportunidade de grelhar as solas dos pés (como numa tortura medieval) não suavizava a corrente de ar frio que lhe enregelava as costas.

O coronel Johnson, chefe da Polícia de Middleshire, podia estar convencido de que nada levava a palma a um lume de lenha, mas Hercule Poirot tinha a certeza de que o aquecimento central levava, e com grande margem.

-- Espantoso, aquele caso Cartwright! observou o anfitrião, em tom saudoso. Espantoso indivíduo! E que encanto de maneiras! Quando veio aqui, consigo, conquistou-nos a todos!

Abanou a cabeça e acrescentou, após uma pausa:

--Nunca mais teremos nada como esse caso! O envenenamento pela nicotina é raro, felizmente.

-- Tempos houve em que se consideraria qualquer tipo de envenenamento não-inglês comentou Poirot. Era um estratagema de estrangeiros, pouco desportivo...

-- Não estou muito de acordo... Temos muitos envenenamentos pelo arsênico, mais, talvez, do que se suspeita.

-- Sim, talvez.

Os casos de envenenamento são sempre embaraçosos e difíceis -- afirmou o coronel Johnson. Depoimentos contraditórios dos peritos, uma cautela exagerada dos médicos, nos seus pareceres... Sim, são invariavelmente casos difíceis, para apresentar a um júri. Já que temos de investigar assassinios (e prouvera a Deus que não tivéssemos!), ao menos que sejam claros, qualquer coisa em que não haja dúvidas nem ambigüidades quanto à causa da morte.

Poirot acenou afirmativamente.

--Um ferimento de bala, uma garganta cortada, um crânio esmagado, são estas as suas preferências?

--Oh, não lhes chame preferências, meu querido amigo! Não imagine, sequer, que *gosto* de assassinios! Oxalá nunca mais me aparecesse nenhum. No entanto, creio que não temos nada a temer, durante a sua visita.

--A minha reputação... -- começou Poirot, modestamente, mas Johnson prosseguiu:

--E Natal, compreende? Paz, boa vontade, etc. Boa vontade em toda a parte!

Hercule Poirot recostou-se na cadeira e uniu as pontas dos dedos das duas mãos, enquanto observava atentamente o coronel.

--É, então, de parecer de que a quadra do Natal não é propícia ao crime? -- perguntou-lhe.

--Foi o que quis dizer.

-- Porquê?

-- Porquê? -- Johnson sentiu-se um pouco fora de pé... -- Bem, como disse, é uma quadra de alegria, boa vontade...

--Os Ingleses são tão sentimentais!

--E que mal há nisso? -- indagou Johnson, um pouco abespinhado. -- Que mal há em gostamos de coisas antigas, das velhas festividades tradicionais?

-- Não há mal nenhum. É, pelo contrário, deveras encantador! Mas examinemos, por instantes, aos *factos*. Disse que o Natal é uma quadra de alegria e boa vontade; uma quadra em que se come bem e bebe melhor, não é verdade? Em que se come mais do que a conta, na realidade, e a comida em excesso causa indigestão.. e a indigestão dá origem à irritabilidade!

--Não se cometem crimes por irritabilidade!

--Olhe que não juraria... Mas vejamos o caso de outro ponto de vista. No Natal existe um espírito de boa vontade, como salientou. Esquecem-se velhas querelas e os que estavam em desacordo consentem em concordar, ainda que temporariamente.

Johnson acenou com a cabeça.

--E verdade, enterra-se o machado da guerra.

Poirot prosseguiu, a desenvolver o seu tema: --As famílias que passam todo o ano separadas, reúnem-se de novo. Deve concordar, meu amigo, que em tais circunstâncias é inevitável uma certa dose de *tensão*. As pessoas que não se sentem cordiais, violentam-se para *parecer* cordiais! Por isso há na quadra do Natal uma grande dose de *hipocrisia*; hipocrisia honrosa, hipocrisia *pour le bon motif*, *c'est entendu*, mas apesar de tudo, hipocrisia!

Bem, pessoalmente, não vejo as coisas exatamente assim... -- murmurou o coronel, em tom duvidoso.

Ah, pois não! -- exclamou Poirot, radiante. Quem as vê assim sou eu, e não o senhor. Pretendi apenas demonstrar-lhe que em tais circunstâncias, tensão mental, *malaise* física, é provável que assumam, de súbito, uma característica mais séria, antipatias que até então eram moderadas e discordâncias que não ultrapassavam a craveira do trivial. Fingir que

somos mais cordiais, mais clementes, mais magnânimos do que na realidade somos, leva-nos, mais cedo ou mais tarde, a dar a impressão errada de que somos mais antipáticos, mais implacáveis e mais desagradáveis do que na realidade somos! Se represamos a torrente do comportamento natural, *mon ami*, mais cedo ou mais tarde a represa rebenta e dá-se a catástrofe.

Johnson fitou-o, duvidoso, e resmungou: Nunca sei quando fala a sério ou quando está a mangar comigo.

-- Não estou a falar a sério! afirmou Poirot, a sorrir. De modo nenhum! Contudo, é verdade que um procedimento artificial provoca uma reação natural. O criado do coronel Johnson entrou na sala e informou:

--O inspetor Sugden está ao telefone, senhor.

-- Vou já.

O chefe da Polícia saiu, depois de se desculpar, e voltou passados três minutos, grave e perturbado.

--Diabos levem tudo isto! -- praguejou. -- Um caso de assassínio, e logo na véspera do Natal!

Poirot arqueou as sobrancelhas, surpreendido. --

Trata-se, definitivamente, de assassínio?

-- Neste caso, não há outra solução possível. É todo perfeitamente claro. Assassínio e brutal. --Quem é a vítima?

--O velho Simeon Lee um dos nossos homens mais ricos. Fez fortuna na África do Sul, para começar. Ouro... não, creio que foram diamantes. Enterrou uma quantidade de dinheiro na fabricação de uma maquina qualquer, para trabalhar nas minas, suponho que inventada por ele próprio, mas no fim não se arrependeu, pois teve excelentes lucros. Consta que era duas vezes milionário.

--Era estimado, naturalmente?

--Não sei se haveria alguém que gostasse dele... Era um tipo esquisito e estava inválido há alguns anos. Pouco mais sei a seu respeito, mas não há dúvida de que era uma das grandes figuras do condado.

--Portanto, este caso causará sensação?

--Com certeza. Tenho de ir a Longdale o mais depressa possível.

Hesitou, a olhar para o visitante, e Poirot respondeu à sua pergunta muda:

--Gostaria que o acompanhasse, não é verdade?

-- É uma vergonha pedir-lho, mas você sabe como são estas coisas... -- redarguiu o coronel, constrangido. -- O inspetor Sugden é bom homem, trabalhador, cuidadoso, digno de toda a confiança,

mas.. não é, em sentido nenhum, um indivíduo *imaginativo*. Por isso, já que está aqui, confesso que gostaria muito de beneficiar dos seus conselhos.

Hesitou um pouco, na última parte do seu discurso, dando-lhe um estilo um pouco telegráfico. Poirot respondeu logo:

--Terei muito prazer, pode contar comigo para o ajudar em tudo quanto estiver ao meu alcance. Mas não devemos ferir a susceptibilidade do bom inspetor. Será o seu caso, e não o meu. Limitar-me-ei a ser, apenas, um consultor oficioso.

--Você é um tipo excelente, Poirot! -- exclamou o coronel, sinceramente, e os dois homens saíram.

VI

O polícia que lhes abriu a porta principal fez a continência. Ao ouvi-los, o inspetor Sugden correu, vindo do vestíbulo.

--Ainda bem que veio, senhor coronel. Podemos ir para esta sala, aqui à esquerda? E o gabinete de Mister Lee. Gostaria de expor o caso nas suas linhas gerais. É tudo muito confuso.

Conduziu-os a uma pequena sala à esquerda do vestíbulo, onde havia uma secretária cheia de

papéis, um telefone e estantes a cobrir todas as paredes.

--Sugden, este é Mister Hercule Poirot -- apresentou o chefe da Polícia. -- Deve ter ouvido falar a seu respeito. Estava comigo quando você telefonou. -- Voltou-se para Poirot e acrescentou: -- O inspetor Sugden.

Poirot inclinou um pouco a cabeça e envolveu o outro num olhar. Sugden era alto, de ombros quadrados, porte militar, nariz aquilino, queixo belicoso e um grande e basto bigode castanho. O inspetor olhou insistentemente Poirot, depois da apresentação, e este olhou insistentemente o bigode do inspetor. A sua exuberância parecia fasciná-lo.

--Ouvi, sem dúvida, falar a seu respeito, Mister Poirot. Esteve por estes lados há alguns anos, se a memória não me atraiçoa, quando da morte de Sir Bartholomew Strange. Envenenamento pela nicotina. Não foi na minha zona, mas tive conhecimento do caso, evidentemente.

--Vamos aos fatos, Sugden interrompeu-o Johnson, impaciente. Disse-me que era um caso claro...

--Sim, senhor coronel, não há dúvida de que se trata de assassinio. Mister Lee tem a garganta cortada; a jugular seccionada, segundo disse o médico: No entanto, há algo de muito estranho no caso.

--Quer dizer...

--Gostaria que escutasse primeiro a minha história, senhor coronel. Eis o que se passou: esta tarde, depois das cinco horas, Mister Lee telefonou-me para a esquadra da Polícia, de Addlesfield. Parecia um pouco agitado e pediu-me que o viesse visitar às oito horas desta noite; insistiu nessa hora, com especial interesse. Recomendou-me, também, que dissesse ao mordomo que andava a recolher fundos para o orfanato da Polícia.

O chefe da Polícia levantou vivamente a cabeça e perguntou-lhe: --Queria ter um pretexto plausível para a sua vinda cá a casa?

--Exatamente. Como Mister Lee era uma pessoa importante, acedi, naturalmente, ao seu pedido. Cheguei aqui um pouco antes das oito horas e, de acordo com as instruções que me dera, disse ao mordomo que vinha angariar fundos para o orfanato da Polícia. O mordomo foi dar o meu recado e depois disse-me que Mister Lee me receberia, pelo que me conduziu ao quarto do patrão, que fica no andar superior, por cima da casa de jantar.

O inspetor fez uma pausa, respirou fundo e depois prosseguiu, em tom mais ou menos oficial: --Mister Lee estava sentado numa poltrona, junto da lareira,

e envergava um roupão. Depois de o mordomo sair e fechar a porta, convidou-me a sentar a seu lado e disse-me, com certa hesitação, desejar comunicar-me pormenores de um roubo. Perguntei-lhe o que fora roubado e ele respondeu-me ter motivos para supor que tinham roubado do seu cofre diamantes, diamantes em bruto, creio que especificou, no valor de vários milhares de libras.

--Diamantes, hem? -- interrompeu o chefe da Polícia.

--Sim, senhor coronel. Fiz-lhe várias perguntas, mas a sua atitude pareceu-me muito hesitante e as suas respostas muito vagas. Por fim disse-me: «Deve compreender, inspetor, que é possível eu estar enganado a este respeito.» Confessei-lhe, então: «Não compreendo muito bem, Mister Lee. Das duas uma, ou os diamantes desapareceram, ou não desapareceram.» Ao que voltou: «Os diamantes desapareceram, sem dúvida nenhuma, mas é possível que o seu desaparecimento se deva a uma brincadeira estúpida e inofensiva.» Pareceu-me estranho, naturalmente, mas calei-me, enquanto ele prosseguia: «Não me é fácil entrar em pormenores, mas a situação é mais ou menos a seguinte: tanto quanto me é dado calcular, só duas pessoas podem ter as pedras. Se foi uma delas, fê-lo por brincadeira,

mas se foi a outra trata-se com certeza de um roubo», Perguntei-lhe o que pretendia que fizesse, ao certo, ao que replicou: «Quero que volte aqui dentro de uma hora, aproximadamente... Não, um pouco mais de uma hora. Digamos, às nove e um quarto. Nessa ocasião poderei dizer-lhe, em definitivo, se fui roubado ou não.» Senti-me um pouco mistificado, mas concordei e deixei-o.

--Curioso, muito curioso... -- comentou o coronel. -- Que diz, Poirot?

--Posso perguntar-lhe, inspetor, a que conclusões chegou?

Sugden afagou o queixo, ao responder, cautelosamente: --Ocorreram-me várias idéias, mas, no conjunto, convenci-me de que não se tratava de brincadeira nenhuma; os diamantes tinham, de fato, sido roubados, embora o velho não tivesse a certeza de quem era o ladrão. Na minha opinião, falou verdade ao dizer que podia ter sido uma de duas pessoas, das quais uma seria um criado e a outra um *membro da família*.

-- *Très bien* -- murmurou Poirot, a acenar, apreciativamente, com a cabeça. -- Isso explicaria a sua atitude.

--E o seu desejo de que eu voltasse mais tarde. Entretanto, esperava falar com a pessoa em questão,

a quem diria que já comunicara o caso à Polícia, mas que o assunto se poderia abafar se as pedras fossem restituídas.

-- E se o suspeito não correspondesse? -- perguntou o coronel Johnson.

--Nesse caso, encarregar-nos-ia da investigação. Johnson franziu as sobrancelhas e torceu o bigode.

--Porque não falaria com as pessoas suspeitas *antes* de o mandar chamar? -- perguntou.

--Não resultaria, senhor coronel -- apressou-se a esclarecer o inspetor. -- Seria muito menos convincente. O culpado diria para consigo: «O velho não chamará a Polícia, por muito que desconfie!» Mas se Mister Lee lhe dissesse, «*Já falei com a Polícia, o inspetor acaba de sair*», o caso mudaria de figura. O ladrão interrogaria o mordomo, este confirmaria, «Sim, o inspetor esteve cá, antes do jantar», e o culpado convencer-se-ia de que o velhote não estava a brincar e largaria as pedras.

-- Hum... talvez tenha razão -- admitiu o coronel. -- Faz alguma idéia de quem seja o «membro da família», Sugden?

-- Não, senhor.

--Não há nenhum indício?

-- Nenhum.

Johnson abanou a cabeça, desanimado, e murmurou:

--Está bem, continue.

O inspetor Sugden reassumiu o seu ar oficial:

--Voltei aqui às nove e um quarto, em ponto. Precisamente quando me preparava para tocar a campainha, ouvi um grito no interior da casa e um som confuso de vozes e corridas. Toquei várias vezes e servi-me, também, da aldrava, antes que me atendessem. Quando o laçao abriu, finalmente, a porta, compreendi que se passara algo de muito grave. O homem tremia dos pés à cabeça e parecia prestes a desmaiar. Disse-me, ofegante, que Mister Lee fora assassinado, e eu corri ao andar de cima. Encontrei o quarto de Mister Lee na maior desordem, com todos os indícios de ter havido ali uma luta, e o pobre senhor caído numa poça de sangue, defronte da lareira, com a garganta aberta.

-- Não podia tê-lo feito ele próprio? -- inquiriu o chefe da Polícia.

-- Impossível, senhor coronel. Por um lado, havia cadeiras e mesas derrubadas e porcelanas e ornamentos partidos; por outro, não havia sinais de lâmina ou da faca com que o crime foi cometido.

-- Sim, parece conclusivo... -- murmurou o chefe da Polícia, pensativo: --Estava alguém no quarto?

-- Quase toda a família, senhor coronel. De pé, a olhar.

--Tem algumas idéias, Sugden?

--E um caso complicado -- respondeu o inspetor, devagar. -- Tudo parece indicar que foi um deles; não vejo como uma pessoa do exterior o pudesse ter feito e fugido, em tão pouco tempo.

--A janela estava aberta ou fechada?

--O quarto tem duas janelas, senhor coronel. Uma delas estava fechada e a outra aberta alguns centímetros, mas fixada nessa posição por um parafuso especial. Além disso, experimentei deslocá-la e manteve-se fixa. Diria que não é aberta há anos. A parede exterior é, de resto, absolutamente lisa, sem trepadeiras nem qualquer outra coisa do gênero. Não vejo como alguém poderia ter saído por aí.

--Quantas portas tem o quarto?

--Uma, apenas. O quarto fica ao fundo de um corredor e a porta estava fechada do lado de dentro. Quando ouviram o barulho da luta e o grito do velho, ao morrer, correram lá para cima e tiveram de arrombar a porta, para entrar.

--Quem estava no aposento? -- perguntou Johnson.

--Ninguém, senhor coronel -- respondeu Sugden, gravemente. -- Ninguém, exceto a vítima, que fora morta poucos minutos antes.

VII

O coronel Johnson olhou demoradamente para o inspetor, antes de perguntar:

--Quer dizer, inspetor, que estamos perante um daqueles diabólicos casos das histórias policiais em que um homem é assassinado, num quarto fechado à chave, por meios aparentemente sobrenaturais?

Um ténue sorriso agitou a bigodeira do inspetor, quando respondeu, em tom muito grave:

--Não creio que seja assim tão mau, senhor coronel.

--Deve tratar-se de suicídio!

-- Nesse caso, onde está a arma? Não, senhor, não pode ser suicídio.

--Como fugiu, então, o assassino? Pela janela?

--Juraria que não -- respondeu o inspetor.

--Mas se a porta estava fechada à chave, por dentro...

O inspetor acenou com a cabeça, tirou uma chave da algibeira e pô-la em cima da mesa.

--Não tem impressões digitais -- declarou. -- Mas repare nesta chave, senhor coronel... Examine-a com aquela lente...

Poirot aproximou-se e examinaram, juntos, a chave.

--Com os diabos, estou a perceber aonde quer chegar! -- exclamou o chefe da Polícia. -- Aqueles tênues arranhões, na ponta. Vê-os, Poirot?

-- Vejo, sim. Isso parece significar que a chave foi girada do lado de fora da porta, com o auxílio de qualquer ferramenta especial que entrou na fechadura e agarrou a ponta da chave... Possivelmente um alicate vulgar.

--Era possível, de fato, ter acontecido assim concordou o inspetor.

-- Nesse caso, pretender-se-ia dar a idéia de que se tratara de um suicídio, visto a porta estar fechada e não se encontrar ninguém no quarto?

--Exatamente, Mister Poirot. Quanto a mim, não restam dúvidas a tal respeito.

Poirot abanou a cabeça, duvidoso.

--Como explica, então, a desordem do aposento? Isso bastaria para afastar a hipótese do suicídio. Logicamente, o assassino não se esqueceria de pôr tudo em ordem...

-- Se tivesse *tempo*, Mister Poirot. É aí que bate o ponto, se me permite a expressão: o assassino não

teve tempo. Suponhamos que pensava apanhar a vítima desprevenida... Sabemos que tal não sucedeu, pois travou-se luta (e luta violenta, que se ouviu perfeita- mente cá em baixo) e, além disso, o velhote gritou. Correu toda a gente pela escada acima e o assassino só teve tempo de sair do quarto e de fechar a porta à chave do lado de fora.

-- Sim, isso deve ter deitado tudo a perder -- admitiu Poirot. -- Mas porque não deixou o assassino ao menos a arma? Sim, porque se não há arma não pode, de maneira nenhuma, ser suicídio! Foi um erro muito grave.

--Os criminosos cometem, geralmente, erros -- declarou o inspetor, em tom muito afetado. -- É a experiência que no-lo tem ensinado.

Poirot suspirou.

-- Apesar dos seus erros, a verdade é que este criminoso escapou.

--Não creio que tenha, realmente, *escapado*...

--Quer dizer que ainda está cá em casa?

--Não vejo em que outro lugar possa estar. Foi trabalho do interior.

--Mas, *tout de même* -- salientou Poirot, suavemente --, escapou até certo ponto, pois *não sabemos quem ele é*.

--Estou certo de que em breve saberemos -- redargüiu o inspetor, em tom igualmente suave, mas firme. -- Ainda não interrogamos ninguém.

-- Ouça, Sugden, estou a lembrar-me de uma coisa -- disse o coronel. -- Quem quer que girou a chave do exterior, sabia o que fazia, o que significa que talvez tenha experiência criminal. As ferramentas utilizadas nestes trabalhos não são fáceis de manejar.

-- Quer dizer que foi obra de profissional, senhor coronel?

-- Exatamente.

--Assim parece, de fato -- admitiu o inspetor. -- Nesse caso, seria de crer que existe um ladrão profissional entre os criados. Isso explicaria o desaparecimento dos diamantes e, como seqüência lógica, o assassinio.

--Há alguma coisa que contrarie esta hipótese?

--Eu próprio tive a mesma idéia, ao princípio, mas parece-me difícil. Dos oito criados da casa seis são mulheres, e, destas, cinco trabalham cá há mais de quatro anos. Os outros dois são o mordomo e o lacaio. O primeiro está na casa há perto de quarenta anos (o que é um recorde), e o segundo é um rapaz destes s/tios, filho do jardineiro e criado aqui. Custa-me a crer que possa ser um profissional. O

outro único membro do pessoal é o criado-enfemeiro de Mister Lee. Trabalha na casa a relativamente pouco tempo, mas estava ausente; e ainda está. Saiu pouco depois das oito horas.

--Tem uma lista das pessoas que estavam, realmente, em casa, na altura do crime? -- perguntou o coronel.

--Tenho, sim. Foi o mordomo quem me indicou os nomes. -- Tirou o livro de apontamentos da algibeira. -- Posso ler?

--Faça favor, Sugden.

--Mister e Mistress Alfred Lee; Mister George Lee, deputado, e esposa; Mister Harry Lee; Mister e Mistress David Lee; Miss -- o inspetor fez uma pausa, para ler bem o nome seguinte, e depois pronunciou-o à inglesa, como uma peça arquitetônica- «Pilar» Estravados; Mister Stephen Farr. Agora os criados: Edward Tressilian, mordomo; Walter Champion, lacaio; Emily Reeves, cozinheira; Queenie Jones, ajudante de cozinheira; Gladys Spent, primeira criada; Grace Best, segunda criada; Beatrice Moscombe, terceira criada; Joan Kench, auxiliar das criadas; Sydney Horbury, criado-enfemeiro.

-- Mais ninguém?

--Mais ninguém, senhor coronel.

--Faz alguma idéia de onde se encontravam todos, na altura do crime?

-- Vaga, apenas, pois como lhe disse ainda não interroguei ninguém. Segundo Tressilian declarou, os cavalheiros ainda se encontravam na casa de jantar e as senhoras já tinham ido para a sala. Tressilian acabou de servir o café e voltara para a copa quando ouviu o barulho, lá em cima, e depois um grito. Correu para o vestíbulo e subiu a escada, atrás dos outros.

--Quantas pessoas da família moram aqui, e quantas estão apenas de visita? -- quis saber o coronel.

-- Mister e Mistress Alfred moram aqui; os outros estão apenas de visita.

-- Onde se encontram todos, agora?

--Pedi-lhes que ficassem na sala, até os interrogar.

-- Parece-me melhor imos lá acima, dar uma vista de olhos.

O inspetor conduziu-os, pela larga escadaria e pelo corredor. Ao entrar no quarto onde fora cometido o crime, Johnson soltou um suspiro profundo.

-- Horrível -- comentou.

Ficou um momento imóvel, a observar as cadeiras derrubadas, as porcelanas estilhaçadas e os cacos salpicados de sangue.

Um homem magro e idoso, que estava ajoelhado junto do corpo, levantou-se e cumprimentou, com um aceno de cabeça.

--Boas noites, Johnson. Parece um matadouro, hem?

-- É verdade. Tem alguma coisa para nós, doutor? O médico encolheu os ombros e sorriu. --Fornecer-lhes-ei a linguagem científica no inquérito. Aliás, não parece nada complicado. Cortaram-lhe a garganta como a um porco e esvaiu-se em sangue em menos de um minuto. Não há sinais da arma.

Poirot foi examinar as janelas. Como o inspetor dissera, uma estava fechada e trancada e a outra aberta uns dez centímetros, na base. Um parafuso grosso, do tipo conhecido, muitos anos atrás, por «parafuso contra ladrões», fixava-a nessa posição.

-- Segundo me disse o mordomo, essa janela nunca se fechava, quer o tempo estivesse úmido, quer bom . O tapete de oleado, em baixo, destinava-se a evitar que a chuva manchasse o chão, se entrasse pela fresta, mas isso acontecia raramente, pois o telhado saliente protege a casa, nesse aspecto.

Poirot acenou com a cabeça e foi observar o morto. Os lábios estavam arrepanhados, por cima das gengivas exangues, numa espécie de arreganho, e os dedos enclavinados, como garras.

-- Não parece que fosse um homem forte... -- comentou Hercule Poirot.

--Era muito rijo, creio -- opinou o médico. -- Sobreviveu a diversas doenças graves, que teriam matado qualquer outro homem.

-- Não era a isso que me referia. Queria dizer que não era corpulento, fisicamente forte.

--Não, de fato. Nesse aspecto, era frágil.

Poirot curvou-se, a observar uma pesada cadeira de mogno, derrubada. Ao lado, via-se uma mesa redonda, também de mogno, e fragmentos de um grande candeeiro de porcelana. Perto jaziam duas outras cadeiras, mais leves, os estilhaços de uma garrafa e dois copos, um pesado pesa-papéis, de vidro, intacto, alguns livros, uma jarra japonesa, feita em fanicos, e a estatueta de bronze de uma rapariga nua.

Poirot observou tudo, detidamente, mas sem tocar em nada. Tinha a testa franzida, de perplexidade.

--Nota alguma coisa de especial, Poirot? -- perguntou-lhe o chefe da Polícia.

Poirot suspirou e respondeu, baixinho:

--Um homem tão frágil, tão mirrado.. e tudo isto...

Johnson pareceu intrigado. Virou-se para o sargento, que se encontrava no quarto, e perguntou-lhe: --Encontraram impressões digitais?

--Muitas, senhor coronel, por toda a parte.

-- No cofre?

-- Por aí, nada feito. As únicas que lá se encontraram foram as da vítima.

-- Alguma coisa, quanto à manchas de sangue? -- perguntou o coronel, dirigindo-se desta vez ao médico. -- Certamente quem o matou deve ter ficado sujo de sangue...

-- Talvez não. Praticamente o sangue saiu todo da jugular, e portanto não deve ter esguichado, como se fosse de uma artéria.

--No entanto, há por aí muito sangue...

--Sim, há muito sangue -- concordou Poirot. -- Acho estranho... Tanto sangue!

--Acha... hum.. isso sugere-lhe alguma coisa, Mister Poirot? -- inquiriu respeitosamente o inspetor.

O interpelado olhou à sua volta e abanou a cabeça, perplexo.

--Há aqui um não sei quê.. uma violência... -- Calou-se, um instante, e depois prosseguiu: -- Sim, é isso: *violência...* E sangue, uma insistência em *sangue...* *Há... como hei-de dizer?.. demasiado sangue.* Sangue nas cadeiras, nas mesas, no carpete... Um ritual de sangue? Sangue de sacrifício? Talvez... Um velho tão frágil, tão magro, tão mirrado, tão seco, e, contudo, ao morrer, *tanto sangue...*

O inspetor Sugden fitou-o, de olhos arregalados, e observou, em voz temerosa:

--Tem graça.. foi o que ela disse.. a senhora...

--Que senhora? -- perguntou-lhe, vivamente, Poirot.

-- Que disse ela?

--Mistress Lee, Mistress Alfred Lee. Estava ali parada, à porta, e proferiu as palavras num murmúrio. Não percebi...

--Que foi que ela disse?

--Qualquer coisa assim como quem pensaria que o velho teria tanto sangue em si...

-- *Mas quem pensaria que o velho tinha tanto sangue em si?* -- murmurou Poirot, docemente. - As palavras de Lady Macbeth. Ela disse isso... Ah, é interessante!

VIII

Alfred Lee e a mulher entraram no pequeno gabinete onde Poirot, Sugden e o chefe da Polícia esperavam, de pé.

-- Como está, Mister Lee? -- cumprimentou o coronel. -- Nunca fomos verdadeiramente apresentados, mas como deve saber sou chefe da Polícia do condado. Chamo-me Johnson... Não sei exprimir quanto lamento tudo isto.

Alfred, cujos olhos castanhos lembravam os de um cão angustiado de sofrimento, murmurou, em voz rouca:

--Obrigado... É terrível.. terrível! Eu... esta é minha mulher.

-- Foi um abalo muito grande para o meu marido -- disse Lydia, na sua voz serena, com a mão no ombro de Alfred. -- Para todos nós, na verdade, mas sobretudo para ele.

-- Não se quer sentar, Mister Lee? -- perguntou-lhe Johnson. -- Permita que lhe apresente Mister Hercule Poirot.

Poirot inclinou a cabeça, enquanto os seus olhos observavam, com interesse, marido e mulher.

-- Senta-te, Alfred -- disse Lydia, e os seus dedos comprimiram, docemente, o ombro do marido. Alfred sentou-se e murmurou: --Hercule Poirot... Quem... quem... -- Calou-se e passou a mão pela testa, atordado.

-- O coronel Johnson deve querer fazer-te muitas perguntas, Alfred -- disse-lhe Lydia.

O chefe da Polícia olhou-a, aprovadoramente. Sentia-se grato por Mrs. Lee ser uma mulher tão sensata e inteligente.

--Claro, claro... -- murmurou Alfred.

«O abalo parece tê-lo destrambelhado de todo», pensou o coronel. «Oxalá consiga dominar-se um pouco...»

--Tenho aqui uma lista de todas as pessoas que estavam cá em casa, esta noite -- disse, em voz alta. -

- Importa-se de me dizer se está certa, Mister Lee? Fez um sinal a Sugden, que tirou o livro de apontamentos e leu de novo, os nomes.

O enumerar dos nomes pareceu ajudar Alfred Lee a dominar-se, a recuperar um pouco de serenidade. Os seus olhos perderam a fixidez e a expressão de atordoamento, e acenou com a cabeça, aprovador, quando Sugden terminou.

--Está certa -- declarou.

--Importa-se de me falar um pouco acerca dos convidados? Mister e Mistress George Lee e Mister e Mistress David Lee são, presumo, parentes?

--São os meus dois irmãos mais novos e as suas mulheres.

--Estão aqui apenas de visita?

--Sim, vieram passar o Natal conosco.

--Mister Harry Lee também é seu irmão?

--É.

-- E os outros dois convidados? Miss Estravados e Mister Farr?

-- Miss Estravados é minha sobrinha; .Mister Farr é filho de um antigo sócio de meu pai, na África do Sul.

-- Ah, um velho amigo!

Lydia interveio e esclareceu: --Não, na realidade, nunca o víamos. Conhecemo-lo ontem, apenas.

-- Compreendo. Mas convidaram-no para passar o Natal?

Alfred hesitou, e depois olhou para a mulher, que respondeu, sem hesitações:

-- Mister Farr apareceu cá ontem, inesperadamente. Encontrava-se nas proximidades e resolveu visitar o meu sogro. Este, ao saber que ele era filho do seu velho amigo e sócio, fez questão de o convidar a passar o Natal conosco.

--Muito bem, está tudo explicado -- declarou o coronel. -- Falemos agora dos criados. Considera-os dignos de confiança, Mistress Lee?

Lydia pensou um instante, antes de responder: -- Sim, estou certa de que são todos de confiança. Na sua maioria, estão conosco há muitos anos. Tressilian, o mordomo, serve a casa desde a infância do meu marido... Os mais recentes são a ajudante das criadas, Joan, e o criado-enfemeiro, que tratava do meu sogro.

--Que sabe a respeito desses dois?

-- Joan não passa de uma patetinha... É a pior coisa que se pode dizer a seu respeito, coitada. Quanto a Horbury, pouco sei. Trabalha cá há pouco mais de um ano, tem-se mostrado competente e o meu sogro parecia satisfeito com ele.

--Mas a senhora não estava satisfeita, pois não? --
interveio, inesperadamente, Poirot.

Lydia encolheu os ombros e respondeu:

--O trabalho dele não me dizia respeito.

-- Mas, como dona da casa, os criados estão sob a sua alçada?

-- Sim, sem dúvida. Mas Horbury servia pessoalmente o meu sogro, não estava dependente de mim.

-- Compreendo.

-- Chegamos agora aos acontecimentos desta noite

-- prosseguiu o coronel. -- Receio que seja penoso para si, Mister Lee, mas gostaria de o ouvir relatar o que sucedeu.

--Com certeza -- murmurou Alfred.

--Por exemplo, quando viu pela última vez o seu pai?

Um leve espasmo de dor contraiu o rosto de Alfred, ao responder, em voz apagada:

--Depois do chá. Estive com ele alguns momentos e depois dei-lhe as boas-noites. Quando o deixei deviam ser.. talvez um quarto para as seis.

-- Deu-lhe as boas-noites? -- observou Poirot. -- Não esperava voltar a vê-lo, esta noite?

-- Não. O jantar do meu pai, uma refeição ligeira, era-lhe sempre servido às sete horas. Depois disso deitava-se ou ficava sentado na sua poltrona, mas não esperava ver ninguém da família, a não ser que mandasse chamar algum de nós.

-- Costumava mandar chamar alguém?

--Às vezes, se estava com disposição para isso.

--No entanto, não era um procedimento corrente?

-- Não.

--Continue, por favor, Mister Lee.

Alfred continuou: -- Jantamos as oito horas. Depois de comemos, a minha mulher e as outras senhoras foram para a sala. -- A voz fugiu-lhe, trêmula, e os seus olhos ficaram outra vez fixos. -- Estávamos sentados à mesa, na casa de jantar, e de súbito ouvimos um barulho surpreendente, lá em cima. Cadeiras e móveis a cair, vidros e porcelanas a estilhaçarem-se, e... Oh, meu Deus! -- Estremeceu, percorrido por um calafrio. -- Ainda parece que estou a ouvir! O meu pai soltou um grito... um grito

horrível e longo, de um homem na agonia da morte...

Cobriu o rosto com as mãos trêmulas. Lydia tocou-lhe na manga e o coronel perguntou, suavemente: -- E depois?

--Creio que.. durante um minuto, ficamos atordoados. Depois levantamo-nos, de um pulo, corremos pela porta fora e subimos a escada, direitos ao quarto do meu pai. A porta estava fechada à chave e não pudemos entrar. Tivemos de a arrombar. Depois, quando entramos, vimos...

A voz morreu-lhe na garganta.

-- Não há necessidade de entramos nesses pormenores, Mister Lee -- disse o coronel. -- Voltemos atrás, ao tempo em que estavam na casa de jantar. Quem se encontrava consigo, quando ouviram o grito?

--Quem? Bem, estávamos todos... Não, um momento... Estava lá o meu irmão.. o meu irmão Harry.

-- Mais ninguém?

-- Mais ninguém.

--Onde estavam os outros cavalheiros? Alfred suspirou e franziu a testa, num esforço para se lembrar.

--Deixe-me ver... Parece que foi há tanto tempo... há anos... Que sucedeu? Ah, sim! O George saíra, para telefonar, e nós começamos a falar de assuntos de família. Stephen Farr disse qualquer coisa, acerca de compreender que queríamos falar de coisas que não lhe respeitaram, e saiu. Procedeu com muito acerto e tacto, diga-se de passagem...

--E o seu irmão David?

Alfred franziu outra vez a testa.

--David? Também não estava lá... Não me lembro quando saiu.

-- Tinha, então, assuntos de família a discutir? -- perguntou Poirot, docemente.

-- Hum... sim...

--Isto é, queria falar de certos assuntos com um membro da família?

--Que quer dizer, Mister Poirot? -- interveio Lydia.

Poirot voltou-se vivamente para ela e respondeu:

--Minha senhora, o seu marido disse que Mister Farr os deixou por compreender que queriam discutir assuntos de família. Não se tratava, porém, de um *conseil de famille*, visto Mister David não estar presente, nem tão-pouco Mister George. Portanto, era uma discussão entre dois membros da família, apenas.

--O meu cunhado, Harry, esteve ausente no estrangeiro muitos anos. Era natural que ele e meu marido tivessem coisas que dizer um ao outro.

--Ah, compreendo! Era, então, isso!

Lydia olhou-o, e depois apressou-se a desviar o olhar.

-- Esse ponto parece esclarecido -- declarou Johnson.

-- Reparou em mais alguém, quando subiu a escada, a caminho do quarto do seu pai?

-- Eu confesso que não sei. Creio, no entanto, que sim. Aparecemos todos, de diversas direções, mas estava tão assustado que não reparei... Aquele grito horrível...

O coronel Johnson apressou-se a mudar de assunto:

--Obrigado, Mister Lee. Falemos agora de outra coisa. Consta-me que seu pai tinha em seu poder alguns diamantes valiosos.

--Sim -- confirmou Alfred, surpreendido --, tinha.

--Onde os guardava?

--No cofre, no seu quarto.

-- Pode descreve-los?

--Eram diamantes em bruto.. isto é, pedras por talhar.

--Porque os tinha o seu pai lá em cima?

-- Era um capricho seu. Trouxera-os da África do Sul e nunca os mandara cortar. Gostava de os ter em seu poder... Como disse, era um capricho.

--Compreendo -- redargüiu o chefe da Polícia, embora o tom da sua voz denunciasse que não compreendia nada... -- Eram muito valiosos?

-- O meu pai calculava que valeriam cerca de dez mil libras.

--Portanto, eram pedras muito valiosas?

-- Eram.

--Parece uma idéia curiosa, essa de guardar pedras tão valiosas num cofre, em casa...

--O meu sogro era um homem curioso, coronel Johnson -- interveio, mais uma vez, Lydia. -- As suas idéias não tinham nada a ver com convencionalismos, e não há dúvida que lhe causava grande prazer mexer nesses diamantes.

--Talvez lhe recordassem o passado -- sugeriu Poirot.

--Sim, creio que era isso -- admitiu Lydia.

--Estavam seguros? -- indagou o chefe da Polícia.

--Parece-me que não.

Johnson inclinou-se para Alfred e perguntou-lhe, em tom sereno:

-- Sabia, Mister Lee, que esses diamantes tinham sido roubados?

--O quê?! -- exclamou, estupefato, o interpelado.

--O seu pai não lhe falou do seu desaparecimento?

--Não, não me disse nada.

--Ignorava que ele mandara chamar o inspetor Sugden e lhe comunicara o roubo?

--Não fazia a mínima idéia de que tal tivesse sucedido!

--E a senhora, Mistress Lee?

Lydia abanou a cabeça, negativamente.

--Não ouvi falar no assunto.

-- Que soubesse, portanto, as pedras continuavam no cofre?

--Continuavam. -- Hesitou, antes de perguntar: -- Foi por isso que o mataram? Por causa dessas pedras?

--É o que pretendemos averiguar -- replicou-lhe o coronel. -- Faz alguma idéia, Mistress Lee, de quem poderia maquinar semelhante roubo?

--Não, confesso que não. Estou certa de que os criados são todos honestos. Aliás, ser-lhes-ia muito difícil aproximarem-se do cofre. O meu sogro estava sempre lá em cima, nunca descia cá abaixo.

--Quem arrumava o quarto?

-- Horbury. Era ele que fazia a cama e limpava o pó. A segunda criada limpava todas as manhãs a lareira

e acendia-a, mas o resto estava tudo a cargo de Horbury.

--Portanto, seria ele a pessoa que teria melhor oportunidade de cometer o roubo? -- inquiriu Poirot.

-- Sim.

--Pensa, então, que foi ele quem roubou os diamantes?

--É possível, suponho... Ninguém teria melhor oportunidade do que ele. Oh, não sei que pensar!

-- O seu marido já nos relatou o que se passou esta noite -- disse o coronel Johnson. -- Importa-se de fazer o mesmo, Mistress Lee? Quando viu pela última vez o seu sogro?

-- Fomos todos ao seu quarto, esta tarde, antes do chá. Foi a última vez que o vi.

-- Não o viu mais tarde, para lhe desejar as boas-noites?

-- Não.

-- Costumava ir dar-lhe as boas-noites? -- perguntou Poirot.

--Não -- repetiu Lydia, secamente.

--Onde estava quando foi cometido o crime? prosseguiu o chefe da Polícia.

-- Na sala.

--OuvIU o barulho da luta?

--Creio que ouvi qualquer coisa pesada cair. Como o quarto fica por cima da casa de jantar, e não da sala, não ouvi tanto como as pessoas que se encontravam naquela.

--Mas ouviu o grito?

Lydia estremeceu.

-- Sim, ouvi... Foi horrível! Parecia o grito de... de uma alma no Inferno! Compreendi imediatamente que sucedera algo terrível, saí da sala a correr e segui o meu marido e Harry, pela escada acima.

--Quem mais se encontrava na sala, nesse momento?

Lydia franziu a testa.

-- Confesso que não me lembro... David estava na sala de música, ao lado, a tocar Mendelssohn e creio que Hilda fora ter com ele.

--E as outras duas senhoras?

-- Magdalene fora telefonar e não me lembro se já tinha voltado, se não, e não sei onde estava Pilar.

--Quer dizer que podia encontrar-se sozinha na sala? -- perguntou Poirot, em tom suave.

--Sim... Na verdade, creio que estava sozinha.

-- A respeito dos diamantes... -- prosseguiu o coronel. -- Creio que devemos certificar-nos acerca deles. Sabe qual era a combinação do cofre do seu

pai, Mister Lee? Verifiquei que se trata de um modelo um pouco antiquado.

--A combinação está escrita num livrinho de apontamentos que ele trazia na algibeira do roupão.

-- Muito bem. Verificaremos, daqui a bocado. Entretanto, talvez seja melhor interrogamos primeiro as restantes pessoas da família, pois é natural que as senhoras se queiram deitar.

--Vamos, Alfred -- disse Lydia, levantando-se. -- Deseja que lhos mande?

--Um de cada vez, Mistress Lee, se fizer favor.

-- Com certeza.

Encaminhou-se para a porta e o marido seguiu-a. De súbito, Alfred estacou, já à porta, e voltou-se. -- Claro! -- exclamou, aproximando-se de Poirot. -- É Hercule Poirot! Não sei onde tinha a cabeça! Devia ter-me lembrado logo.. -- Falava rapidamente, em voz baixa e agitada. -- E uma sorte, uma verdadeira sorte o senhor estar aqui! Deve descobrir a verdade, Mister Poirot. Não se poupe a despesas, eu pagarei tudo, mas descubra a verdade! O meu pobre pai.. assassinado com tão cruel brutalidade! Tem de descobrir, Mister Poirot, tem de descobrir pois quero que o meu pai seja vingado!

--Garanto-lhe, Mister Lee, que estou disposto a fazer tudo quanto estiver ao meu alcance para ajudar o

coronel Johnson e o inspetor Sugden -- respondeu-lhe Poirot, serenamente.

--Quero que trabalhe para *mim* -- disse-lhe Alfred. -- O meu pai tem de ser vingado.

Começou a tremer violentamente, e Lydia voltou atrás e deu-lhe o braço. --Vamos, Alfred. Temos de chamar os outros. Os olhos de Lydia fitaram-se nos de Poirot. Eram olhos que guardavam os seus segredos, que não vacilavam.

O detetive murmurou, docemente:

--*Quem pensaria que o velho...*

--Cale-se! -- interrompeu-o. -- Não diga asso!

--Mas a senhora disse-o -- murmurou Poirot.

--Bem sei.. lembro-me. Foi... horrível.

Depois saiu bruscamente, ao lado do marido.

IX

George Lee mostrou-se solene e correto: --Uma coisa horrível -- declarou, a abanar a cabeça, pavorosa. Só posso acreditar que tenha sido obra de um... enfim, de um louco!

-- É essa a sua teoria? -- perguntou, delicadamente, Johnson.

--Sim, sem dúvida. Um louco homicida, talvez fugido da clínica de doenças mentais próxima.

--E como lhe parece que esse.. esse louco tenha entrado em casa, Mister Lee? -- perguntou-lhe o inspetor Sugden. -- E como teria, depois, saído?

-- Isso -- respondeu George, a abanar a cabeça -- compete à Polícia descobrir.

--Revistamos imediatamente a casa e verificamos que todas as janelas estavam fechadas e trancadas -- informou o inspetor. -- As portas, tanto a principal como a lateral, estavam fechadas à chave, e ninguém poderia ter saído pela cozinha, sem ser visto pelo pessoal.

--Mas isso é absurdo! -- exclamou George Lee. Não tardará a dizer-me que o meu pai não pode, sequer, ter sido assassinado!

-- Foi assassinado, evidentemente. A esse respeito não existem dúvidas.

O chefe da Polícia pigarreou e reassumiu o interrogatório:

-- Onde se encontrava, Mister Lee, na ocasião do crime?

--Encontrava-me na casa de jantar. Foi logo depois de comemos... Não, creio que me encontrava aqui, nesta sala, pois acabara de telefonar.

--Tinha estado, então, a telefonar?

-- Sim, fiz uma chamada para o agente conservador de Westeringham, que é o meu círculo eleitoral. Um assunto urgente.

--Foi depois disso que ouviu o grito?

George Lee estremeceu ligeiramente.

-- Foi. Muito desagradável, arrepiou-me até à medula. Morreu numa espécie de estrangulamento gorgolejante. -- Tirou um lenço e enxugou a testa, coberta de suor. -- Horrível...

--Correu, imediatamente, para o andar de cima?

-- Corri.

-- Viu os seus irmãos, Mister Alfred e Mister Harry Lee?

--Não. Creio que devem ter subido à minha frente.

--Quando viu o seu pai pela última vez, Mister Lee?

--Esta tarde. Fomos todos ao seu quarto.

--Não o viu depois disso?

-- Não.

Após uma pausa, o chefe da Polícia perguntou:

--Sabia que o seu pai guardava uma quantidade de valiosos diamantes em bruto, no cofre do quarto?

George Lee acenou afirmativamente e respondeu, pomposo:

--Um procedimento muito insensato, como lhe disse muitas vezes. Podiam-no ter assassinado por isso... enfim, quero dizer...

--Sabia que essas pedras desapareceram? cortou o coronel.

George abriu a boca, estupidamente, e os seus olhos bugalhudos tomaram-se fixos.

--Então *foi* assassinado por causa delas?

-- Deu pela sua falta e comunicou o caso à Polícia, algumas horas antes de morrer informou Johnson, devagar.

--Mas então... Não compreendo...

--Nós também não compreendemos... -- declarou, docemente, Hercule Poirot.

X

Harry Lee entrou no escritório a andar de modo fanfarrão. Poirot observou-o, de testa franzida, com a sensação de que já vira aquele homem, fosse onde fosse. Examinou-lhe as feições o nariz aquilino, o porte arrogante da cabeça, a linha do queixo -- e disse para consigo que existia uma semelhança inegável entre Harry e o pai, embora aquele fosse um homem corpulento e Simeon Lee tivesse sido um indivíduo de estatura mediana.

Mas não foi só isso que notou. Apesar do seu ar fanfarrão, Harry Lee estava nervoso. Disfarçava, mas não havia dúvida que se sentia ansioso.

-- Bem, cavalheiros -- começou , que lhes posso dizer?

-- Agradecíamos que nos dissesse tudo quanto seja susceptível de esclarecer os acontecimentos desta noite respondeu-lhe o coronel.

--Não sei absolutamente nada, a não ser que foi horrível e de todo inesperado.

-- Creio que regressou recentemente do estrangeiro, Mister Lee? perguntou-lhe Poirot.

-- E verdade. Desembarquei em Inglaterra há uma semana.

--Esteve ausente durante muito tempo?

Harry Lee atirou o queixo para fora e riu-se.

-- Acho melhor dizer-lhes já, pois alguém acabará por o fazer! Sou o filho pródigo, cavalheiros... Há quase vinte anos que não punha os pés nesta casa.

-- Mas regressou.. agora. Importa-se de nos dizer porquê? -- pediu Poirot.

Harry respondeu logo, com a mesma aparente franqueza:

--Continua a aplicar-se a velha parábola! Cansei-me do folhelho que os suínos comem.. ou não comem. Esqueci-me como é. Disse, então, para comigo que o

bezerro gordo seria uma variante agradável, tanto mais que recebera uma carta do meu pai a sugerir-me que regressasse a casa. Obedeci, e aqui estou.

--Veio para uma estada longa ou curta? -- indagou Poirot.

-- Regressei... para ficar!

--O seu pai estava de acordo?

--O velho ficou encantado. -- Riu-se outra vez, com os cantos dos olhos franzidos, de modo simpático. -- Era muito aborrecido para ele, coitado, viver aqui com o Alfred! O meu irmão é enfadonho... Muito honesto e tudo o mais, mas como companhia, um grande maçador. O meu pai foi mariolão, nos seus tempos, e estava ansioso pela minha companhia.

--E o seu irmão e a mulher, ficaram contentes com a idéia de o senhor passar a morar aqui? -- perguntou Poirot, erguendo um pouco as sobrancelhas.

--O Alfred? Oh, ficou lívido de raiva! Quanto a Lydia, não sei; provavelmente ficou aborrecida, por causa do marido.. embora eu esteja convencido de que, no fim, acabaria por se sentir satisfeita. Gosto dela, é uma mulher maravilhosa. Sim, estou certo de que me entenderia bem com a Lydia. Mas com o Alfred a história seria outra. -- Nova gargalhada. -- Teve sempre uns ciúmes danados de mim! Foi toda a vida o filho bom e obediente, pacato e fiel, mas de

que lhe valeria isso, no fim? Um pontapé nos fundilhos, como acontece sempre ao rapaz bonzinho da família! Acreditem, cavalheiros, pois sou eu que o digo: a virtude não compensa!

Olhou de um rosto para o outro e prosseguiu: -- Espero que a minha franqueza não os escandalizasse, pois parti do princípio de que procuram a verdade. De resto, acabarão por trazer à luz do dia toda a roupa suja da família e, por isso, achei melhor mostrar já a minha. Não posso dizer que a morte do meu pai me tenha despedaçado o coração (no fim de contas, desde rapaz que não via o velho demônio), mas a verdade é que era meu pai e foi assassinado. Estou empenhado em que seja vingado, afagou o queixo, a olhá-los. -- A vingança apaixona-nos, na nossa família; nenhum Lee esquece com facilidade. Quero, por isso, que o assassino do meu pai seja descoberto e enforcado.

-- Creio que pode confiar em que faremos o possível para que tal suceda, Mister Lee -- disse Sugden.

--Se o não fizerem, arranjarei maneira de fazer justiça por minhas mãos.

--Isso significará, acaso, que tem alguma idéia acerca da identidade do assassino? -- apressou-se a perguntar o coronel.

--Não -- respondeu Harry Lee, a abanar, lentamente, a cabeça. -- Não tenho... Compreendem, foi uma grande surpresa, mas quanto mais penso no caso, menos me parece que tenha podido ser trabalho do exterior.

--Ah! -- exclamou Sugden, a abanar a cabeça.

--Ora se não foi trabalho do exterior, foi alguém da casa que o matou... Mas quem demônio poderá ter sido? Não consigo suspeitar dos criados. Tressilian trabalha cá há mais de quarenta anos e o lacaio é meio idiota, nem pensar nisso. O Horbury é um tipo esperto e manhoso, mas o mordomo disse-me que tinha ido ao cinema... Excluindo os criados e Stephen Farr, e por que diabo viria Stephen Farr da África do Sul para assassinar uma pessoa que nem sequer conhecia?, só nos resta a família. Mas, confesso, não me parece que nenhum de nós fosse capaz de fazer tal coisa. O Alfred? Adorava o pai. O George? Não teria coragem. O David? Foi sempre um sonhador e desmaiaria se visse sangrar nem que fosse um dedo seu. As mulheres? Cortar uma garganta a sangue-frio não é trabalho que uma mulher, faça. Quem, então? Macacos me mordam se sei! E, no entanto, deveras perturbador.

O coronel Johnson pigarreou de novo -- era um tique das suas funções oficiais -- e perguntou: -- Quando viu o seu pai pela última vez?

--Depois do chá. Ele acabava de ter uma pega com o Alfred, por causa deste vosso humilde criado... O velho adorava arranjar encrencas... Na minha opinião, foi por isso que não falou aos outros na minha vinda: queria assistir ao espetáculo, quando eu aparecesse inesperadamente! Foi por isso, também, que falou em modificar o testamento.

Poirot mexeu-se na cadeira, imperceptivelmente, e perguntou-lhe:

--Quer dizer que o seu pai falou no testamento?

-- À frente de todos nós e a observar-nos como um gato, para não lhe escaparem as nossas reações. Telefonou ao advogado e pediu-lhe que o viesse visitar, depois do Natal, para tratarem disso.

-- Que modificações tencionava fazer? -- inquiriu Poirot.

-- Não nos disse! -- exclamou Harry, a rir. -- Era uma raposa muito velha e muito sabida! Mas imagino... talvez seja melhor dizer que esperava.. que as modificações se destinavam a beneficiar este vosso humilde criado. Creio que me excluía dos testamentos anteriores e que tencionava, agora, remediar isso. Foi uma notícia desagradável para os

outros, tanto mais que havia, também, a Pilar. O velhote afeiçoara-se à pequena e estou convencido de que tencionava deixar-lhe qualquer coisa boa. Ainda não a viram? É a minha sobrinha espanhola... É uma bonita criatura, com a encantadora impetuosidade do Sul... e a sua crueldade. Quem me dera não ser apenas seu tio!

--Disse que o seu pai se lhe afeiçoou?

--Sim, ela soube conquistar o velhote... Passava muito tempo sentada com ele, lá em cima... Aposto que sabia o que queria! Bem, mas ele morreu e, agora, já não pode modificar o testamento a seu favor.. nem tão-pouco a meu. Diabo de sorte!

Franziu a testa, calou-se, e depois prosseguiu, em tom diferente:

--Mas, com tudo isto, desviei-me do principal. Queriam saber quando vi o meu pai pela última vez, não era? Como já lhes disse, foi depois do chá.. talvez um pouco depois das seis. O velho estava bem- -disposto, embora um bocadinho cansado. Deixei-o com o Horbury e nunca mais o vi.

--Onde estava, quando ele morreu?

-- Na casa de jantar, com o meu irmão Alfred. Tivemos uma sessão muito pouco harmoniosa, depois do jantar, e discutíamos com certo calor quando ouvimos o barulho, lá em cima. Dir-se-ia

que estavam a lutar dez homens! Depois o pobre velho gritou... Foi como se estivessem a matar um porco! O Alfred ficou petrificado, de boca aberta. Dei-lhe um safanão, para o arrancar ao marasmo, e fomos lá acima. A porta estava fechada à chave e tivemos de a arrombar, o que não foi nada fácil. Não consigo perceber como demônio a porta podia estar fechada por dentro! Não estava ninguém no quarto, além do pai, e ninguém poderia fugir pelas janelas.

--A porta foi fechada do lado de fora declarou o inspetor Sugden.

-- O quê?! -- exclamou Harry. -- Mas eu posso jurar que a chave estava do lado de *dentro*!

--Reparou nesse pormenor? -- inquiriu Poirot.

--Sou observador -- replicou Harry, em tom agressivo. -- E um hábito meu.

Olhou de uns para os outros, irritado, e perguntou: -

-Desejam saber mais alguma coisa, cavalheiros?

Johnson abanou a cabeça.

-- Obrigado, Mister Lee, mas por agora não desejamos mais nada. Importa-se de dizer a outra pessoa que entre?

-- As ordens.

Dirigiu-se para a porta e saiu sem olhar para trás.

Os três homens entreolharam-se e o coronel perguntou:

--Que me diz, Sugden? O inspetor abanou a cabeça, duvidoso, e respondeu:

--Tem medo de qualquer coisa... Gostava de saber o quê...

XI

Magdalene Lee parou um instante, no limiar da porta, e passou a mão comprida e esguia pelos cabelos brilhantes e platinados. O vestido de veludo verde-olha ajustava-se às linhas delicadas do seu corpo, e Magdalene parecia muito jovem e um pouco assustada.

Os três homens olharam-na. Os olhos de Johnson exprimiam uma admiração súbita e surpreendida; os do inspetor traduziam, apenas, a impaciência de um homem desejoso de continuar com o seu trabalho, e os de Hercule Poirot denunciavam um apreço profundo -- que não passou despercebido à jovem --, mas um apreço inspirado pela maneira hábil como ela sabia usar a sua beleza, e não pela beleza em si. Não passou pela cabeça de Magdalene Lee que o detetive pensasse, naquele momento:

«Jolie mannequin, la petite. Elle se pose tout naturellement. Elle a les yeux dures.»

«Muitíssimo atraente», pensou o coronel. «O George Lee terá complicações com ela, se não se precatar... Anda de olho nos homens.»

E o inspetor Sugden:

«Cabecinha oca e vaidosa. Espero que nos possamos despachar depressa com ela.»

O coronel Johnson levantou-se e convidou:

-- Queira fazer o favor de se sentar, Mistress Lee.

--Deixe-me ver, a senhora é...

--Mistress George Lee.

Aceitou a cadeira com um simpático sorriso de agradecimento e um olhar que parecia dizer:

«Embora sejas homem e polícia, não és mau de todo...»

O sorriso abrangia Poirot -- os estrangeiros eram tão susceptíveis, no que dizia respeito a mulheres! Quanto ao inspetor Sugden, não lhe interessava.

--Foi horrível, o que sucedeu! -- murmurou, a torcer as mãos com aparente angústia. -- Estou tão assustada!

-- Não há motivo para isso, Mistress Lee -- redargüiu o coronel Johnson, em tom bondoso, mas que não excluía certa brusquidão, foi uma surpresa desagradável, sem dúvida, mas já lá vai. Queremos apenas que nos descreva o que se passou.

-- Mas eu não sei nada do que se passou! -- exclamou, agitada. -- Palavra que não sei!

O chefe da Polícia semicerrou os olhos e depois disse, docemente:

--Pois claro que não sabe.

-- Chegamos ontem, apenas. O George *obrigou-me* a vir cá passar o Natal! Quem me dera que não tivéssemos vindo! Tenho a certeza de que nunca mais me sentirei como antes.

--Sim, foi muito desagradável.

-- Mal conheço a família do George, compreende? Só vira Mister Lee uma ou duas vezes, no nosso casamento e de outra vez. Ao Alfred e a Lydia vi-os mais vezes, mas mesmo assim são-me todos praticamente desconhecidos.

Arvorou de novo a expressão de criança assustada e de olhar dilatado, e de novo Hercule Poirot a admirou e pensou, para consigo:

«*Elle joue très bien la comédie, cette petite..*»»

--Sim, sim -- concordou o coronel Johnson. -- Digame só quando viu o seu sogro pela última vez, vivo?

--Oh! Vi-o esta tarde pela última vez. Foi terrível!

--Terrível? Porquê? -- inquiriu o coronel.

--Estavam tão irritados!

--Quem? Quem estava irritado?

--Oh, todos! Não me refiro ao George... O pai não lhe disse nada a ele. Mas os outros todos. --Que sucedeu, exatamente?

--Quando chegamos, ele mandara-nos chamar a todos, estava a falar ao telefone com o seu advogado, acerca do testamento. Depois disse ao Alfred que o achava com uma cara muito séria... Creio que era por causa do Harry vir viver para cá; isso transtornara muito o Alfred, suponho. Compreende, há anos o Harry praticou uma ação muito feia... Depois o meu sogro disse qualquer coisa acerca da mulher (morreu há muitos anos), afirmou que ela tinha miolos de piolho, e o David levantou-se e olhou-o como se o quisesse matar... Oh! -- calou-se, de súbito, de olhos espantados. -- Não era isto que queria dizer, de modo nenhum...

--Compreendo, não se preocupe -- tranqüilizou-a o coronel. -- Foi uma força de expressão.

--Hilda, é a mulher do David, acalmou-o e... bem, creio que não houve mais nada. Mister Lee disse que não queria ver mais ninguém, esta tarde, e viemo-nos todos embora.

--Foi essa a última vez que o viu?

--Foi. Até... até...

--Compreendo -- repetiu o coronel, ao vê-la estremecer.

-- Onde se encontrava na altura do crime?

--Deixe-me ver... Creio que estava na sala.

--Não tem a certeza?

Magdalene pestanejou, ocultando os olhos com as pálpebras.

-- Oh, que estupidez a minha! Tinha vindo telefonar. Estas coisas confundem-nos tanto...

--Diz que veio telefonar? A este escritório?

-- Sim. E este o único telefone, exceto o de lá de cima, do quarto do meu sogro.

--Esteve aqui mais alguém consigo? -- perguntou-lhe o inspetor.

Magdalene abriu muito os olhos, como se a pergunta a surpreendesse.

--Oh, não! Estive sozinha.

--Demorou-se muito tempo?

-- Um pouco. Não é muito fácil fazer uma chamada, à noite.

--Foi um telefonema interurbano?

--Sim, para Westeringham.

-- Compreendo. E depois?

-- Depois ouvi aquele horrível grito e toda a gente a correr... A porta estava fechada à chave e teve de ser arrombada. Oh, que *pesadelo*, Hei-de lembrar-me sempre!

-- Esquecerá -- afirmou o coronel, maquinalmente. -
- Sabia que o seu sogro tinha uma quantidade de valiosos diamantes no cofre?

-- Não. Tinha? -- redargüiu, em tom francamente emocionado. -- Diamantes verdadeiros?

--Diamantes no valor de cerca de dez mil libras -- esclareceu Poirot.

-- Oh! -- exclamou, e a palavra continha em si toda a essência da cupidez feminina.

--Bem, creio que chega, por agora -- decidiu Johnson. -- Não a incomodamos mais, Mistress Lee.

-- Oh, obrigada!

Levantou-se, sorriu a Johnson e a Poirot, como uma rapariguinha agradecida, e saiu de cabeça levantada e com as palmas das mãos um pouco viradas para fora.

--Importa-se de pedir ao seu cunhado, Mister David Lee, que venha cá? -- perguntou-lhe o coronel.

Depois fechou a porta e voltou para junto dos outros dois.

--Então, que me dizem? -- inquiriu. -- Parece que estamos a chegar a qualquer coisa! Repararam, não repararam? George Lee estava a telefonar quando ouviu o grito! A mulher estava a telefonar quando ouviu o grito! Não pode ser, de maneira nenhuma. Que lhe parece, Sugden?

O inspetor respondeu-lhe, devagar:

--Não desejo dizer nada que seja ofensivo para a senhora, mas creio que embora pertença àquele tipo que tem uma habilidade especial para apanhar dinheiro a um homem, não seria capaz de lhe cortar a garganta. Não se coadunaria nada com a sua maneira de ser.

-- Ah, *mon vieux*, nunca se sabe! -- exclamou Poirot, em voz baixa.

O chefe da Polícia virou-se para ele e perguntou-lhe:

--E você, Poirot, que pensa?

Hercule Poirot inclinou-se para a frente, endireitou o mata-borrão e sacudiu um grãozinho de poeira de um castiçal.

-- Parece-me que o caráter do falecido Mister Simeon Lee começa a delinear-se. É aí, creio, que reside toda a importância deste caso, no caráter do assassinado.

-- Não compreendo, Mister Poirot -- confessou o inspetor, intrigado. -- Que tem o caráter do assassinado a ver com o assassino?

-- O caráter da vítima tem sempre qualquer coisa a ver com o seu assassino ou a sua assassina -- declarou Poirot, em tom sonhador. -- O espírito franco e inocente de Desdémona foi a causa direta da sua morte. Uma mulher mais desconfiada teria

percebido as maquinações de Iago e tê-las-ia frustrado muito mais cedo. A imundície de Marat suscitou o seu fim, no banho, e o temperamento de Mercúrio foi o causador da sua morte à ponta da espada.

O coronel Johnson puxou o bigode. --Aonde quer chegar, ao certo, Poirot?

--Quero apenas salientar que por Simeon Lee pertencer a determinado tipo de homem, desencadeou certas forças das quais no fim resultou a sua morte.

--Não acha, então, que os diamantes estão relacionados com o assassinio?

Poirot sorriu da sincera perplexidade estampada no rosto de Johnson.

-- *Mon cher*, era devido ao seu caráter peculiar que Simeon Lee tinha dez mil libras de diamantes por cortar no cofre! Nem todos os homens procederiam assim.

--Tem razão, Mister Poirot -- disse o inspetor Sugden, a acenar a cabeça com o ar de um homem que compreendia, finalmente, aonde queria chegar outro com quem conversava. -- Mister Lee era uma pessoa singular... Guardava os diamantes no quarto para lhes poder mexer quando lhe apetecesse e

reviver, assim, o passado. Deve ter sido por isso que nunca os mandou talhar.

-- Precisamente! -- exclamou Poirot. Vejo que é muito perspicaz, inspetor.

Sugden pareceu duvidar do cumprimento, mas o coronel interveio:

-- Há ainda outra coisa, Poirot. Não sei se notou...

--*Mais oui!* Sei o que quer dizer, meu caro. Mistress George Lee disse mais do que supôs e deu-nos uma idéia muito clara do que foi aquela última reunião de família. Informou-nos, oh, com tanta ingenuidade!, que Alfred estava irritado com o pai e que David parecia que o queria matar... Ambas as declarações correspondem, creio, à verdade, mas permitem-nos tirar as nossas próprias conclusões. Por que motivo reuniu Simeon Lee a família? Porque chegaram os filhos e as noras precisamente quando ele telefonava ao advogado? *Parbleu*, não foi uma coincidência! Ele *queria* que eles ouvissem! O pobre velho, praticamente amarrado a uma cadeira, já não podia divertir-se como em novo. Por isso inventou um novo entretenimento: divertia-se a brincar com a cupidez e a ganância da natureza humana e, também, com as suas emoções e paixões. Mas esta conclusão leva-nos a uma outra: no jogo, para si delicioso, de espicaçar a ganância e as

emoções dos seus filhos, não poupava ninguém. Por isso, logicamente, deve ter dado também uma ferroadada a Mister George Lee, assim como aos outros! Claro que Mistress George Lee teve o cuidado de se calar a esse respeito... Creio mesmo que ela própria terá sido alvo de uma ou duas setazinhas envenenadas.. e que em breve saberemos, pelos outros membros da família, o que disse Simeon Lee ao seu filho George e à mulher deste...

Calou-se, pois a porta abriu-se e aparecera David Lee.

XII

David Lee estava muito senhor de si e parecia calmo -- mais, até, do que seria natural. Aproximou-se dos três homens, puxou uma cadeira e sentou-se, a olhar, grave e interrogador, para o coronel Johnson. A luz elétrica punha reflexos na madeixa de cabelo louro que lhe caía para a testa e salientava-lhe as linhas sensitivas das maçãs do rosto. Parecia absurdamente jovem para ser filho do velho mirrado que jazia no andar de cima.

--Que lhes posso dizer, cavalheiros?

--Consta-me, Mister Lee, que se efetuou uma espécie de reunião de família no quarto do seu pai, esta tarde -- começou o coronel.

-- Sim, mas não foi nada formal. Quero dizer, não se tratou de um conselho de família ou coisa parecida.

--O que se passou, ao certo?

--O meu pai estava com uma disposição irritante -- respondeu David, calmamente. -- Era velho e doente e, por isso, tínhamos de lhe dar desconto... Parece que nos reunira ali para.. para dar largas ao seu despeito.

--Lembra-se do que ele disse?

-- Na realidade, só disse tolices. Declarou que nenhum de nós prestava para nada, que não havia um único homem na família e que Pilar, é a minha sobrinha espanhola, valia dois de nós. Disse...

Calou-se, mas Poirot insistiu:

-- Por favor, Mister Lee, continue. Repita as palavras exatas, se puder.

--Falou muito grosseiramente -- prosseguiu David, relutante. -- Declarou que, algures no mundo, devia ter filhos melhores do que nós, embora nascidos sem a bênção do casamento...

O seu rosto sensível traduzia o desagrado que lhe causavam as palavras que repetia.

O inspetor Sugden levantou a cabeça, subitamente alerta, inclinou-se para a frente e perguntou:

-- O seu pai disse alguma coisa que se relacionasse especialmente com o seu irmão, Mister George Lee?

--Com o George? Não me lembro... Ah, sim! Creio que o aconselhou a reduzir as despesas, pois teria de lhe diminuir a pensão. George ficou muito transtornado e tomou-se encamado como um peru...

Barafustou, que não se podia governar com menos, e o meu pai replicou-lhe, friamente, que não teria outro remédio senão fazê-lo. Aconselhou a mulher a ajudá-lo a economizar; uma piada injusta, pois o George foi sempre econômico, quase forreta. Magdalene, porém, deve ser um bocado gastadora, segundo me parece. Tem gostos extravagantes.

--Claro que ela também ficou aborrecida? -- inquiriu Poirot.

-- Ficou, sem dúvida. Além disso, o meu pai referiu-se grosseiramente ao fato de ela ter vivido com um oficial da Marinha. Referia-se ao pai, evidentemente, mas exprimiu-se de uma maneira que tomou o sentido dúbio. A Magdalene tomou-se escarlate, o que não lhe censuro.

-- O seu pai mencionou a sua falecida mulher, ou seja, a sua mãe, Mister Lee? -- perguntou Poirot.

O sangue subiu, em ondas, às têmeoras de David. Cerrou as mãos com força, em cima da mesa, mas nem assim conseguia evitar que tremessem ligeiramente.

--Mencionou, sim -- respondeu, em voz estrangulada. -- Insultou-a.

--Que disse ele? -- inquiriu o coronel.

-- Não me lembro -- explicou David, bruscamente.

-- Foi uma referência depreciativa.

--A sua mãe já morreu há alguns anos? -- perguntou, docemente, Poirot.

--Morreu quando eu era rapaz.

--Não foi, talvez, muito feliz, aqui?

David soltou uma gargalhada de escárnio. --Quem podia ser feliz com um homem como o meu pai? A minha mãe era uma santa e morreu com o coração despedaçado!

-- O seu pai sofreu com a sua morte? -- insistiu Poirot.

-- Ignoro. Saí de casa. -- Fez uma pausa, antes de acrescentar: -- Talvez o senhor não saiba, mas quando vim, agora, não via o meu pai há quase vinte anos. Não posso, por isso, dizer grande coisa acerca dos seus hábitos, dos seus inimigos ou do que se passava aqui .

--Sabia que o seu pai tinha no cofre do quarto uma quantidade de diamantes valiosos? -- perguntou o coronel.

-- Tinha? -- retorquiu, indiferente. -- Parece-me idiota.

--Quer fazer o favor de descrever os seus movimentos?

-- Os meus? Ah, sim! Abandonei a mesa do jantar relativamente cedo. Aborrece-me o hábito de ficar sentado, a saborear vinho do Porto, e além disso via perfeitamente que o Alfred e o Harry se estavam a preparar para uma discussão. Detesto discussões. Levantei-me, por isso, e fui para a sala de música tocar piano.

-- A sala de música fica ao lado da sala, não é verdade? -- quis saber Poirot.

--Fica. Toquei durante algum tempo, até.. até aquilo acontecer.

--Que foi que ouviu, ao certo?

-- Um ruído distante de móveis a cair, algures no andar de cima, e depois um grito pavoroso. -- Cerrou outra vez as mãos. -- Como uma alma no Inferno. Meu Deus, foi terrível!

--Estava sozinho na sala de música? -- perguntou-lhe Johnson.

-- Não. Minha mulher, Hilda, estava comigo; viera da sala. Subimos... subimos com os outros. -- Hesitou, antes de perguntar, nervosamente: -- Não querem que descreva o que vi lá em cima, pois não? -- Não, não é preciso -- respondeu-lhe o coronel. -- Obrigado, Mister Lee, não desejamos mais nada. Não sabe, suponho, de alguém que pudesse querer assassinar o seu pai? -- Creio que muita gente o desejaria! -- respondeu, ousadamente. -- No entanto, não posso indicar ninguém em particular. Saiu, apressado, e bateu com a porta.

XIII

O coronel Johnson mal tivera tempo de pigarrear quando a porta se abriu outra vez e Hilda entrou. Hercule Poirot olhou-a com interesse, obrigado a admitir para consigo mesmo que as mulheres com as quais os Lee tinham casado proporcionaram interessante motivo de estudo. A inteligência viva e a graça de galgo de Lydia; os ares atrevidos e os encantos de Magdalene, e agora a força sólida e confortável de Hilda. Percebeu que era mais nova do que demonstravam o penteado deselegante e o

vestuário fora de moda. Nos seus cabelos castanhos não havia ainda a brancura das cãs, e os seus olhos cor de avelã brilhavam na sua cara redonda como faróis de bondade. Era, pareceu-lhe, uma boa mulher.

O coronel Johnson falava com ela em tom muito amável:

--... uma grande tensão para todos vós -- dizia. -- Deduzi, pelas declarações do seu marido, Mistress Lee, que foi esta a primeira vez que veio a Gorston Hall?

Hilda acenou com a cabeça.

--Mas já conhecia o seu sogro?

-- Não -- respondeu Hilda, em voz agradável. -- Casamos pouco depois de o David sair de casa, e foi sempre desejo do meu marido não ter nada a ver com a família. Até agora, não vira nenhum dos seus parentes.

--A que se deveu, então, esta visita?

--O meu sogro escreveu a David, a falar na sua idade e no seu desejo de ter todos os filhos consigo, neste Natal.

--E o seu marido correspondeu ao apelo?

--Creio que aceitou apenas por minha causa. Eu... interpretei mal a situação.

--Importa-se de se explicar com um pouco mais de clareza, minha senhora? -- pediu Poirot. -- Penso que nos poderá dizer coisas de interesse.

Hilda voltou-se imediatamente para ele e respondeu-lhe, sem hesitar:

-- Nessa altura, nunca vira o meu sogro e não fazia idéia de qual era o verdadeiro motivo do seu convite. Pensei que estava velho, que talvez se sentisse só e desejasse sinceramente reconciliar-se com todos os seus filhos.

--E qual era, na sua opinião, o seu verdadeiro motivo, minha senhora?

Desta vez, Hilda hesitou um momento, antes de responder, em voz lenta:

--Estou agora absolutamente convencida de que, em vez de paz, o que o meu sogro na realidade pretendia era fomentar conflitos.

--Em que sentido?

-- Divertia-o apelar para os piores instintos da natureza humana. Havia nele.. como explicar?.. havia nele uma espécie de travessura diabólica, que o levava a querer ver todos os membros da família às turfas uns com os outros.

--E conseguia-o? -- perguntou Johnson.

--Oh, sim, conseguia-o!

--Informaram-nos de uma cena verificada esta tarde, minha senhora -- prosseguiu. -- Foi, parece-me, uma cena deveras violenta.

Hilda baixou a cabeça.

--Quer fazer o favor de no-la descrever, com a máxima veracidade possível?

Mrs. David Lee pensou um instante, antes de começar:

--Quando chegamos ao quarto do meu sogro, encontrámo-lo a telefonar...

--Para o seu advogado, presumo?

--Sim. Pedia a Mister... creio que era Charlton, mas não me lembro bem. Pedia ao advogado que o visitasse, pois desejava fazer novo testamento. O antigo, dizia, estava desatualizado.

-- Agora agradecia-lhe que pensasse bem, antes de responder, minha senhora. Na sua opinião, o seu sogro procedeu de maneira a que todos ouvissem essa conversa, ou tratou-se, apenas, de um acaso?

-- Tenho quase a certeza de que ele queria que ouvíssemos.

-- Com o objetivo de suscitar dúvidas e suspeitas entre os familiares?

-- Sim.

--Portanto, é possível que não pretendesse, sequer, modificar o testamento?

Hilda voltou a hesitar.

-- Não, creio que nesse aspecto estava a ser sincero. Não me admiraria se desejasse, de fato, elaborar novo testamento, mas tenho a certeza de que lhe causava prazer sublinhar que assim era.

-- Minha senhora -- prosseguiu Poirot --, não tenho qualquer situação oficial, neste caso, e as minhas perguntas não são, talvez, as que uma autoridade inglesa faria, em semelhantes circunstâncias. Sinto, no entanto, um grande desejo de saber quais seriam, na sua opinião, os temas do novo testamento. Note que não lhe pergunto o que sabe, mas, sim, o que pensa. *Les femmes* nunca são lentas a formar opiniões, *Dieu merci*.

Hilda Lee esboçou um sorriso.

--Não me importo de dizer o que penso. A imã do meu marido, Jennifer, casou com um espanhol, Juan Estravados, e a filha de ambos, Pilar, chegou há pouco. E uma rapariga encantadora e, para mais, a única neta na família. O meu sogro ficou encantado com ela e, na minha opinião, desejava deixar-lhe uma importância considerável, no novo testamento. Provavelmente legara-lhe pouca coisa, ou nada, no antigo.

--Conhece a sua cunhada?

--Não, nunca a conheci. Creio que o seu marido espanhol morreu em circunstâncias trágicas, pouco tempo depois do casamento, e ela própria faleceu há um ano. Pilar ficou órfã e, por isso, Mister Lee chamou-a, para viver com ele em Inglaterra.

-- E os outros membros da família aceitaram bem a sua vinda?

-- Creio que todos, gostam dela -- respondeu Hilda, serenamente. -- E agradável ter alguém jovem e alegre cá em casa.

--E ela, parece gostar de cá estar?

-- Não sei... -- respondeu Mrs. David Lee, devagar. -

- Tudo isto deve parecer frio e estranho a uma rapariga criada no Sul, em Espanha.

--Presentemente, também não deve ser muito agradável estar em Espanha -- comentou o coronel. -

- Agora, Mistress Lee, gostaríamos que nos revelasse a conversa desta tarde.

-- Peço desculpa -- murmurou Poirot. -- Desviei-me do assunto.

-- Quando o meu sogro acabou de telefonar, olhou para nós, riu-se e disse que estávamos todos com cara de caso. Depois acrescentou que estava fatigado e se deitaria cedo, e que não precisávamos de lhe ir dar as boas-noites. Queria estar fresco no dia de Natal, segundo afirmou. A seguir... -- franziu

a testa, num esforço de memória -- creio que disse ser preciso pertencer a uma família numerosa para apreciar o Natal, e começou a falar de dinheiro. Declarou que gastaria mais com o governo da casa, de futuro, e disse ao George e à Magdalene que teriam de economizar e que ela devia fazer os próprios vestidos. Uma idéia muito antiquada, creio, e não me admiro que a minha cunhada ficasse aborrecida. O meu sogro acrescentou que a sua mulher fora habilidosa, com a agulha...

--Foi só isso que ele disse acerca da mulher? -- perguntou Poirot, suavemente.

Hilda corou.

--Fez uma alusão depreciativa à sua inteligência. O meu marido ficou deprimido, pois foi sempre muito dedicado à mãe. Depois, de súbito, Mister Lee desatou a gritar com todos nós, fora de si... Claro que compreendo o que sentia...

-- Que sentia ele, minha senhora? -- interrompeu- -a Poirot, sempre no mesmo tom suave.

--Sentia-se decepcionado, evidentemente -- respondeu, fitando-o com os seus olhos tranqüilos. - Decepcionava-o não haver netos, rapazes, quero dizer, novos Lee para continuarem a família. Essa dor oculta deve tê-lo atormentado durante muito tempo e, de súbito, o pobre velho não pôde suportá-

la e vingou- -se desabafando a sua cólera contra os filhos, a quem apodou de piegas ou coisa parecida. Tive pena dele, então, pois compreendi como o seu orgulho devia estar ferido por essa frustração.

-- E depois?

--E depois saímos todos.

--Foi a última vez que o viu?

Hilda limitou-se a inclinar a cabeça.

--Onde estava, na ocasião do crime?

--Estava com o meu marido na sala de música. Ele tocava para mim.

-- E depois?

--Ouvimos mesas e cadeiras a cair, lá em cima, um rebuliço de luta.. e a seguir aquele grito horrível, quando lhe cortaram a garganta.

--Foi assim um grito tão horrível? -- perguntou Poirot. -- Como... -- fez uma pausa -- ...como *uma alma no Inferno*?

--Foi pior do que isso!

--Que quer dizer, minha senhora?

--Parecia um grito de alguém que *não tinha alma*... era desumano, como o berro de uma fera...

--Quer dizer.. que o julgou, minha senhora? -- perguntou-lhe Poirot, gravemente.

Hilda levantou a mão, subitamente deprimida, e baixou os olhos.

XIV

Pilar entrou no escritório com ar cauteloso de um animal que suspeita da existência de uma armadilha. Olhou de um lado para o outro, parecendo mais desconfiada do que assustada.

O coronel Johnson levantou-se e ofereceu-lhe uma cadeira.

--Entende inglês, suponho, Miss Estravados?

-- Com certeza! exclamou Pilar, de olhos muito abertos. -- A minha mãe era inglesa.. e eu própria sou muito inglesa, também!

O coronel Johnson entreabriu os lábios num sorriso ténue, ao observar-lhe o cabelo preto e lustroso, os arrogantes olhos negros e a boca arqueada e vermelha. Muito inglesa! Qualificativo incongruente, para uma rapariga como Pilar Estravados.

--Mister Lee era seu avô, mandou-a vir de Espanha e a menina chegou há poucos dias. Foi assim?

--Foi. Não imagina as aventuras por que passei, para sair de Espanha! Caiu uma bomba do ar e o motorista morreu. Onde tivera a cabeça só havia sangue... Eu não sabia guiar; por isso tive de andar a pé durante muito tempo.. e não gosto nada de

andar a pé. Nem queiram saber como fiquei com os pés!

-- Apesar disso, chegou -- disse o coronel, a sorrir. -- A sua mãe falou-lhe muito do seu avô?

--Oh, sim! -- exclamou, a acenar alegremente com a cabeça. -- Disse-me que ele era um velho demônio.

Hercule Poirot sorriu, por seu turno, e perguntou- - lhe:

-- E que pensou a *mademoiselle* dele, quando o conheceu?

--Era muito, muito velho, estava sempre sentado numa cadeira e tinha o rosto todo mirradinho... Mas, apesar disso, gostava dele. Creio que, quando era novo, devia ter sido muito atraente... Assim como o senhor -- acrescentou, apontando o inspetor Sugden e demorando o olhar, com ingênuo prazer, no rosto do polícia, que se tomara escarlate.

O coronel Johnson reprimiu uma gargalhada. Aquela era uma das poucas ocasiões em que vira o inspetor aparvalhado.

--Mas, claro, não podia ter sido tão forte e alto como o senhor -- acrescentou Pilar, com pena.

-- Gosta, então, de homens altos e fortes, *señorita*? -- perguntou-lhe Poirot, a suspirar.

--Oh, sim! Gosto que os homens sejam altos, tenham os ombros largos e sejam muito, muito fortes!

--Viu muitas vezes o seu avô, depois de chegar? --
quis saber o inspetor, mudando de assunto.

--Oh, sim! Sentava-me com ele, no quarto, e o avô contava-me coisas... Contou-me que fora um homem muito perverso e todas as coisas que fez na África do Sul.

--Disse-lhe alguma vez que tinha diamantes no cofre do quarto?

--Mostrou-nos, mas não pareciam diamantes. Eram feios, mesmo, e pareciam calhaus.

-- Mostrou-lhe, então, os diamantes, hem? --
indagou o inspetor, secamente.

-- Mostrou.

-- Deu-lhe algum?

Pilar abanou a cabeça.

--Não, não deu. Pensei que talvez algum dia me desse, se fosse simpática com ele e lhe fizesse muita companhia. Os velhotes gostam muito de raparigas novas, como sabem...

--Sabe que esses diamantes foram roubados? --
perguntou-lhe o coronel.

--Roubados? repetiu, espantada.

--Faz alguma idéia de quem lhós poderia roubar?

--Oh, sim!. O Horbury!

--O Horbury? Refere-se ao criado?

-- Refiro.

--Porque pensa isso?

-- Porque ele tem cara de ladrão. Vira os olhos assim, de lado para lado, anda sorrateiramente e escuta às portas. Lembra um gato, e todos os gatos são ladrões.

-- Hum... fiquemos por aqui a este respeito -- decidiu o coronel. -- Constou-me que esta tarde, a família esteve toda no quarto do seu avô e que trocaram alguma.s palavras desagradáveis.

-- E verdade! -- exclamou a rapariga, a sorrir e a acenar com a cabeça. -- Foi tão cômico! O avô irritou-os a todos a valer!

--E a si agradou-lhe, hem?

--Agradou. Gosto de ver pessoas irritadas, gosto mesmo muito. Mas aqui em Inglaterra não se irritam como em Espanha. Em Espanha sacam das navalhas, praguejam e gritam; em Inglaterra não fazem nada, ficam só muito coradas e calam a boca.

--Lembra-se do que disseram, então?

-- Não tenho bem a certeza... O avô disse que eles não prestavam, que não tinham filhos, e que eu era melhor do que eles. Gostava muito de mim.

--OuvIU-o dizer alguma coisa acerca de dinheiro ou testamento?

--Testamento... Não me parece.. não me lembro.

--Que se passou?

--Foram-se todos embora, exceto Hilda, a gorda, mulher do David. Essa ficou para trás.

-- Ficou?

-- Ficou. O marido estava com uma cara muito esquisita, todo a tremer e muito branco. Até parecia que estava doente.

-- E depois?

--Fui-me embora e encontrei o Stephen. Dançamos ao som do gramofone.

-- Stephen Farr?

-- Sim. É da África do Sul, filho de um sócio do avô. Também é muito atraente... Muito moreno e forte, com os olhos bonitos.

--Onde estava na ocasião do crime?

--Perguntou onde eu estava?

-- Sim.

--Primeiro fui para a sala com a Lydia e depois subi ao meu quarto, para retocar a cara. Ia dançar outra vez com o Stephen. De súbito, muito distante, ouvi um grito e toda a gente a correr; por isso, corri também. Estavam a tentar arrombar a porta do avô. O Harry e o Stephen conseguiram-no, por fim. São os dois altos e fortes.

-- E depois?

-- E depois.. a porta abriu-se.. e olhamos todos. Oh, que espetáculo! Tudo partido e derrubado e o avô

caído num charco de sangue, com a garganta cortada, *assim*, -- exemplificou, com um gesto dramático, no próprio pescoço --, mesmo debaixo da orelha.

Calou-se, com o ar de quem apreciara o que dissera, e o coronel perguntou-lhe:

--O sangue não a incomodou?

--Não, porquê? Geralmente há sempre sangue, quando matam alguém. Mas havia tanto sangue, por toda a parte!

--Alguém disse alguma coisa? -- perguntou Poirot.

-- O David disse uma coisa esquisita... O que foi, Pilar? Ah, sim! «Os moinhos de Deus...»», foi o que ele disse. «*Os moinhos de Deus...* -- repetiu, espaçando as palavras e dando-lhes ênfase. -- Que queria dizer? Os moinhos servem para fazer farinha, não é?

--Creio que não precisamos de mais nada, por agora, Miss Estravados -- disse-lhe o coronel.

Pilar levantou-se, obedientemente, e brindou cada um dos três homens com um sorriso radioso.

--Nesse caso, vou-me embora.

-- *Os moinhos de Deus moem devagar, mas moem finíssimo* -- murmurou o coronel, depois de ela sair.
E David Lee disse tal coisa!

XV

O coronel levantou a cabeça, quando a porta se abriu mais uma vez. Por momentos, tomou o recém chegado por Harry Lee, mas quando Stephen Farr se aproximou compreendeu que se enganara. -- Sente-se Mister Farr -- convidou.

Stephen sentou-se. Os seus olhos, frios e inteligentes, observaram sucessivamente os três homens.

-- Receio não lhes poder ser muito útil -- antecipou-se --, mas queiram perguntar o que lhes parecer conveniente. Talvez, para começar, seja melhor explicar-lhes quem sou. Meu pai, Ebenezer Farr, foi sócio de Simeon Lee, na África do Sul, há muito tempo, há mais de quarenta anos...

Fez uma pausa, antes de acrescentar:

-- O meu pai falou-me muito de Simeon Lee e da sua personalidade. Entre os dois, fizeram-nas boas! Simeon Lee regressou rico e o meu pai também não se saiu muito mal. Recomendou-me sempre que, se um dia viesse à Inglaterra, procurasse Mister Lee. Uma vez respondi-lhe que passara já muito tempo e que talvez Mister Lee não soubesse quem eu era, mas o meu pai riu-se da idéia. «Quando dois homens passaram, juntos, o que eu e o Simeon

passamos, não se esquecem», afirmou-me. O meu pai morreu há dois anos, e eu vim este ano a Inglaterra pela primeira vez e resolvi seguir os conselhos dele e procurar Mister Lee. -- Sorriu um pouco. -- Senti-me um bocado nervoso, quando cheguei, mas não valia a pena. Mister Lee recebeu-me muito bem e insistiu em que passasse o Natal com a família. Receei que me considerassem intrometido, mas não me quis ouvir...

Fez nova pausa e acrescentou, pesaroso:

-- Foram todos muito simpáticos comigo... Mister e Mistress Alfred Lee não o podiam ser mais. Lamento muito, por isso, que lhes tenha acontecido isto.

--Há quanto tempo cá está, Mister Farr?

-- Desde ontem.

--Hoje viu Mister Lee?

-- Vi. Conversei com ele, esta manhã. Estava bem- - disposto e cheio de curiosidade por ouvir falar de certas pessoas e lugares.

--Foi a última vez que o viu?

-- Foi.

--Mister Lee disse-lhe que tinha no cofre uma quantidade de diamantes em bruto?

-- Não. -- Antes que o coronel dissesse qualquer coisa, perguntou-lhe: -- Quer dizer que se trata de assassinio e roubo?

--Ainda não temos a certeza. Falemos agora dos acontecimentos desta noite. Pode dizer-nos, por palavras suas, o que fez?

-- Com certeza. Depois de as senhoras irem para a sala, fiquei uns instantes na casa de jantar, a beber um cálice de porto. A seguir percebi que os Lee tinham assuntos de família a discutir e que a minha presença os incomodava, por isso pedi licença e deixei-os.

--Que fez, então?

Stephen Farr recostou-se na cadeira e acariciou o queixo com o indicador.

--Fui para uma grande casa com o chão de parquet.. uma espécie de salão de baile, suponho. Há lá um gramofone e discos de dança, e pus alguns a tocar.

--Pareceu-lhe possível, talvez, que alguém lhe fosse fazer companhia? -- perguntou Poirot.

Um leve sorriso arqueou os lábios de Stephen, que respondeu:

-- Sim, pareceu-me possível. Não faz mal ter esperança... -- sorriu descaradamente.

-- *A señorita Estravados* é muito bonita... -- insinuou Poirot.

--É, com certeza, a coisa mais agradável a vi que encontrei, desde que cheguei a Inglaterra.

--Miss Estravados reuniu-se-lhe? -- inquiriu coronel. Stephen abanou a cabeça.

-- Ainda lá me encontrava quando ouvi o estardalhaço. Saí para o vestíbulo e corri pela escada acima, para ver o que se passava, e ajudei o Harry a arrombar a porta:

--E tudo quanto tem a dizer-nos?

--Absolutamente tudo, creio.

--Parece-me, no entanto, que nos poderia dizer muitas coisas, se quisesse, Monsieur Farr... -- murmurou Poirot, docemente.

--A que se refere? -- perguntou-lhe o outro, em tom brusco.

-- Pode falar-nos de uma coisa importantíssima, neste caso: o caráter de Mister Lee. Disse-nos que o seu pai lhe falou muito dele. Que tipo de homem era?

-- Creio perceber aonde quer chegar... -- murmurou Farr, devagar. -- Como era Simeon Lee, na juventude? Bem... quer que seja franco, não é verdade?

--Se fizer favor.

--Para começar, não creio que Simeon Lee tenha sido um membro muito respeitável na sociedade, no capítulo da moral. Não quero dizer que fosse exatamente um indivíduo desonesto, mas andou lá perto... De qualquer modo, não tinha motivos para se vangloriar da sua moralidade. Possuía encanto, em grande dose, e era fantasticamente generoso. Ninguém que andasse em maré de azar recorria a ele em vão. Bebia um pouco mas sem exagero, as mulheres achavam-no atraente e tinha sentido de humor. Não lhe faltava, por outro lado, um singular espírito vingativo. Era como um elefante, nunca esquecia. O meu pai contou-me vários casos em que Lee aguardou anos para ajustar contas com alguém que lhe pregara uma partida.

-- Talvez exista outra pessoa com o mesmo espírito vingativo e a mesma paciência... -- insinuou o inspetor Sugden. -- Não sabe de ninguém a quem Simeon Lee tenha pregado uma partida suja, na África do Sul? Não haverá no seu passado nada susceptível de explicar o crime cometido aqui esta noite?

Farr abanou a cabeça.

--Tinha inimigos, evidentemente; sendo o homem que era, por força os havia de ter, mas não conheço nenhum caso específico. Além disso -- semicerrou

os olhos --, consta-me, para ser franco, interroguei o Tressilian a este respeito, que, esta noite, não entraram nem se aproximaram da casa quaisquer desconhecidos.

--*Com exceção do senhor*, Mister Farr salientou Poirot.

-- Ah, é isso?! -- exclamou Farr, voltando-se para ele.

-- Desconhecido suspeito dentro de casa! Não encontrará nada desse gênero. Não existe nenhuma história de Simeon Lee ter pregado uma partida a Ebenezer Farr, e de o filho deste vir vingar o pai! Não -- abanou a cabeça com força --, Simeon e Ebenezer nunca tiveram nada um contra o outro. Vim aqui, como já disse, por simples curiosidade. Além disso, imagino que um gramofone é um álibi tão bom como qualquer outro: não parei de tocar discos, e alguém os deve ter ouvido. O tempo que um disco leva a tocar não me permitiria ir lá acima, estes corredores têm um quilômetro de comprimento!, cortar a garganta ao velho, limpar o sangue e voltar, antes de os outros subirem. A idéia é ridícula!

--Não pretendemos insinuar nada contra si, Mister Farr -- afirmou o coronel.

-- Não me agradou o tom da voz de Mister Hercule Poirot declarou Farr.

-- Mas que pena! exclamou o detetive.

Sorriu-lhe, com ar benigno, e o outro lançou-lhe um olhar irritado.

-- Obrigado, Mister Farr -- apressou-se a intervir o coronel Johnson. -- Por agora, não desejamos mais nada. Claro que não sairá desta casa.

Stephen Farr acenou com a cabeça, levantou-se saiu, com andar bamboleante.

Quando a porta se fechou, Johnson comentou: -- Ali vai o X, a incógnita. A sua história parece verdadeira, mas no entanto... Ele *podia* ter roubado os diamantes, podia ter-se apresentado com uma história inventada, para ser recebido... Talvez seja melhor recolher as suas impressões digitais, Sugden, e ver se é conhecido.

--Já as recolhi declarou o inspetor, a sorrir.

-- Excelente. Não lhe escapa nada, hem? Creio que tomou nota de tudo quanto convém fazer?

O inspetor Sugden abriu a mão e enumerou, pelos dedos:

-- Verificar os telefonemas, horas, etc.; investigar Horbury, a que horas saiu e quem o viu sair; investigar quem entrou e saiu; investigar o pessoal, em geral; investigar a situação financeira dos membros da família; comunicar com os advogados e colher informações acerca do testamento; revistar

a casa à procura da ama e de roupa manchada de sangue; e, possivelmente, de diamantes escondidos.

-- Creio que está tudo -- redargüiu o coronel, em tom de aprovação. -- Sugere alguma coisa, Poirot?

O detetive abanou a cabeça e respondeu: --Acho o inspetor admiravelmente minucioso. -- Não vai ser brincadeira nenhuma revistar a casa à procura dos diamantes -- resmungou o inspetor Sugden. -- Nunca vi tantos ornamentos e miudezas na minha vida!

--Sim, os esconderijos parecem abundantes -- concordou Poirot.

--Não quer, realmente, sugerir nada, Poirot? O chefe da Polícia parecia decepcionado, como um homem cujo cão se recusasse a mostrar as suas habilidades.

--Permite-me que siga uma orientação minha?

-- Com certeza, Poirot, com certeza -- respondeu o coronel, ao mesmo tempo que o inspetor perguntava, desconfiado: -- Que orientação?

--Gostava de conversar, com muita freqüência, com os membros da família.

--Quer dizer, gostava de os interrogar outra vez? -- indagou o coronel, intrigado.

--Não, interrogar, não. Conversar!

-- Porquê? -- perguntou Sugden.

-- Numa conversa descobrem-se coisas -- respondeu-lhe o detetive, e acenou com a mão, num gesto enfático. -- Se um ser humano conversa muito, é-lhe impossível evitar a verdade.

--Pensa, então, que alguém mentiu?

--*Mon cher* inspetor, toda a gente mente! O importante é destrinçar as mentiras inofensivas das outras.

--Contudo, custa a acreditar -- murmurou o coronel.

-- Estamos perante um assassínio particularmente brutal e cruel, e quem são os suspeitos? Alfred Lee e a mulher, ambas pessoas encantadoras, bem-educadas e sossegadas. George Lee, deputado e a essência da respeitabilidade. A sua mulher? Não passa de uma tolinha moderna. David Lee parece uma criatura meiga e, segundo afirmou o seu irmão Harry, não pode sequer ver sangue. Hilda, sua esposa, tem todo o aspecto de uma mulher simpática e sensata, banal. Resta-nos a sobrinha espanhola e o homem da África do Sul. As beldades espanholas têm temperamento ardente, mas não consigo ver aquela atraente criaturinha a cortar o pescoço do velho a sangue-frio, tanto mais que, segundo tudo parece indicar, ganharia muito mais se ele continuasse vivo, pelo menos até assinar o segundo testamento. Quanto a Stephen Farr,

talvez... Quero dizer, pode tratar-se de um ladrão profissional, que viesse ao cheiro dos diamantes. O velho deu por

falta das pedras e Farr degolou-o, para evitar que falasse. Pode ter acontecido assim.. o tal álibi do gramofone não é infalível.

Poirot abanou a cabeça.

--Meu caro amigo, compare o físico de Stephen Farr com o do velho Simeon Lee. Se o primeiro decidisse matar o segundo, podia tê-lo feito num minuto, sem dar à vítima a possibilidade de travar a luta cujos vestígios observamos. Meter-se-á na cabeça de alguém que aquele velho frágil e aquele magnífico espécime humano lutaram durante minutos, derrubando cadeiras e partindo ornamentos de porcelana? Seria fantástico!

O coronel semicerrou os olhos.

-- Quer dizer que foi um homem *fraco* que matou Simeon Lee?

--Ou uma mulher! -- exclamou o inspetor.

XVI

O coronel Johnson viu as horas e observou:

-- Pouco mais aqui posso fazer. Você tem as coisas bem orientadas, Sugden. Agora me lembro, seria conveniente falamos com o mordomo. Sei que já o interrogou, mas entretanto obtivemos mais pormenores e parece-me importante tentar confirmar se todos estavam onde disseram, na altura do assassinio.

Tressilian entrou, devagar, e o chefe da Polícia convidou-o a sentar-se.

--Muito obrigado, senhor coronel. Senta-me-ei, se não se importar, pois não me tenho andado a sentir muito bem. As minhas pernas e a minha cabeça...

-- Deve ter sofrido um grande abalo -- observou Poirot, compreensivo.

O velhote estremeceu.

--Que violência, meus senhores! Que violência nesta casa, onde tudo correu sempre com tanta tranqüilidade.

-- Era uma casa bem ordenada, não é verdade? -- inquiriu Poirot. -- Mas não era feliz, pois não?

--Não gostaria de o dizer, senhor...

--Antigamente, quando estavam todos em casa, era um lar feliz?

--Não seria, talvez, muito harmônios...

--A falecida Mistress Lee era uma senhora doente, não era?

-- Sim, senhor, era muito achacada, pobre senhora.

--Os filhos estimavam-na?

--Mister David era-lhe muito dedicado. Mais como uma filha do que como um filho. Tanto, que depois de ela morrer se foi embora, não pôde continuar a viver aqui.

--E Mister Harry? Como era ele?

--Foi sempre um jovem rebelde, mas com bom coração. Que surpresa a minha quando a campainha tocou, duas vezes seguidas, com muita impaciência, abri a porta e deparei com um desconhecido que me disse: «Olá, Tressilian! Ainda por cá, hem? Está tudo na mesma.»

--Sim, deve ter-lhe causado uma estranha sensação -
- concordou Poirot, compreensivamente.

-- Às vezes até parece que o passado não é passado!

--exclamou o velhote, um pouco corado. --Creio que representaram em Londres uma peça acerca de qualquer coisa parecida. É assim uma coisa esquisita, uma impressão que sentimos de já temos feito tudo antes. Para mim foi como se a campainha tocasse, eu fosse atender, encontrasse Mister Harry, embora fosse Mister Farr ou qualquer outra pessoa, e dissesse para comigo: *já fiz isto antes...*

--Muito interessante.. muito interessante... --
comentou Poirot.

Tressilian fitou-o, agradecido, e Johnson, um pouco impaciente, pigarreou e reassumiu o interrogatório:

--Queríamos que nos confirmasse certos pormenores. Quando o barulho começou, lá em cima, só Mister Alfred Lee e Mister Harry Lee estavam na casa de jantar, não é verdade?

-- Lamento, mas a esse respeito nada posso dizer. Os cavalheiros estavam todos na casa de jantar, quando lhes servi o café, mas isso foi cerca de um quarto de hora mais cedo.

-- Mister George Lee estava a telefonar. Pode confirmá-lo?

--Creio que estava, de fato, alguém a telefonar. A campainha toca na minha copa, e quando alguém levanta o auscultador, para pedir um número, ouve-se um ligeiro ruído. Lembro-me de o ter ouvido, mas não prestei muita atenção.

--Não sabe, exatamente, quando foi?

-- Pois não, senhor coronel. Sei apenas que foi depois de ter levado o café aos cavalheiros.

--Sabe onde estavam as senhoras, na ocasião a que me retiro?

-- Mistres Alfred estava na sala quando fui buscar o tabuleiro do café, um minuto ou dois antes de ouvir o grito lá em cima.

--Que fazia ela? -- perguntou Poirot.

-- Estava de pé, junto da janela, com a cortina um pouco afastada e a olhar para fora.

--Não estava na sala nenhuma das outras senhoras?

-- Não, senhor.

--Sabe onde estavam?

--Não faço idéia.

--E sabe onde estavam alguns dos outros membros da família?

-- Creio que Mister David estava a tocar na sala de música, ao lado da sala.

-- Ouviu-o tocar?

-- Ouvi, sim, senhor. O velho mordomo estremeceu outra vez. -- Depois até pensei que fora uma espécie de agouro, pois Mister David tocava a *Marcha Fúnebre*... Embora ainda não tivesse acontecido nada, lembro-me de que me arrepiei.

--É curioso, sem dúvida -- murmurou Poirot. -- Falemos agora a respeito desse tal Horbury, o criado -- disse o chefe da Polícia. -- Pode jurar que ele se encontrava fora de casa às oito horas da noite?

-- Posso, sim, senhor. Foi pouco depois de Mister Sugden chegar. Lembro-me bem, pois ele partiu uma chávena de café.

-- Horbury partiu uma chávena de café? -- interveio Poirot.

--Sim, senhor, uma das antigas Worcester. Há onze anos que as lavo e nunca parti nenhuma, e esta noite...

-- Que fazia Horbury com as chávenas? -- insistiu Poirot.

-- Claro que ele não tinha nada que lhes mexer... Mas estava com uma na mão, como se a admirasse, e quando eu disse que Mister Sugden estava cá deixou-a cair.

-- Lembra-se se disse «Mister Sugden» ou se mencionou a palavra Polícia? -- perguntou, interessado, o detetive.

Tressilian pareceu um pouco perturbado.

-- Agora que o senhor fala nisso, lembro-me de ter dito que estava cá o «inspetor da Polícia».

--E Horbury deixou cair a chávena?

--Parece significativo -- murmurou o chefe da Polícia. -- Horbury fez-lhe algumas perguntas acerca da visita do inspetor?

--Perguntou-me o que viera cá fazer. Respondi-lhe que andava a recolher fundos para o orfanato da Polícia e que estava com Mister Lee, no quarto.

--Horbury pareceu-lhe aliviado, ao ouvir a sua resposta?

--Tenho de confessar que sim, senhor. Mudou imediatamente de atitude. Disse que Mister Lee era

um velho de mãos largas, falou muito desrespeitosamente, na verdade, e saiu.

-- Por onde?

--Pela porta da sala dos criados.

--Tudo isso está confirmado, senhor coronel -- declarou Sugden. -- Passou pela cozinha, onde a cozinheira e a ajudante o viram, e saiu pela porta das traseiras.

--Agora pense bem antes de responder, Tressilian: seria possível o Horbury voltar a casa sem ninguém o ver?

--Não vejo como, senhor. Todas as portas estão fechadas à chave pelo lado de dentro.

--E se ele tivesse uma chave?

--As portas também estão trancadas.

--Como entra ele, quando regressa?

Tem uma chave da porta das traseiras, por onde entram todos os criados.

--Nesse caso, ele *podia* ter regressado por aí?

--Mas teria de passar pela cozinha, onde está sempre gente até quase às dez horas.

Parece não haver dúvidas quanto a este pormenor -
- declarou o coronel. -- Obrigado, Tressilian.

O velho levantou-se, inclinou a cabeça e saiu. Um ou dois minutos depois, porém, voltou.

--Horbury já chegou -- informou. -- Desejam falar-lhe agora?

-- Sim, mande-o cá imediatamente, por favor.

XVII

Sydney Horbury não tinha um aspecto muito cativante. Entrou no escritório e ficou parado a esfregar as mãos uma na outra e a lançar olhares rápidos aos três homens, numa atitude untuosa.

-- É Sydney Horbury? -- perguntou-lhe Johnson.

-- Sim, senhor.

--Criado-enfermeiro do falecido Mister Lee?

-- Sim, senhor. Foi terrível, não foi? Fiquei varado, quando a Gladys me disse. Pobre senhor...

--Responda apenas às minhas perguntas, por favor -
- interrompeu-o o coronel.

--Sim, senhor, com certeza.

-- A que horas saiu, esta noite, e onde foi?

--Saí de casa pouco antes das oito e fui ao Superb, que fica a pouca distância daqui. Cinco minutos, a pé... O filme chamava-se *Love in Old Seville*.

-- Alguém o viu lá?

-- A empregada da bilheteira conhece-me, senhor, assim como o porteiro. E... bem, fui com uma senhora, com quem marcara encontro no cinema.

-- Sim? Como se chama ela?

-- Doris Buckle, senhor. Trabalha nas Leitarias Reunidas, na Markham Road, vinte e três.

--Muito bem, confirmaremos isso. Veio direto a casa, depois do cinema?

-- Primeiro levei a minha companheira a casa, senhor, e depois voltei para aqui. Verificará que tudo isto é verdade, que não tive nada com o que se passou. Estava...

--Ninguém o está a acusar de ter alguma coisa com o .que se passou -- cortou secamente o coronel.

-- E verdade, senhor, mas é desagradável, quando há um assassinio numa casa.

--Também ninguém disse que era agradável. Há quanto tempo estava ao serviço de Mister Lee?

--Há um ano, senhor.

--Gostava do seu trabalho?

--Sim, senhor, estava satisfeito. O ordenado era bom , e embora Mister Lee fosse, às vezes, um pouco difícil de aturar, estou habituado a tratar de doentes.

-- Quer dizer que tinha experiência anterior desse gênero de trabalho?

-- Sim, senhor. Servi o major West e o juiz Jaspe Finch...

--Dará essas indicações depois ao inspetor Sugden. O que me interessa saber agora é o seguinte: que horas eram quando viu Mister Lee pela última vez?

-- Deviam ser cerca de sete e meia. Mister Lee comia uma refeição ligeira às sete da tarde e, depois, preparava-o para se deitar. Mister Lee sentava-se então defronte da lareira, de roupão, até lhe apetecer ir para a cama.

-- A que horas, geralmente?

-- Variava. Uma vez chegava a deitar-se às oito horas, se se sentia fatigado, e outras estava a pé até às onze horas ou mais.

--Que fazia ele, quando se queria deitar?

--Geralmente tocava, a chamar-me.

--E você ajudava-o a deitar-se?

-- Sim, senhor.

-- Mas esta era a noite da sua saída. Costumava sair sempre às sextas-feiras?

-- Sim, senhor.

-- Que sucedia, então, quando Mister Lee se queria deitar?

-- Tocava a campainha, e Tressilian ou Walter ajudaram-no.

-- Não estava imobilizado? Podia mover-se de um lado para o outro?

-- Podia, sim, embora com dificuldade. Sofria de artrite reumática, uns dias sentia-se pior do que outros.

-- Nunca saía para outro aposento, durante o dia?

--Não, senhor. Preferia estar no seu. Mister Lee não apreciava o luxo e o quarto é grande, com muito ar e muita luz.

-- Disse que Mister Lee jantou as sete horas, não foi?

-- Sim, senhor. Recolhi o tabuleiro e pus a garrafa de xerez e dois copos na escrivaninha.

-- Porquê?

--Porque mo ordenou.

-- Era costume?

--Às vezes. Estava estabelecido que ninguém da família ia ver Mister Lee, à noite, a não ser por convite dele. Umas noites gostava de estar só, outras mandava chamar Mister Alfred, ou Mistress Alfred, ou os dois, para lhe fazerem companhia, depois do jantar.

-- Mas, que você saiba, não o fez hoje? Quero dizer, não mandou recado a nenhuma pessoa da família, a solicitar a sua presença.

--Não mandou nenhum recado, *por mim*.

-- Portanto, não esperava ninguém da família?

--Podia ter convidado alguém pessoalmente, senhor.

-- Sem dúvida.

--Vi que estava tudo em ordem, dei as boas-noites a Mister Lee e saí do quarto -- prosseguiu Horbury.

-- Pôs mais lenha na lareira, antes de sair? -- perguntou-lhe Poirot.

Horbury hesitou.

-- Não foi preciso, senhor. O lume estava bem esperto.

--Ter-lhe-ia Mister Lee deitado lenha?

-- Oh, não! Deve ter sido Mister Harry Lee, suponho.

--Mister Harry Lee estava com o pai, quando o senhor entrou no quarto, antes do jantar?

--Estava, sim, senhor. Saiu quanto eu entrei.

--Que pareceram as relações entre os dois?

--Mister Harry Lee pareceu-me muito bem-disposto, ria-se muito e atirava a cabeça para trás. --E Mister Lee?

-- Estava calado e muito pensativo.

--Desejava saber mais uma coisa, Horbury. Que nos pode dizer acerca dos diamantes que Mister Lee tinha no cofre?

--Diamantes? Nunca vi diamantes nenhuns.

--Mister Lee tinha no cofre uma quantidade de diamantes por cortar. Deve tê-lo visto mexer-lhes.

--Eram aqueles calhauzinhos, senhor? Sim, vi-o com eles duas ou três vezes, mas ignorava que fossem diamantes. Ainda ontem os mostrou àquela menina estrangeira... Ou teria sido anteontem?

-- Essas pedras foram roubadas -- informou bruscamente Johnson.

-- Espero que não pense que *eu* tive alguma coisa a ver com isso! -- exclamou Horbury.

-- Não estou a fazer acusações. Sabe dizer-nos alguma coisa relacionada com o assunto?

--Com os diamantes, senhor coronel? Ou com o assassinio?

-- Com ambos.

Horbury refletiu. Passou a língua pelos lábios exangues e lançou um olhar furtivo a Johnson.

--Creio que não sei nada -- disse, por fim.

--Não terá ouvido nada que possa ser útil, por exemplo? -- perguntou-lhe Poirot, docemente. Horbury pestanejou, como surpreendido.

--Não senhor, não creio. Havia uma certa tensão entre Mister Lee e... alguns familiares.

-- Quais?

-- Deduzi que o regresso de Mister Harry causou certo aborrecimento... Mister Alfred Lee não gostou e suponho que trocou algumas palavras desagradáveis com o pai, acerca do assunto. Creio,

no entanto, que não houve mais nada. Mister Lee não o acusou por um instante sequer de ter roubado os diamantes. Eu próprio tenho a certeza de que Mister Alfred não faria tal coisa.

-- A entrevista de Mister Simeon Lee com Mister Alfred foi *depois* de ele ter descoberto o desaparecimento dos diamantes, não foi? -- perguntou Poirot.

--Foi, sim, senhor.

O detetive inclinou-se para a frente e disse, docemente:

--*Não nos declarou que ignorava o roubo dos diamantes? Não foi por nós, há pouco, que soube do seu desaparecimento?* Como sabe, então, que Mister Lee teve a tal conversa com o filho *depois* de dar pela falta das pedras?

Horbury ficou escarlate.

--E inútil mentir -- aconselhou Sugden. -- Quando soube? Desembuche, vamos.

-- Ouvi-o telefonar a alguém acerca do assunto -- respondeu o criado, cabisbaixo.

--Não estava no quarto?

-- Não. Estava do lado de fora da porta. Não consegui ouvir muito, apenas uma palavra ou duas.

--Diga-nos o que ouviu, exatamente -- pediu Poirot, em tom melífluo.

-- Ouvi as palavras «roubo» e «diamantes», e ouvi-o dizer «não sei de quem suspeite..»» Ouvi-o, também, dizer qualquer coisa acerca desta noite, às oito horas.

-- Era comigo que ele estava a falar, meu rapaz -- declarou Sugden, a acenar com a cabeça. -- Eram umas cinco e dez, não eram?

--Eram, sim, senhor.

--Quando entrou, depois, no quarto do seu patrão, achou-o inquieto?

--Sim, um bocadinho. Pareceu-me distraído e preocupado.

--Tanto que você se assustou, hem?

-- Escute, Mister Sugden, não lhe admito observações dessas. Não toquei em diamantes nenhuns, e o senhor não pode provar o contrário. Não sou ladrão.

Imperturbável, o inspetor Sugden replicou-lhe:

--Veremos. -- Olhou interrogadoramente para o chefe da Polícia, que lhe acenou com a cabeça, e acrescentou: -- Por agora chega, meu rapaz. Não voltaremos a precisar de si esta noite.

Horbury saiu, visivelmente grato e aliviado.

--Bom trabalho, Mister Poirot -- elogiou Sugden. -- Nunca vi uma armadilha tão bem estendida. Não

sabemos se é ou não gatuno, mas um mentiroso de primeira é, com certeza!

-- E antipático, também -- comentou o detetive.

--Sim, muito desagradável -- concordou Johnson.

-- O importante, porém, não é isso, mas, sim, o que devemos pensar das suas declarações.

Sugden resumiu a situação com clareza:

-- Na minha opinião, parecem existir três possibilidades: primeira: Horbury é ladrão e assassino; segunda: Horbury é ladrão, mas *não* é assassino; e terceira: Horbury está inocente. Certos indícios parecem querer confirmar a primeira hipótese: ouviu o telefonema e ficou a saber que o roubo fora descoberto; deduziu, pela atitude do velho, que era suspeito e, por isso, fez os planos necessários. Saiu ostensivamente de casa às oito horas e arranjou um álibi, pois é fácil sair e regressar a um cinema sem dar nas vistas. No entanto, a rapariga que o acompanhou teria de ser de absoluta confiança, para não o denunciar. Amanhã verei o que consigo arrancar-lhe.

--Como se arranjaria, nesse caso, para entrar em casa? -- inquiriu Poirot.

-- Isso é o mais difícil -- admitiu Sugden. -- Mas deve haver alguma maneira. Uma das criadas pode ter-lhe aberto uma porta lateral, por exemplo.

-- O que equivaleria, para ele, a colocar a vida nas mãos de duas mulheres -- observou Poirot, ironicamente. -- Com *uma* mulher, o risco já seria grande; com *duas...* *Eh bien*, creio que seria um risco fantástico!

--Há criminosos que se julgam capazes de ser bem sucedidos em tudo -- comentou Sugden. -- Vejamos a segunda hipótese: Horbury roubou os diamantes, levou-os para fora de casa, esta noite, e possivelmente entregou-os a um cúmplice. Seria fácil e parece-me provável. Neste caso, teríamos de admitir que outra pessoa decidiu assassinar Mister Lee esta noite, alguém absolutamente alheio ao pormenor dos diamantes. É possível, sem dúvida, mas talvez excessiva coincidência. Quanto à terceira hipótese, ou seja, à da inocência de Horbury, teríamos de admitir que foi qualquer outra pessoa que roubou os diamantes e assassinou o velho. Posto isto, há que descobrir a verdade.

O coronel Johnson bocejou, viu outra vez as horas e levantou-se.

--Bem, creio que por hoje chega, não acham? Talvez seja melhor, no entanto, damos uma vista de olhos ao cofre, antes de nos imos embora. Seria engraçado se os malditos diamantes não tivessem de lá saído!

Mas os diamantes não estavam no cofre. Encontraram a combinação do segredo onde Alfred lhes dissera, no livrinho de apontamentos que a vítima tinha na algibeira do roupão, abriram o cofre e encontraram uma malinha de camurça, vazia. Entre os diversos papéis que lá se encontravam, só um tinha interesse.

Tratava-se de um testamento datado de cerca de quinze anos antes, cujas provisões eram simples: depois de pagos alguns legados, metade da fortuna seria para Alfred Lee e a outra metade seria dividida em partes iguais entre os restantes filhos: Harry, George, David e Jennifer.

QUARTA PARTE

25 de Dezembro

Poirot passeava nos jardins de Gorston Hall, sob o sol brilhante do meio-dia, no dia de Natal. Apesar do nome, a casa era uma construção grande e sólida, sem quaisquer pretensões arquitetônicas.

Do lado sul havia um terraço largo, ladeado por uma sebe de teixos aparados. Nos interstícios das lajes cresciam pequenas plantas e, a intervalos, havia tanques de pedra, com jardins miniaturais.

Poirot observou-os, com um ar de benigna aprovação, e murmurou, para consigo:

--C'est bien imaginé, ça!

Ao longe, avistou duas pessoas que se dirigiam para um lago ornamental, a cerca de trezentos metros de distância. Foi-lhe fácil reconhecer Pilar e, ao princípio, pensou que a outra pessoa fosse Stephen Farr. Pouco depois, porém, viu que se tratava de Harry Lee, que parecia prestar muita atenção à sua atraente sobrinha. De vez em quando, inclinava a cabeça para trás e ria-se, mas a seguir voltava a prestar-lhe atenção.

«Ali está um que não parece nada triste...», pensou Poirot.

Voltou-se, ao ouvir um som leve, atrás de si, e deparou com Magdalene Lee, que observava, também, os vultos distantes do homem e da rapariga. Sorriu amavelmente ao detetive e exclamou:

-- Está um dia tão belo e cheio de sol! Até custa a acreditar nos horrores da noite passada, não é verdade, Mister Poirot?

--Tem razão, minha senhora, custa a acreditar.

Magdalene suspirou.

-- E a primeira vez que participo numa tragédia... Na realidade só há pouco tempo amadureci... Creio que permaneci criança durante demasiado tempo, e isso não é bom. -- Novo suspiro. -- A Pilar, pelo contrário, parece tão senhora de si... Talvez seja por causa do seu sangue espanhol. É muito estranho, não é?

--O quê, minha senhora?

--A maneira como ela apareceu aqui, como se caísse do céu!

-- Constou-me que Mister Lee a procurou durante algum tempo. Correspondeu-se com o nosso consulado em Madrid e com o vice-cônsul em Aliquara, onde a mãe dela morreu.

--Soube guardar muito bem o segredo, então -- comentou Magdalene. -- Nem o Alfred nem a Lydia sabiam nada a tal respeito.

-- Assim parece.

Magdalene aproximou-se mais e Poirot aspirou a fragrância do delicado perfume que ela usava.

-- Não sei se sabe, Mister Poirot, mas há uma história qualquer relacionada com Estravados, o marido da Jennifer. Morreu pouco tempo depois do casamento e cá rodearam sempre o caso de certo mistério. O Alfred e a Lydia sabem... Creio que foi qualquer coisa vergonhosa.

--Muito triste, minha senhora.

--O meu marido acha, e eu concordo com ele, que a família devia ter sido mais bem informada dos antecedentes da rapariga. No fim de contas, se o pai era um *criminoso*...

Fez uma pausa, mas Hercule Poirot não disse nada. Parecia entretido a admirar as belezas que a Natureza podia oferecer no Inverno, nos jardins de Gorston Hall.

Magdalene prosseguiu:

-- Não consigo afastar de mim a impressão de que a morte do meu sogro contém em si mesma algo de *sugestivo*... Foi tão.. tão pouco inglesa.

Hercule Poirot virou-se devagar, e fitou-a inocente e gravemente.

--O toque espanhol, imagina? -- murmurou.

--Bem, eles *são* cruéis, não são? -- redargüiu Magdalene, com um pretenso ar infantil. -- Todas aquelas touradas e outras coisas!

--Pretende dizer que, na sua opinião, a *señorita* Estravados cortou a garganta ao avô? -- perguntou-lhe Hercule Poirot, em tom agradável.

-- Oh, não, Mister Poirot! -- exclamou Magdalene, em tom veemente e escandalizado. -- Não disse semelhante coisa!

-- Talvez não...

-- O que penso é que ela é uma pessoa duvidosa... A maneira furtiva como apanhou não sei o quê do chão do quarto, ontem à noite...

O tom de voz de Poirot modificou-se como por encanto:

--Apanhou não sabe o quê do chão? -- repetiu, vivamente.

Magdalene acenou com a cabeça e arqueou a boca infantil, num gesto despeitado.

--Apanhou, assim que entramos no quarto. Olhou rapidamente à sua volta, para ver se alguém estava a observar, e depois baixou-se e apanhou qualquer

coisa. Mas o inspetor viu-a, felizmente, e obrigou-a a dar-lhe o que quer que era.

--Não viu de que se tratava, minha senhora?

--Não, não estava suficientemente perto -- respondeu Magdalene, penalizada. -- Era qualquer coisa pequena.

--Interessante... -- murmurou o detetive para consigo, de testa franzida.

-- Achei que lho devia dizer -- prosseguiu Magdalene. -- No fim de contas, não sabemos *nada* acerca da maneira como ela foi criada, nem acerca da sua vida, até agora. O Alfred é uma pessoa que não desconfia de ninguém e a querida Lydia liga pouca importância... Enfim, talvez seja melhor ir andando e perguntar à minha cunhada se a posso ajudar nalguma coisa. Deve haver cartas para escrever...

Deixou-o com um sorriso malicioso e satisfeito, e Poirot ficou no terraço, absorto nos seus pensamentos.

II

O inspetor Sugden foi ao seu encontro, com cara de poucos amigos.

--Bons dias, Mister Poirot. Não parece apropriado desejar «Feliz Natal», pois não?

--*Mon cher collègue*, o senhor não parece nada feliz! No entanto... Feliz Natal!

--Oxalá não tenha mais nenhum como este!

--Tem feito progressos?

-- Confirmei alguns depoimentos. O álibi do Horbury parece fixe. O porteiro do cinema viu-o entrar com uma rapariga e sair com ela no fim do espetáculo, e parece absolutamente convencido de que ele não poderia sair e regressar durante a sessão. A rapariga, pelo seu lado, jura que ele esteve sempre com ela, no cinema.

-- Nesse caso, parece-me que por aí, nada feito -- comentou Poirot.

-- Ora, com raparigas nunca se sabe! -- exclamou cinicamente o inspetor. -- São capazes de mentir com quantos dentes têm na boca, por amor de um homem!

--Isso só faz crédito aos seus corações.

--Nós vimos essas coisas de pontos de vista diferentes dos estrangeiros -- resmungou Sugden. -- Mentir é frustrar os objetivos da justiça.

-- A justiça é uma coisa muito singular! Já alguma vez pensou nisso?

--Tem cada uma, Mister Poirot!

--Limito-me a seguir uma seqüência lógica de pensamentos. Mas não vamos discutir estas coisas. Imagina, então, que essa *demoiselle* da leitaria não disse a verdade?

-- Não, não se trata disso. Na realidade, creio que ela *disse* a verdade. E uma rapariga simples, e se me mentisse julgo que perceberia.

--Sim, não lhe falta experiência -- admitiu Poirot.

--Exatamente, Mister Poirot. Quando levamos uma vida inteira a ouvir depoimentos deste e daquele, acabamos por saber, mais ou menos, quando as pessoas mentem e quando falam verdade. Não, estou convencido de que a moça não mentiu. A ser assim, porém, Horbury *não podia* ter assassinado o velho Mister Lee, e resta-nos, portanto, a família. -- Respirou fundo e acrescentou: -- Foi um deles, Mister Poirot, foi um deles! Mas *qual*?

--Recolheu alguns dados novos?

-- Tive um pouco de sorte com a questão dos telefonemas. Mister George Lee telefonou, de fato, para Westeringham aos dois minutos para as nove. O telefonema durou menos de seis minutos.

-- Ah!

--Além dessa, não se fez nenhuma outra chamada, para Westeringham ou para qualquer outro lado.

--Muito interessante! Mister George Lee disse que acabara de telefonar quando ouviu o barulho, no andar de cima, mas na realidade acabara de telefonar cerca de *dez minutos antes*. Onde esteve, nesses dez minutos? Quanto a Mistress George Lee, também disse que telefonara, mas não fez chamada nenhuma. Onde esteve?

--Vi-o falar com ela, Mister Poirot...

-- Está enganado!

-- O quê?

-- *Eu* não estive a falar com ela... *Ela* é que esteve a falar comigo!

-- Ora... -- Sugden pareceu prestes a repelir impacientemente a distinção, como coisa sem importância, mas de repente compreendeu: -- Diz que *ela* esteve a falar *consigo*?

--Exatamente. Veio aqui ter de propósito.

--Que tinha a dizer?

--Quis frisar certos pormenores, como o caráter não-inglês do crime, os antecedentes possivelmente indesejáveis de Miss Estravados, pelo lado paterno, o fato de Miss Estravados ter apanhado furtivamente qualquer coisa do chão, a noite passada...

-- Ela disse-lhe isso, hem? -- perguntou Sugden, com interesse.

--Disse. Que foi que a *señorita* apanhou?

--Isso também eu queria saber! -- exclamou o inspetor, a suspirar. -- E uma daquelas coisas que esclarece o mistério todo, nos romances policiais... Se o senhor conseguir perceber de que se trata, demitir-me-ei da Polícia!

-- Mostre-me.

Sugden tirou um sobrescrito da algibeira e despejou o conteúdo na palma da mão, ao mesmo tempo que um sorriso lhe entreabria os lábios.

--Aqui tem. Que lhe parece? Na palma da mão larga do inspetor Sugden encontrava-se um pequeno triângulo de borracha cor-de-rosa e um pequeno grampo de madeira. O sorriso do inspetor alastrou, quando Poirot pegou nos objetos e franziu a testa.

--Tem alguma idéia, Mister Poirot?

-- Este bocadinho de borracha pode ter sido cortado de um saco, não acha?

--Foi, de fato, cortado de um saco de borracha do quarto de Mister Lee. Alguém recortou um triângulo, com uma tesoura afiada, e talvez até tenha sido o próprio Mister Lee. Não sei para que o faria e o Horbury também não me esclareceu. Quanto ao grampo, é pequeno, de madeira tosca, e parece ter sido cortado de uma prancha.

-- Extraordinário... -- murmurou Poirot.

-- Pode ficar com eles, se quiser -- ofereceu Sugden, generosamente. -- Não me fazem falta.--- *Mon ami*, seria incapaz de o privar de tais objetos!

--Não lhe dizem nada, pois não?

-- Confesso que não!

--Ótimo -- exclamou o inspetor, sarcástico, e guardou os objetos na algibeira. Estamos a progredir!

-- Mistress George Lee disse que a *señorita* se baixou e apanhou essas bagatelas, de modo furtivo. Acha que foi assim?

Sugden hesitou.

--Bem, não diria tanto. Não pareceu culpada, nem nada do gênero, mas procedeu.. enfim, com rapidez e serenidade, se compreende o que quero dizer. *E não se apercebeu de que eu a vi!* Tenho a certeza, pois deu um pulo, quando lhe pedi os objetos.

-- Então houve uma razão... -- murmurou Poirot, pensativo. -- Mas qual? Esse bocadinho de borracha é novo, não foi utilizado em nada... Não pode ter qualquer significado, e contudo...

--Preocupe-se o senhor com o assunto, se quiser -- disse Sugden, impaciente. -- Eu tenho mais em que pensar.

-- Em que pé estão as coisas, na sua opinião, inspetor?

--Vamos a *fatos* -- redargüiu o interpelado, puxando do livro de apontamentos. -- Começemos por afastar do caminho as pessoas que *não podiam* ter cometido o crime...

--E que são...?

-- Alfred e Harry Lee, que têm um bom álibi, Mistress Alfred Lee encontra-se em idênticas circunstâncias, pois Tressilian viu-a na sala, um minuto apenas antes de o barulho começar, no andar de cima. Estas três pessoas não podem ter sido. Vamos agora aos outros. Fiz uma lista com esta disposição, para se tomar mais claro.

Estendeu o livro de apontamentos a Poirot.

Mrs. David Lee

Miss Estravados

Stephen Farr

No momento do crime

George Lee estava?

Mrs. George Lee estava?

David Lee estava a tocar piano na sala de música (confirmado pela esposa) estava na sala de música (confirmado pelo marido) estava no seu quarto (sem confirmação) estava no salão de baile, a tocar discos (confirmado por três criados, que ouviram a música na sala do pessoal)

Poirot devolveu-lhe o livro e perguntou: -- E então?
--E então, George Lee podia ter morto o velho, Mistress George Lee podia ter morto o velho, Pilar Estravados podia ter morto o velho.. e *Mister ou Mistress David Lee podiam tê-lo morto*, um ou outro, mas *não ambos*.

--Não aceita, então, o álibi deles?

-- Nunca! Marido e mulher, dedicados um ao outro! Podem estar conluiados, ou então, se foi um deles, o outro jurará tudo e mais alguma coisa, para lhe dar um álibi. *Alguém* estava na sala de música, a tocar piano. É possível que fosse David Lee, pois é músico conhecido, mas nada nos afirma que a mulher também lá estivesse, *exceto a palavra de ambos*. Do mesmo modo, pode ter sido Hilda Lee quem estava a tocar, enquanto o marido ia ao quarto do pai e o matara. O caso destes dois é absolutamente indiferente do dos dois irmãos na casa de jantar.

Alfred e Harry Lee não se estimam, nenhum deles cometeria perjúrio por amor do outro.

--E. Stephen Farr?

-- E um suspeito possível, pois o álibi do gramofone deixa um bocado a desejar. No entanto, temos de convir que é um daqueles álibis que, na realidade, são mais dignos de aceitação do que os outros, que parecem de pedra e cal e nove vezes em dez foram antecipadamente forjados.

Poirot inclinou a cabeça, pensativo..

-- Compreendo o que quer dizer. E o álibi de um homem *que não sabia que viria a precisar de álibi*.

-- Exatamente! De resto, não sei porquê, não me parece que isto seja obra de uma pessoa de fora.

-- Concordo consigo -- apressou-se a afirmar Poirot.

-- É um caso de *família*. E uma espécie de veneno que se infiltrou no sangue, é íntimo... é um crime em que me parece haver *conhecimento e ódio*... -- Acenou com as mãos, num gesto de desânimo, e murmurou : -- Não sei... é difícil!

O inspetor Sugden ouvira-o pacientemente, mas sem parecer muito impressionado.

-- Sem dúvida, Mister Poirot. Mas pode estar certo de que, por meio de eliminação e lógica, chegaremos a uma conclusão. Já temos as *possibilidades*, ou seja, as pessoas que tiveram

oportunidade: George Lee, Magdalene Lee, David Lee, Hilda Lee, Pilar Estravados, e acrescentarei Stephen Farr. Vejamos agora o *motivo*. Quem tinha *motivo* para querer afastar o velho Mister Lee do caminho? Podemos, mais uma vez, eliminar certas pessoas. Começemos por Miss Estravados: creio que, nas circunstâncias atuais, não receberá nada. Se Simeon Lee tivesse morrido antes da mãe dela, a parte daquela reverteria a favor da filha, a não ser que Jennifer Estravados decidisse de outro modo, por testamento; mas como Jennifer faleceu antes do pai, a parte que lhe pertencia reverte a favor dos outros membros da família. Portanto, seria do máximo interesse para Miss Estravados conservar o velho vivo. O avô engraçara com ela e era mais do que certo que lhe deixaria uma boa talhada, quando fizesse o novo testamento. Se o assassinasse, teria tudo a perder e nada a ganhar. Concorde, não é verdade?

-- Absolutamente.

--Claro que resta a possibilidade de ela ter cortado a garganta ao velho no calor de alguma discussão, mas tal parece-me deveras improvável. Para começar, pareciam entender-se às mil maravilhas e a pequena não estava cá há tempo suficiente para lhe ter qualquer má vontade. Parece, portanto,

pouco provável que Miss Estravados tenha alguma coisa a ver com o crime; embora o senhor possa argumentar que cortar as goelas a um homem é um procedimento não-inglês, como a sua amiga, Mistress George Lee, declarou...

--Não lhe chame *minha* amiga, se não quer que eu fale da *sua* amiga, Miss Estravados, que o considera um homem tão atraente!

Teve o prazer de ver, mais uma vez, a «pose» oficial do inspetor abandoná-lo. Sugden tomou-se escarlate e Poirot observou-o, divertido e malicioso.

--E verdade que tem um bigode soberbo... -- acrescentou, em voz que traduzia uma certa inveja.

--Diga-me, usa alguma pomada especial?

--Pomada? Meu Deus, não!

--Que lhe põe, então?

--Que lhe ponho? Absolutamente nada! *Cresce*, apenas.

-- A Natureza favoreceu-o... -- Suspirou e afagou o seu bem tratado bigode preto. -- Por muito caros que sejam os preparados, o tratamento para restaurar a cor natural empobrece um pouco a qualidade do cabelo...

Desinteressado de problemas capilares, o inspetor Sugden continuou, impacientemente:

--Considerando o *motivo* do crime, creio que.e podemos, também, eliminar Mister Stephen Farr. É possível que tenha havido alguma trapaça entre o pai e Mister Lee e aquele ficasse prejudicado, mas duvido. Farr falou com demasiada franqueza e naturalidade, com confiança, e não me pareceu que estivesse a representar. Não creio que encontremos alguma coisa, por esse lado...

-- Sim, inspetor, também não creio que encontre alguma coisa.

--Há ainda outra pessoa cujo interesse seria conservar o pai vivo: o filho, Harry. É verdade que o testamento o contempla, mas não creio que estivesse ao corrente desse fato. Não podia, pelo menos, ter a certeza. A impressão geral era a de que Harry fora definitivamente excluído da herança do pai, a partir do momento em que abandonara a casa. Mas agora tudo parecia indicar que se estava a tomar o favorito do velhote, e portanto seria de toda a vantagem para si que o pai fizesse outro testamento. Não seria idiota ao ponto de o matar, e além disso sabemos que *não o podia* ter feito. Como vê, progredimos, afastamos muita gente do caminho.

--Tem razão! Em breve não restará ninguém.

-- Não iremos tão longe -- afirmou o inspetor, a sorrir. -- Temos George Lee e a mulher, e David Lee

e a mulher. Beneficiaram todos com a morte, e George Lee, segundo deduzi, é sôfrego por dinheiro. Além disso, o pai ameaçara-o de lhe reduzir a pensão. Portanto, George Lee tinha motivo e teve oportunidade!

--Continue -- pediu Poirot.

-- Temos, também, Mistress George. Gosta de dinheiro como o macaco de banana e não se me daria apostar que, neste momento, está crivada de dívidas. Ciumenta da moça espanhola, não tardou a perceber que esta ganhava ascendente sobre o velho. Ouviu-o dizer que ia modificar o testamento e atacou sem perder tempo. Seria possível incriminá-la.

-- Talvez.

--Temos, ainda, David Lee e a mulher. O testamento existente beneficia-os, mas, não sei porquê, não creio que o motivo dinheiro fosse suficientemente forte, no seu caso.

-- Não?

--Não. David Lee parece ser um sonhador, não tem nada de interesseiro. No entanto é... bem, *esquisito*. Na minha opinião, há três motivos possíveis para este assassinio: a história dos diamantes, o testamento e ódio puro e simples.

--Percebeu isso, hem?

--Naturalmente. Está presente no meu espírito desde o princípio. Se David Lee matou o pai, não creio que tenha sido por dinheiro. Por outro lado, se foi ele o criminoso, talvez esteja explicada a... a sangueira.

Poirot olhou-o, interessado, e redargüiu:

-- Perguntara já a mim mesmo quando tomaria esse pormenor em consideração. *Tanto sangue...* disse Mistress Alfred. Sem querer, lembramo-nos de antigos ritos, de sacrifícios pelo sangue, da unção com que o sangue dos sacrifícios...

--Quer dizer que quem o assassinou é louco? -- perguntou o inspetor, de testa franzida.

--*Mon cher*, no homem existe uma grande variedade de instintos profundos, dos quais nem ele próprio tem conhecimento. A sede de sangue, a ânsia de sacrifício...

-- David Lee parece um tipo sossegado e inofensivo -- murmurou Sudgen, duvidoso.

-- Não compreende a psicologia. David Lee é um homem que vive no passado, um homem que conserva ainda muito viva a recordação da mãe. Esteve afastado do pai durante muitos anos, por não lhe poder perdoar a maneira como tratara a mãe. Voltou agora, suponhamos que disposto a perdoar. *Mas talvez não tenha podido perdoar...*

Sabemos que, ao encontrar-se perante o corpo sem vida do pai, uma parte do espírito de David Lee sentiu-se apaziguada e satisfeita. *Os moinhos de Deus moem devagar, mas moem finíssimo.* Vingança! Castigo! O mal apagado pela expiação!

Sugden estremeceu, inesperadamente, e pediu:

--Não fale assim, Mister Poirot. Transtorna-me. É possível que seja como o senhor diz, e se for, Mistress David sabe e tenciona proteger o marido de todas as maneiras possíveis. Não me custa imaginá-la nesse papel. Por outro lado, não a posso imaginar como assassina. É uma mulher tão simples, tão vulgar...

--É essa a impressão que ela lhe causa? -- perguntou-lhe Poirot, curioso.

-- Bem, sim... Um corpo feio, sem arrebiques, se compreende o que quero dizer.

--Compreendo perfeitamente o que quer dizer.

-- Vamos, Mister Poirot, o senhor tem idéias acerca deste caso. Fora com elas!

--Tenho idéias, sem dúvida, mas muito nebulosas. Prefiro ouvi-lo, primeiro, resumir o caso.

-- Como disse, há três motivos possíveis: ódio, dinheiro e a história dos diamantes. Vejamos os fatos cronologicamente: Às três horas e trinta da tarde, a família reuniu-se e ouviu Mister Lee falar

com o advogado, pelo telefone. Depois, o velho caiu-lhes em cima, barafustou e mandou-os embora. Saíram todos, como um grupo de coelhos assustados...

--Hilda Lee ficou para trás -- lembrou Poirot.

-- Pois ficou, mas não muito tempo. Depois, cerca das seis horas, Alfred teve uma conversa com o pai; uma conversa desagradável, note-se. Alfred *devia* ser o nosso suspeito principal, pois tinha, de longe, o motivo mais forte... Mas prossigamos. Harry visitou o pai a seguir, alegre e eufórico; tinha o velho precisamente onde lhe fazia jeito. Mas *antes* destas duas entrevistas com os filhos, Simeon Lee dera pela falta dos diamantes e telefonara-me. Não se referiu ao desaparecimento das pedras na conversa que teve com os dois filhos. Porquê? Na minha opinião, por estar convencido de que nenhum deles estava envolvido no caso, nenhum deles era suspeito. Creio, como sempre disse, que o velho suspeitava de Horbury e de *outra pessoa*, e eu quase juraria que sei o que tencionava fazer. Lembre- -se de que disse à família que não queria que ninguém fosse ter com ele, à noite. Porquê? Porque preparava o caminho para duas coisas: para a minha visita, primeiro, e para a visita da *outra*

pessoa suspeita, segundo. Pediu a *alguém* que o fosse visitar logo depois do jantar.

Quem poderia ser esse alguém? Podia ser George Lee, mas seria muito mais provável que fosse a mulher. E agora volta à cena outra figura: Pilar Estravados. Simeon Lee mostrara-lhes os diamantes e dissera-lhe quanto valiam. Como sabemos que a rapariga não é uma ladra? Lembre-se das misteriosas insinuações acerca do vergonhoso comportamento do pai. Talvez ele fosse um ladrão profissional e acabasse por ser preso por isso...

--Como dizia, Pilar Estravados volta à cena... --
interveio Poirot, devagar.

-- Sim, como *ladra*. Pode ter perdido a cabeça, ao ser descoberta, *pode* ter-se atirado ao avô...

--E possível, sim...

-- Mas não é essa a sua opinião, pois não? --
perguntou o inspetor, a olhá-lo atentamente. -- Qual é a *sua* opinião, Mister Poirot?

--Volto sempre ao mesmo: o *caráter do morto*. Que espécie de homem era Simeon Lee?

-- O mistério não é grande, a esse respeito -- afirmou Sugden.

-- Diga-me, então.. isto é, diga-me, do ponto de vista local, o que se sabia do indivíduo.

O inspetor Sugden passou o indicador pelo queixo, com ar duvidoso e perplexo, e respondeu:

--Não sou de cá, a minha terra é Reeveshire, no condado seguinte. Mas o velho Mister Lee era bem conhecido por estes lados e, por isso, sei tudo a seu respeito; pelo que se dizia, evidentemente.

--E que se dizia?

--Era um tipo vivo, de quem poucos podiam levar a melhor, mas era generoso com o dinheiro. Mãos largas, como se diz. Ainda me custa a crer que Mister George Lee, sendo filho de quem é, possa ser precisamente o contrário...

--Há duas tendências distintas na família -- explicou Poirot. -- Alfred, George e David saem, pelo menos superficialmente, ao lado materno. Estive a ver alguns retratos, na galeria, esta manhã.

--Tinha mau gênio -- continuou o inspetor- e má reputação com mulheres; quando era mais novo, evidentemente, pois há muitos anos que estava doente, praticamente inválido. Mas mesmo nesse aspecto nunca deixou de ser generoso. Se havia complicações, re- compensava bem a rapariga e arranjava quase sempre maneira de a casar. Não era boa peça, mas também não era mesquinho. Tratou mal a mulher, atraçou-a com outras e humilhou-a. Segundo dizem, ela morreu com o coração

despedaçado. E uma maneira de falar, bem sei, mas não duvido de que a pobre senhora tenha sido, de fato, muito infeliz. Estava sempre achacada e saía pouco. Não há dúvida que Mister Lee era um indivíduo estranho e, além disso, vingativo. Se alguém lhe pregava uma partida, nunca se ficava a rir, por muito tempo que ele tivesse de esperar para se vingar.

-- *Os moinhos de Deus moem devagar, mas moem finíssimo...* -- murmurou Poirot.

--Os moinhos do demônio seria mais adequado! -- resmungou Sugden. -- Não havia em Simeon Lee nada que se dissesse benza-te Deus. Era um daqueles indivíduos que pareciam ter vendido a alma ao Diabo e gostado do negócio! E ainda por cima era orgulhoso, orgulhoso como Lúcifer!

--Orgulhoso como Lúcifer! -- repetiu Poirot. -- É sugestivo.

O inspetor fitou-o, intrigado.

-- Não está a querer dizer que ele pode ter sido assassinado por ser orgulhoso, pois não?

--O que quero dizer é que existe um fenómeno chamado hereditariedade. Simeon Lee transmitiu esse orgulho aos filhos...

Calou-se, de súbito. Hilda Lee saíra de casa e estava parada, a olhar para o terraço.

III

--Vinha procurá-lo, Mister Poirot -- disse, simplesmente, Mrs. David Lee.

O inspetor desculpou-se e foi para casa.

-- Não sabia que ele estava consigo -- disse Hilda, ao vê-lo afastar-se. -- Julgava que estivesse com a Pilar. Parece um homem decente e atencioso. -- Tinha uma voz agradável, com uma cadência doce e apaziguadora.

--Disse que andava à minha procura... -- lembrou Poirot.

--É verdade. Creio que me pode ajudar.

--Terei nisso muito prazer, minha senhora.

--É um homem muito inteligente, Mister Poirot, compreendi-o ontem à noite. Sei que descobrirá muitas coisas com muita facilidade e desejava que compreendesse o meu marido.

--Sim, minha senhora?

--Não falaria assim ao inspetor Sugden. Ele não compreenderia, mas o senhor compreenderá.

--Lisonjeia-me, minha senhora -- disse Poirot, com uma inclinação de cabeça.

--Há muitos anos, desde que nos casamos -- prosseguiu Hilda, calmamente -- que o meu marido é o que se pode chamar um estropeado mental.

-- Ah!

-- Quando se é vítima de um grande ferimento físico, sente-se dor e choque, mas lentamente a carne sara, os ossos soldam-se, e no fundo talvez fique uma pequena fraqueza e uma leve cicatriz, mas mais nada. O meu marido foi vítima de um grande ferimento *mental*, numa idade muito melindrosa. Adorava a mãe e viu-a morrer, convencido de que o pai era moralmente responsável por essa morte. Nunca se refez por completo desse abalo, o seu ressentimento contra o pai nunca abrandou. Fui eu que persuadei David a vir aqui este Natal, para se reconciliar com o pai. Desejava essa reconciliação por amor dele, queria que o seu ferimento mental cicatrizasse. Compreendo agora que a nossa vinda foi um erro, pois Simeon Lee divertiu-se a remexer nessa velha ferida. Foi... um procedimento muito perigoso...

--Pretende dizer-me, minha senhora, que o seu marido matou o pai?

-- Pretendo dizer-lhe, Mister Poirot, que *podia* te-lo feito... Mas digo-lhe também que *não* o fez! Quando mataram Simeon Lee, David tocava a *Marcha Fúnebre*. O desejo de matar enchia-lhe o coração, transbordou-lhe para os dedos e morreu em ondas de som... É esta a verdade.

Poirot ficou silencioso, um ou dois minutos, e depois perguntou:

--Qual é o seu veredicto acerca desse drama passado, minha senhora?

--Acerca da morte da mulher de Simeon Lee?

-- Sim.

--Sei o bastante da vida para ter consciência de que nunca se pode julgar pela aparência exterior -- murmurou Hilda, devagar. -- Tudo indica que Simeon Lee merecia todas as censuras e que tratou abominavelmente a mulher. No entanto, creio também, sinceramente, que existe uma espécie de humildade, uma predisposição para o martírio, que exacerba os piores instintos em certo tipo de homens. Creio que Simeon Lee teria admirado vigor e força de caráter, e que se sentiu irritado com paciência e lágrimas.

Poirot acenou com a cabeça.

--O seu marido disse,, ontem à noite: «A minha mãe nunca se queixava»» E verdade?

--Claro que não é verdade! -- exclamou Hilda, impaciente. -- Queixava-se constantemente a David! Descarregou nos ombros dele o pesado fardo da sua infelicidade, e ele era muito novo, demasiado novo para suportar tal carga!

Poirot olhou-a pensativamente e Hilda corou e mordeu os lábios.

--Compreendo... -- murmurou o detetive.

-- Compreende o quê? perguntou-lhe ela, vivamente.

-- Compreendo que teve de ser uma mãe para o seu marido, quando preferiria ter sido uma esposa.

Hilda desviou o olhar.

Nesse momento, David saiu de casa e dirigiu-se ao seu encontro.

--Está um dia maravilhoso, não está, Hilda? -- perguntou, em voz clara e alegre. Até parece Primavera em vez de Inverno!

Aproximou-se mais. Tinha a cabeça inclinada para trás, uma madeixa loura caída para a testa e um brilho novo nos olhos azuis. Parecia espantosamente jovem e agarotado e desprendia-se dele uma impetuosidade juvenil, uma radiância descuidada. Hercule Poirot susteve a respiração.

--Vamos para o lago, Hilda.

A mulher sorriu, deu-lhe o braço e afastaram-se. Enquanto os observava, Poirot viu-a voltar-se e lançar-lhe um olhar rápido, cheio de ansiedade. Ou seria de medo?

Lentamente, encaminhou-se para o outro lado do terraço.

«Continuo a ser o padre confessor, como sempre!», disse para consigo. «E como as mulheres se confessam com mais frequência do que os homens, só mulheres têm batido à minha porta, esta manhã... Haverá mais alguma?»

Quando chegou ao fundo do terraço e retrocedeu, encontrou a resposta à sua pergunta: Lydia Lee caminhava ao seu encontro.

IV

--Bons dias, Mister Poirot. Tressilian disse-me que o encontraria aqui, com o Harry, mas alegra-me encontrá-lo sozinho. O meu marido esteve a falar a seu respeito e sei que está ansioso por falar consigo.

--Sim? Deseja que vá ter com ele?

-- Ainda não. Teve dificuldade em adormecer, esta noite, e acabei por lhe dar um soporífero forte. Ainda está a dormir e não o quero perturbar.

-- Compreendo, e acho que fez muito bem. Pressenti, ontem à noite, que ele estava muito abalado.

--Sabe, Mister Poirot, ele *sentiu* realmente o que aconteceu, muito mais do que os outros.

-- Compreendo.

--Tem alguma idéia, o senhor ou o inspetor, de quem seja o culpado deste horrível crime?

-- Temos algumas idéias, minha senhora, de quem *não* é culpado.

-- Parece um pesadelo! -- exclamou Lydia, com certa impaciência. -- Tão fantástico, que ainda me custa a acreditar que seja verdade. E, após uma pausa, perguntou: -- A respeito do Horbury, sempre foi ao cinema, como disse?

--Foi, sim, minha senhora, a sua história obteve confirmação. O homem disse a verdade.

Lydia parou, a mexer nas folhas dos teixos, e empalideceu um pouco.

-- Mas isso é horrível! -- exclamou. -- Só resta a família!

-- Exatamente.

--Não *posso* acreditar, Mister Poirot!

--Permita que lhe diga, minha senhora, que *pode* e acredita!

Pareceu prestes a protestar, mas de súbito sorriu, envergonhada.

--Somos tão hipócritas! -- exclamou.

-- Se fosse franca comigo, minha senhora, admitiria que, na sua opinião, lhe parece natural que uma pessoa da família matasse o seu sogro!

--Essa afirmação é fantástica, Mister Poirot! exclamou, irritada.

-- Pois é, mas o seu sogro era uma pessoa fantástica!

-- Pobre velho! Agora lamento-o, mas quando vivia aborrecia-me indizivelmente.

--Imagino! -- exclamou Poirot.

Debruçou-se sobre um dos tanques de pedra e comentou:

-- São muito engenhosos.. muito agradáveis.

--Ainda bem que gosta, pois são um dos meus passatempos. Gosta desta paisagem ártica, com os pingüins e o gelo?

--Encantadora. E esta, o que representa?

-- Oh, essa é o mar Morto... ou há-de ser. Ainda não está concluída. Esta representa Plana, na Córsega. As tochas são rosadas e encantadoras, quando penetram no mar azul... Esta cena do deserto é engraçada, não é?

Quando chegaram ao fundo do terraço, Lydia viu as horas e disse:

-- Tenho de ir ver se o Alfred já acordou.

Ao ficar só, Poirot regressou, devagar, ao tanque que representava o mar Morto e observou-o muito interessado. Depois pegou nalguns seixos e deixou-os deslizar pelos dedos.

De súbito, a sua expressão modificou-se. Aproximou as pedras dos olhos e exclamou:

-- *Sapristi!* Que surpresa! Que significará isto, ao certo?

QUINTA PARTE

26 de Dezembro

O chefe da Polícia e o inspetor Sugden olharam- -no, incrédulos. Poirot meteu um punhado de pequenos seixos numa caixa de cartão, cuidadosamente, e estendeu-a ao chefe da Polícia.

--Oh, sim, são diamantes! -- afirmou.

--E encontrou-os onde disse? No jardim?

--Num dos pequenos jardins artificiais construídos por Mistress Alfred.

--Mistress Alfred? -- Sugden abanou a cabeça. -- Não me parece provável.

-- Quer dizer, presumo, que não considera provável que Mistress Alfred tenha cortado a garganta ao sogro? -- perguntou-lhe o detetive.

-- Sabemos que não o fez -- apressou-se a declarar o inspetor. -- O que queria dizer é que não me parecia provável que ela tivesse roubado os diamantes.

-- Sim, não é fácil acreditar que seja uma ladra -- concordou Poirot.

-- Qualquer pessoa os podia ter lá escondido -- alvitrou .Sugden.

-- E verdade. Foi uma coincidência haver naquele jardim, representa o mar Morto, seixos muito

semelhantes a estes diamantes, em forma e aspecto...

-- Quer dizer que ela preparou tudo de antemão? -- perguntou Sugden.

-- Não acredito! -- afirmou veementemente o coronel. Nem por um momento! Antes de mais nada, para que tiraria ela os diamantes?

-- Bem, quanto a isso... -- murmurou, devagar, Sugden.

-- Há uma possível resposta a essa pergunta -- declarou Poirot. -- Pode ter tirado os diamantes a fim de sugerir um móbil para o crime. Quero dizer, sabia que iam verificar-se o assassinio, embora ela própria não tomasse parte ativa nele.

-- Essa teoria não se sustém de pé um minuto -- ripostou Johnson, de testa franzida. -- Nesse caso seria cúmplice, mas cúmplice de quem? Só se fosse do marido... Mas como sabemos que ele também não teve nada a ver com o crime, lá se vai a hipótese por água abaixo.

Sugden afagou o queixo, pensativamente.

-- Sim, é isso... Se Mistress Lee tirou os diamantes, e é um grande «se.»!, só se pode ter tratado de roubo puro e simples. E verdade que podia ter preparado o tal jardim especialmente para lhes servir de esconderijo, até as coisas acalmarem... Mas não é

menos verdade que pode ser tudo *uma coincidência*. Esse jardim feito de seixos pareceu ao ladrão, quem quer que ele seja um esconderijo ideal.

-- E possível, de fato -- admitiu Poirot. -- Estou sempre disposto a admitir *uma coincidência*.

Sugden abanou a cabeça, duvidoso, e Poirot interpelou-o:

--Qual é a sua opinião, inspetor?

--Mistress Lee é uma senhora muito decente -- murmurou o outro, cauteloso. -- Não me parece provável que colaborasse numa coisa desonesta. Mas, claro, nunca se sabe...

-- De qualquer maneira -- interveio Johnson, um pouco agastado --, qualquer que seja a verdade acerca dos diamantes, está ilibada quanto ao assassinio. O mordomo viu-a na sala, no momento exato em que matavam o sogro dela. Lembra-se, Poirot?

--Não me esqueci.

--Continuemos -- disse o chefe da Polícia ao subordinado. -- Tem alguma novidade para comunicar?

--Tenho, sim, senhor. Obtive algumas informações novas. Comecemos por Horbury. Tem motivos para temer a Polícia.

-- Roubo?

--Não, senhor. Extorsão de dinheiro, mediante ameaças. Chantagem moderna... Safou-se por não ter sido possível provar nada, mas desconfio que conseguiu os seus intentos num caso ou dois. Como tem a consciência pesada, deve ter pensado que vinha por sua causa, quando o Tressilian lhe disse que estava cá em casa um polícia, ontem à noite.

--Chega de Horbury. Que mais temos? -- perguntou Johnson.

O inspetor tossicou.

-- Temos... Mistress George Lee. Soubemos umas coisas dela, antes de casar. Viveu com um tal comandante Jones. Passava por sua filha, mas *não era...* Pelo que me disseram, creio que o velho Mister Lee a soube avaliar bem, era vivo, no que respeitava a mulheres, conhecia uma má peça à distância!, e se divertiu a atirar o barro à parede. E acertou em cheio!

--Isso dá-lhe outro motivo possível, além do dinheiro -- observou o coronel, pensativo. -- Pode ter pensado que o sogro sabia alguma coisa de concreto e tencionava denunciá-la ao marido. A história do telefonema cheira-me a esturro. Ela *não* telefonou.

--Porque não os chamamos aos dois, ao mesmo tempo, para esclarecer de vez esse pormenor? -- sugeriu o inspetor.

-- Boa idéia.

Tocou a campainha e Tressilian não tardou.

--Peça a Mister e Mistress George Lee que venham cá.

--Muito bem, senhor. Quando o velho se afastava, Poirot perguntou:

-- A data daquele calendário de parede ficou assim desde o assassinio?

Tressilian retrocedeu.

--De que calendário, senhor?

--Do daquela parede.

Os três homens estavam de novo sentados no pequeno gabinete de Alfred Lee. O calendário em questão era grande, tinha folhas de arrancar e uma data em algarismos grandes em cada folha.

Tressilian olhou, com os olhos piscos, e depois atravessou lentamente o aposento, até ficar a cerca de trinta centímetros da parede.

--Desculpe, senhor, mas foi arrancada a folha. Hoje é dia 26.

--Ah, perdão! Quem teria tirado a folha?

--E Mister Alfred Lee quem o faz, todas as manhãs. Mister Alfred é muito metódico.

-- Compreendo. Obrigado.

Tressilian saiu e Sugden perguntou, intrigado:

-- Há alguma coisa especial nesse calendário, Mister Poirot?

--O calendário não tem importância -- respondeu-lhe o detetive, com um encolher de ombros. -- Quis fazer, apenas, uma pequena experiência.

--O inquérito é amanhã -- avisou o coronel. -- Claro que haverá adiamento.

--Com certeza, senhor coronel. Falei com o juiz de instrução e está tudo combinado.

II

George Lee entrou no gabinete acompanhado pela mulher.

-- Bons dias -- cumprimentou o coronel. -- Queiram sentar-se. Desejo fazer umas perguntas a ambos, acerca de um pormenor que não me parece claro.

-- Terei muito prazer em auxiliar no que puder -- respondeu George, pomposamente.

--Com certeza! -- confirmou Magdalene, baixinho.

Johnson inclinou a cabeça a Sugden, que se encarregou do interrogatório:

--Trata-se dos telefonemas feitos na noite do crime. Creio que nos disse que fez uma chamada para Westeringham, Mister Lee?

--Fiz, sim -- respondeu George, friamente. -- Telefonei ao meu agente eleit0ral e, se desejarem, podem...

O inspetor levantou a mão, para deter o chorrilho de palavras.

--Muito bem, Mister Lee, muito bem. Não pomos em dúvida esse fato. A sua chamada foi feita às oito horas e cinqüenta e nove, exatamente.

-- Bem, não posso afirmar o tempo com essa exatidão...

--Mas nós podemos! Conferimos sempre estas coisas com todo o cuidado. A chamada foi feita às oito horas e cinqüenta e nove e terminou às nove horas e quatro. O seu pai, Mister Lee, foi assassinado às nove horas e quinze, aproximadamente, e por isso tenho de lhe pedir, mais uma vez, que nos diga o que fazia a essa hora.

--Já lhes disse que estava a telefonar!

--Não, Mister Lee, não estava!

-- Tolice! Deve ter-se enganado! Eu devia ter acabado de telefonar, creio que estava a pensar se devia fazer outra chamada.. a considerar se valeria.. bem, a despesa.. quando ouvi o barulho, lá em cima.

--Não levaria dez minutos a tentar decidir se devia ou não fazer um telefonema.

George ficou rubro e começou a gaguejar.

-- Que quer dizer? Que diabo quer dizer? Maldito atrevimento! Duvida da minha palavra? Duvida da palavra de um homem da minha posição? Por que diabo hei-de .dar contas de todos os minutos do meu tempo?

-- E usual -- respondeu-lhe o inspetor, com uma placidez que Poirot não pôde deixar de admirar.

George voltou-se, furioso, para o chefe da Polícia e interpelou-o:

--Coronel Johnson, admite esta.. esta atitude sem precedentes?

--Num caso de assassinio, Mister Lee, estas perguntas devem ser feitas.. e *respondidas*,t -- replicou o outro, secamente.

--Já lhes respondi! Acabara de telefonar e estava a pensar se devia fazer ou não outra chamada.

-- Estava neste aposento quando se ouviu barulho lá em cima?

--Estava... estava, sim.

Johnson voltou-se para Magdalene.

-- Creio, Mistress Lee, que nos disse que estava a telefonar, e sozinha neste gabinete, quando ocorreu o crime?

Magdalene ficou atrapalhada. Olhou de esguelha para o marido e para Sugden e depois, com expressão suplicante, para o coronel.

--Confesso que não sei.. que não me lembro do que disse... Estava tão transtornada!

-- Temos todas as declarações escritas -- lembrou-lhe o inspetor. Magdalene virou todas as baterias para ele... Olhos muito abertos e suplicantes, boca trêmula... Mas em troca recebeu a rígida indiferença de um homem de firme respeitabilidade, que desaprovava as mulheres do seu tipo.

-- Eu... claro que telefonei... -- gaguejou. -- Mas não tenho a certeza *quando*...

--Que vem a ser isto? -- interveio George. -- Onde telefonaste? Daqui não foi.

--Sugiro-lhe, Mistress Lee, que *não telefonou* -- disse Sugden. -- Portanto, onde estava e o que estava a fazer?

Magdalene olhou à sua volta, desesperada, e depois desatou a chorar.

--George, não consintas que me atormentem! -- soluçou. -- Sabes muito bem que se me assustam e se começam com perguntas, não me consigo lembrar de nada! Não sabia o que dizia, naquela noite... Foi tudo tão horrível, e eu estava tão

transtornada... E agora estão a ser tão desagradáveis comigo!

Levantou-se, bruscamente, e saiu a soluçar do gabinete.

George levantou-se, também, e barafustou:

-- Que vem a ser isto? Não consinto que atormentem e assustem a minha mulher desta maneira! Ela é muito sensível. Isto é uma vergonha! Hei-de falar no Parlamento dos vergonhosos métodos torturantes da Polícia! É indecente, absolutamente indecente!

Saiu também e bateu com a porta.

O inspetor Sugden inclinou a cabeça para trás e desatou a rir.

-- Pusemo-lo em ponto de reбуçado! -- exclamou. -- Agora veremos!

--Mas que complicação! -- comentou o coronel, de testa franzida. -- Cheira a esturro... Temos de arrancar a Mistress Lee outra declaração.

--Oh, ela volta daqui a um ou dois minutos! -- afirmou o inspetor, despreocupado. -- Quando decidir o que deve dizer, não é verdade, Mister Poirot?

Poirot, que parecia sonhar, estremeceu. -- *Pardon?*

--Disse que ela voltaria.

-- Provavelmente... Oh, sim!

--Que se passa, Mister Poirot? -- perguntou-lhe o inspetor, a olhá-lo com atenção. -- Viu um fantasma?

--Sabe, não garanto que *não tenha visto exatamente isso!*

-- Mais alguma coisa, Sugden? -- perguntou o coronel, impaciente.

-- Tentei averiguar a ordem por que cada um chegou à cena do crime. E evidente o que deve ter acontecido. O assassino esgueirou-se do quarto, fechou a porta com a ajuda do alicate ou de qualquer outra ferramenta desse gênero e, passado um momento ou dois, tomou-se numa das pessoas que corriam *para* a cena do crime... Infelizmente, não é fácil averiguar quem cada uma das pessoas viu, pois em semelhantes circunstâncias as memórias falham. Tressilian diz que viu Alfred e Harry atravessarem o vestíbulo, vindos da sala de jantar, e correr pela escada acima. Isso iliba-os, mas nós também não suspeitamos deles. Segundo deduzi, Miss Estravados foi das últimas a chegar, enquanto parece que Farr, Mistress George e Mistress David foram das primeiras. Cada um dos três diz que um dos outros ia à sua frente. A dificuldade reside em ser impossível distinguir entre uma mentira deliberada e uma confusão de

memória sincera. Toda a gente para lá se dirigiu a correr, mas por que ordem é que não se sabe.

-- Considera isso importante? -- perguntou Poirot, devagar.

-- O que é importante é o elemento tempo. Lembre-se, Mister Poirot, de que o tempo foi incrivelmente breve.

--Concordo que, de fato, o elemento tempo é importante neste caso.

--Para complicar mais as coisas, há duas escadas -- prosseguiu o inspetor. -- A principal, no vestíbulo, e que fica mais ou menos à mesma distância da casa de jantar e da sala, e uma outra ao fundo da casa. Stephen Farr subiu por esta última. Miss Estravados surgiu do último patamar desse lado, o seu quarto fica no outro extremo, e os outros dizem que foram pela escada principal.

-- E uma grande confusão, sem dúvida -- comentou Poirot.

A porta abriu-se e Magdalene entrou, apressadamente. Ofegava e tinha uma roseta de cor em cada face.

-- O meu marido julga que estou deitada -- declarou, muito calma. -- Escapei-me do quarto... --- Olhou para o chefe da Polícia, com uma expressão angustiada, e perguntou-lhe: -- Se eu lhe disser a

verdade, coronel Johnson, guardará segredo, não guardará? Quero dizer, não tomará *tudo* público?

--Quer referir-se, com certeza, a algo que não tem relação com o crime?

-- Sim, nenhuma relação. Trata-se de um assunto da minha.. da minha vida privada.

-- Aconselho-a a ser sincera, Mistress Lee, e a deixar-nos decidir, depois.

-- Sim, confiarei em si -- murmurou, com olhos temos. -- Sei que posso confiar. Tem um ar tão bondoso! Sabe, há alguém...

Calou-se, e Johnson insistiu:

-- Então, Mistress Lee?

--Queria telefonar a alguém na outra noite.. a um homem.. um amigo meu, e não desejava que o George soubesse. Sei que procedi mal, mas paciência. Depois do jantar, vim aqui para telefonar, convencida de que o George estava na casa de jantar, mas quando cheguei ouvi-o a servir-se do telefone e, por isso, esperei.

--Esperou onde, minha senhora? -- perguntou- -lhe Poirot.

--Há uma espécie de arrecadação de casacos e roupas, atrás da escada. Meti-me lá, pois podia ver o George sair daqui. Mas ele não saiu e, de súbito,

ouvi o barulho e o grito de Mister Lee e corri pela escada acima.

-- Quer dizer que o seu marido não saiu deste gabinete até ao momento do crime?

-- Não.

-- E a senhora esteve à espera, das nove às nove e um quarto, no recesso atrás da escada? -- inquiriu o chefe da Polícia.

--Estive, mas não o podia dizer, compreende? Quereriam saber porquê e seria muito desagradável para mim explicar... Compreende, não compreende?

-- Seria, com certeza, desagradável -- replicou secamente o coronel.

Magdalene sorriu-lhe, com doçura, e exclamou:

--Estou tão aliviada por lhe ter dito a verdade! Não dirá nada ao meu marido, pois não? Não, tenho a certeza de que não dirá! Vejo que posso confiar em todos vós.

Incluiu-os aos três num último olhar temo e apressou-se a sair do gabinete.

O coronel respirou fundo.

-- Bem, *pode* ter sido como ela diz! -- exclamou. -- É uma história plausível. Por outro lado...

-- Pode não ter sido -- concluiu Sugden. -- É esse o mal: não sabemos.

III

Lydia Lee encontrava-se junto da janela da sala, a olhar para fora. O pesado cortinado ocultava-lhe parcialmente o corpo. De súbito voltou-se, com um estremecimento, e viu Hercule Poirot parado à porta.

-- Assustou-me, Mister Poirot.

-- Peço desculpa, minha senhora. Ando silenciosamente.

--Julguei que fosse o Horbury.

-- E verdade, esse anda sorrateiramente, como um gato.. ou um *ladrão*.

Calou-se, a observá-la, mas o rosto de Lydia não denunciou qualquer emoção. Limitou-se a fazer uma careta de desagrado e a dizer:

--Nunca simpatizei com esse homem. Terei prazer em me livrar dele.

--Creio que será sensato fazê-lo, minha senhora. Lydia olhou-o, atenta, e perguntou-lhe:

--Que quer dizer? Sabe alguma coisa contra ele?

--E um homem que coleciona segredos.. e os utiliza em seu proveito.

-- Julga que ele sabe alguma coisa.. acerca do assassinio?

Poirot encolheu os ombros e respondeu: Tem pés suaves e orelhas compridas... Pode ter ouvido qualquer coisa que está a guardar para si.

--Pensa que será capaz de tentar exercer chantagem sobre um de nós?

--Está dentro dos limites das possibilidades...

--Mas não foi para lhe dizer isso que vim aqui.

--Que me quer dizer, então?

--Estive a falar com Mister Alfred Lee -- respondeu Poirot, devagar. -- Seu marido fez-me uma proposta que desejo discutir consigo antes de aceitar ou declinar. Mas fiquei tão encantado com o quadro que se me deparou, o lindo padrão da sua camisola contra o vermelho-vivo dos cortinados, que tive de parar a admirá-la.

--Francamente, Mister Poirot, acha necessário perdemos tempo com cumprimentos? -- perguntou-lhe Lydia, com um laivo de irritação.

--Peço desculpa, minha senhora, mas são tão poucas as senhoras inglesas que compreendem *la toilette*... O vestido que envergava na noite em que a conheci tinha graça e distinção, com o seu corte simultaneamente ousado e simples.

--Que me queria dizer? insistiu Lydia, impaciente. Poirot adquiriu um ar grave.

--Apenas isto, minha senhora: seu marido deseja que me encarregue da investigação muito a sério, que fique cá em casa e me esforce o mais que puder para chegar ao fundo do caso.

--E então? perguntou Mrs. Lee, asperamente.

-- Não desejaria aceitar um convite que não merecesse a aprovação da dona da casa.

-- Aprovo o convite do meu marido, claro -- afirmou, com frieza.

-- Pois sim, minha senhora, mas preciso de mais do que isso. *Quer* realmente que eu venha para cá?

-- Porque não?

-- Sejam os francos. O que pretendo que me diga é o seguinte: deseja ou não que a verdade se descubra?

-- Naturalmente.

Poirot suspirou, desanimado.

--Porque me dá só respostas convencionais?

--Sou uma mulher convencional. Depois fez uma pausa, hesitou e mordeu os lábios. -- Talvez seja, de fato, melhor falar-lhe francamente. Claro que o compreendo; a situação não é agradável. O meu sogro foi brutalmente assassinado, e se não for possível incriminar o suspeito mais provável, Horbury, de roubo e assassinio, e parece que não será possível, chegaremos a isto: *só pode ter sido uma pessoa da família*. Levar essa pessoa perante a justiça

equivalerá a lançar vergonha e desgraça sobre todos nós... Se lhe falar com toda a franqueza, tenho de admitir que *não* desejo que tal aconteça.

--Não se importaria que o assassino ficasse impune?

--Creio que há vários assassinos impunes à solta, por esse mundo fora.

--A esse respeito, não restam dúvidas.

--Que importância terá mais um?

-- E os outros membros da família? Os inocentes?

Lydia estremeceu. --Que quer dizer?

--Compreende, sem dúvida, que se as coisas acontecerem como espera *nunca ninguém saberá*? A sombra pairará sobre todos, sem distinção...

--Não tinha pensado nisso -- murmurou, hesitante.

-- *Nunca ninguém saberá quem é o culpado* -- prosseguiu Poirot, e acrescentou, docemente: -- A não ser que a senhora já saiba...

--Não tem o direito de dizer isso! -- exclamou, irritada. Não é verdade! Oh, se ao menos pudesse ser um desconhecido e não um familiar!

--Talvez seja ambas as coisas.

--Que quer dizer? -- perguntou-lhe, surpreendida.

-- Talvez seja uma pessoa da família.. e ao mesmo tempo um desconhecido. Não compreende o que quero dizer? *Eh bien*, trata-se de uma idéia que acudiu ao espírito de Hercule Poirot. -- Olhou-a e

perguntou: -- Então, minha senhora, que respondo a Mister Lee?

Lydia levantou as mãos e depois deixou-as cair, num súbito gesto de desânimo.

--Claro que deve aceitar -- murmurou.

IV

Pilar encontrava-se no meio da sala de música, muito direita, a olhar de lado para lado, como um animal assustado, receoso de um ataque.

--Quero ir-me embora daqui para fora! -- exclamou.

-- Não é a única a pensar assim -- respondeu-lhe Stephen Farr, docemente. -- Mas não nos deixarão, minha querida.

--Refere-se à Polícia?

-- Retiro.

--Não é decente estar envolvida com a Polícia -- afirmou a jovem, muito séria. -- É uma coisa que não devia acontecer a pessoas respeitáveis.

--Como você, não? -- perguntou-lhe Stephen, a sorrir.

--Não. Como o Alfred e a Lydia, o David, o George e a Hilda e... sim, e a Magdalene, também.

Stephen acendeu um cigarro e puxou uma ou duas fumaças, antes de perguntar:

--Porquê a exceção?

--Que quer dizer?

--Porque não mencionou o nosso irmão Harry?

Pilar riu-se, mostrando os dentes brancos e certos.

--Oh, o Harry é diferente! Sei que sabe muito bem o que é estar envolvido com a Polícia!

--Talvez tenha razão. É excessivamente pitoresco para ligar bem com o quadro doméstico... ----Gosta dos seus parentes ingleses, Pilar?

-- São todos amáveis.. muito amáveis, mesmo -- respondeu-lhe a rapariga, duvidosa. -- Mas riem-se pouco, não são alegres.

--Minha cara, houve há pouco um assassinio cá em casa!

--Sim... -- murmurou, com pouca convicção.

--Um assassinio não é uma ocorrência banal, de todos os dias, como a sua despreocupação parece sugerir. Seja o que for que pensem a tal respeito em Espanha, aqui em Inglaterra tomam-se os assassinios muito a sério.

--Está-se a rir de mim!

--Engana-se, Pilar, não estou com disposição para rir.

A rapariga olhou-o e perguntou-lhe, séria:

-- Não lhe apetece rir porque também se desejava ir embora, não é?

--E.

--E o polícia alto e atraente não o deixa?

--Não lhe pedi, mas tenho a certeza de que se o fizesse me responderia que não. Preciso de ser muito, muito cauteloso, Pilar.

--E aborrecido ser cauteloso.

--É um pouco mais do que aborrecido, minha querida. Ainda por cima anda por aí esse estrangeiro maluco a cheirar... Não creio que ele preste para alguma coisa, mas enerva-me.

--O meu avô era muito, muito rico, não era? -- perguntou-lhe Pilar, de testa franzida.

--Creio que sim.

--Para quem vai, agora, o seu dinheiro? Para o Alfred e para os outros?

--Depende do seu testamento.

--Podia ter-me deixado qualquer coisa, mas creio que não deixou -- murmurou, pensativa.

-- Não se preocupe -- tranqüilizou-a Farr, bondosamente. -- No fim de contas, você é da família, pertence aqui. Olharão por si.

-- Pertenço aqui... -- repetiu a rapariga, a suspirar. -- E cômico, isso.. e, contudo, não tem graça nenhuma.

--Compreendo que não ache muito divertido.

Pilar suspirou de novo.

--Acha que podíamos dançar, se tocássemos discos?

--Não creio que parecesse bem... Esta casa está de luto, sua espanholita cruel.

-- Mas eu não me sinto nada triste! -- exclamou a rapariga, com os olhos grandes muito abertos. -- Não conhecia praticamente o meu avô, e embora gostasse de conversar com ele não me apetece, chorar nem sentir-me infeliz por ele ter morrido. E estúpido fingir.

--Você é adorável! -- exclamou Stephen.

-- Podíamos pôr umas meias e umas luvas no gramofone, para não fazer muito barulho, e ninguém ouviria...

-- Venha, tentadora.

A rapariga riu-se, feliz, e correu na direção da sala de baile, que ficava ao fundo da casa.

Ao chegar ao corredor lateral que levava à porta do jardim, estacou. Stephen alcançou-a e parou também.

Hercule Poirot tirara um retrato da parede e observava-o à luz que vinha do terraço. Ao vê-los, exclamou:

--Chegam no momento oportuno!

--Que está a fazer? -- perguntou Pilar, aproximando-se e parando ao lado dele.

-- Estava a estudar uma coisa muito importante -- respondeu-lhe Poirot, gravemente. -- O rosto de Simeon Lee quando era novo.

--Esse era o meu avô?

--Era, sim, *mademoiselle*.

Pilar olhou o rosto pintado e murmurou, a arrastar as palavras:

--Que diferença.. que grande diferença... Agora era tão velho, tão mirrado. Aqui parece o Harry... como o Harry deve ter sido há dez anos.

--Exatamente, *mademoiselle*. Harry é muito o filho do seu pai... -- Conduziu-a ao longo da galeria e acrescentou: -- Esta é a senhora sua avó... Rosto comprido e bondoso, cabelo muito louro, suaves olhos azuis...

--Como o David! -- exclamou Pilar.

-- E um pouco, também, como o Alfred -- acrescentou Stephen.

--A hereditariedade é um fenómeno muito interessante -- declarou Poirot. -- Mister Lee e a esposa pertenciam a tipos diametralmente opostos. No conjunto, os filhos do seu casamento saíram à mãe. Repare, *mademoiselle*...

Apontou o retrato de uma rapariga dos seus dezenove anos, de cabelo como ouro fiado e grandes olhos azuis sorridentes. A cor era a mesma

da mulher de Simeon Lee, mas havia na expressão uma energia e uma vivacidade que aqueles suaves olhos azuis e aquelas feições plácidas jamais tinham conhecido.

--Oh! -- exclamou Pilar, corando. Levou a mão ao pescoço, tirou um medalhão que trazia suspenso de um fio de ouro, comprido, carregou numa mola e abriu-o. Poirot viu na sua frente o mesmo rosto sorridente.

--A minha mãe -- disse a jovem. O detetive acenou com a cabeça. Do lado oposto do medalhão havia o retrato de um homem jovem e atraente, de cabelo preto e olhos azul-escuros.

--O seu pai?

--Sim, o meu pai. É muito bonito, não é?

--E, sem dúvida. Poucos espanhóis têm olhos azuis, não é verdade?

-- Às vezes, no Norte. Além disso, a mãe do meu pai era irlandesa.

--Portanto, a *mademoiselle* tem sangue espanhol, irlandês e inglês, e também uma gotinha de cigano! Sabe o que penso? Penso que, com essa herança, daria uma inimiga terrível.

--Lembra-se do que disse no comboio, Pilar? -- perguntou Stephen, a rir. -- Afirmou que a sua

maneira de lidar com os seus inimigos seria cortar-lhes a garganta... Oh!

Calou-se, compreendendo bruscamente o significado das suas palavras, e Hercule Poirot apressou-se a mudar de assunto:

--Agora me lembro, *señorita*, de que lhe queria pedir uma coisa: o seu passaporte. O meu amigo, o inspetor, precisa dele. Como sabe, há certas normas em relação aos estrangeiros que vêm a este país, normas muito estúpidas e maçadoras, mas necessárias, e, por lei, a *señorita* é estrangeira.

Pilar arqueou as sobrancelhas.

--O meu passaporte? Está no meu quarto. Vou buscá-lo.

--Lamento muito incomodá-la, acredite -- afirmou Poirot, a caminhar a seu lado.

Tinham chegado ao fim da comprida galeria, onde havia um lanço de escada. Pilar correu por ela acima e Poirot e Stephen seguiram-na. O quarto da rapariga ficava mesmo ao cimo da escada.

--Vou buscar o passaporte -- disse, ao chegar à porta.

Entrou, e Poirot e Stephen ficaram à espera, do lado de fora.

-- Foi uma grande estupidez da minha parte fazer uma observação daquelas -- disse Farr, cheio de

remorsos. -- No entanto, creio que ela nem deu por isso, pois não?

Poirot não respondeu. Tinha a cabeça um pouco inclinada para trás, como se estivesse à escuta.

-- Os Ingleses gostam muito de ar -- murmurou. -- Miss Estravados deve ter herdado essa característica.

--Porquê?- perguntou Stephen, admirado.

--Porque, embora hoje esteja muito frio, ao contrário de ontem, que esteve sol e uma temperatura amena, Miss Estravados acaba de levantar a parte de baixo da sua janela. É extraordinário como se pode gostar tanto de ar puro...

De súbito, ouviu-se uma exclamação em espanhol, dentro do quarto, e Pilar saiu, a rir.

-- Sou muito estúpida e desajeitada! -- exclamou. -- Tinha a mala no parapeito da janela e ao abri-la, apressadamente, deixei cair o passaporte. Está lá em baixo, no canteiro das flores. Vou buscá-lo.

-- Eu vou -- ofereceu-se Stephen, mas Pilar passara-lhe à frente, a correr, e respondeu-lhe, por cima do ombro:

--Não, a desastrada fui eu. Vá para a sala com Mister Poirot, e eu irei lá ter, com o passaporte.

Stephen Farr pareceu inclinado a segui-la, mas Poirot agarrou-lhe brandamente num braço e disse-lhe: --Vamos por aqui.

Seguiram pelo corredor na direção do outro extremo da sala, até chegarem ao patamar da escada principal.

-- Queria perguntar-lhe uma coisa, se fizer o favor de me acompanhar ao quarto do crime -- disse Poirot.

Meteram.pelo corredor que levava ao quarto de Simeon Lee. À esquerda, passaram por um nicho com duas estátuas de mármore, duas ninfas atléticas, agarradas às suas roupagens numa angústia de decência vitoriana.

Stephen Farr olhou-as e murmurou:

-- São horríveis, à luz do dia. Quando passei por aqui, na outra noite, pensei que eram três, mas graças a Deus são apenas duas!

-- Hoje já ninguém admira este gênero -- concordou Poirot. -- Mas custaram com certeza muito dinheiro, no seu tempo... À noite devem ter melhor aspecto, creio.

-- Sim, à noite vêem-se apenas os vultos brancos, a brilhar.

-- À noite todos os gatos são pardos -- murmurou o detetive.

Encontraram o inspetor Sugden no quarto, ajoelhado junto do cofre e a examiná-lo com uma lente. Levantou a cabeça, ao ouvi-los entrar, e disse: --Não há dúvida de que foi aberto com a chave, por alguém que conhecia a combinação. Não há vestígios de outra coisa.

Poirot aproximou-se e disse-lhe qualquer coisa, em voz baixa. Sugden acenou com a cabeça e saiu do quarto.

Poirot voltou-se para Stephen Farr, que estava parado a olhar para a poltrona onde Simeon se costumava sentar. Tinha as sobrancelhas franzidas e as veias salientes, na testa. O detetive observou-o um instante, em silêncio, e depois perguntou-lhe:

--Está a recordar, não é verdade?

-- Há dois dias estava ali sentado, vivo -- murmurou, devagar, Farr. -- E agora... -- Sacudiu a cabeça, como se quisesse afastar os pensamentos, e disse: -- Trouxe-me aqui para me perguntar qualquer coisa, não é verdade, Mister Poirot?

-- Ah, sim! Foi, creio, a primeira pessoa a chegar à cena do crime, naquela noite?

--Fui? Não me lembro. Não, creio que chegou uma das senhoras antes de mim.

-- Qual delas?

--Uma delas. Suponho que a mulher do George ou do David... Chegaram aqui muito depressa. --Disse que não ouviu o grito, não disse?

-- Creio que não ouvi. Pelo menos não me lembro. Alguém gritou, mas deve ter sido lá em baixo.

-- Não ouviu um ruído como este?... -- Inclinou a cabeça para trás e, de súbito, soltou um grito dilacerante.

Foi tão inesperado, que Stephen deu um pulo para trás e quase caiu.

--Com os diabos -- protestou, irritado --, quer assustar a casa toda? Não, não ouvi nada parecido com isso! Vão ficar todos apavorados, apensar que se deu outro crime!

Cabisbaixo, Poirot murmurou:

--Tem razão... Foi estupidez da minha parte...

--Saíamos imediatamente daqui.

Saiu do quarto, muito apressado. Lydia e Alfred espreitavam para cima, ao fundo da escada, George saiu da biblioteca, ao seu encontro, e Pilar apareceu a correr, com um passaporte na mão.

--Não foi nada -- explicou Poirot. -- Não se assustem. Tratou-se apenas de uma pequena experiência que eu fiz, mais nada.

Alfred pareceu aborrecido e George indignado. Poirot deixou Stephen a explicar o que se passara e

seguiu apressadamente pelo corredor fora, na direção do outro lado da casa.

Ao fundo do corredor, o inspetor Sugden saiu tranqüilamente do quarto de Pilar e foi ao seu encontro.

--*Eh bien?* perguntou-lhe o detetive.

--Nem um som.

Os olhos do inspetor mergulharam nos de Poirot, ao mesmo tempo que Sugden acenava com a cabeça, apreciativamente.

V

--Aceita, então, Mister Poirot? -- perguntou Alfred.

A mão que levou à boca tremia ligeiramente, e nos seus suaves olhos castanhos brilhava uma expressão nova e febril. Gaguejava um pouco, ao falar, e Lydia, de pé a seu lado, observava-o com certa ansiedade.

--Não sabe.. não po... pode imaginar.. o que si... significa pa... para mim. O assassino do meu pai tem de ser en... encontrado!

-- Como me garantiu que refletiu bem no assunto, aceito -- respondeu-lhe Poirot. -- Mas compreenda, Mister Lee, que não poderá voltar atrás. Não sou

cão que se lance numa pista e depois se chame, por não se gostar da caça que ele levanta!

-- Claro, claro! Está tudo preparado. O seu quarto está pronto. Fique o tempo que quiser.

-- Não será muito -- prometeu Poirot, gravemente.

--O quê? Que disse?

--Disse que não será muito. Este crime deu-se num círculo tão restrito que não será preciso muito tempo para descobrir a verdade. Creio, até, que o fim já se aproxima.

-- Impossível! -- exclamou Alfred, de olhos arregalados.

-- Os fatos apontam todos, mais ou menos claramente, num sentido. Basta apenas afastar do assunto um pormenor sem importância. Depois disso, a verdade surgirá.

-- Quer dizer que sabe? -- perguntou Alfred, incrédulo.

--Oh, sim, sei! -- afirmou, a sortir.

-- O meu pai.. o meu pai... -- gaguejou Alfred, e virou a cabeça.

-- Tenho de lhe fazer dois pedidos, Mister Lee -- disse Poirot, em tom brusco.

--Tudo quanto quiser.. tudo... -- redargüiu o outro, em voz abafada.

--Primeiro, gostava de ter no quarto, que teve a bondade de pôr à minha disposição, o retrato de Mister Lee, quando era novo.

Alfred e Lydia fitaram-no, perplexos.

--O retrato do meu pai? Para quê?

--Como hei-de dizer? Inspirar-me-á.

--Propõe-se decifrar o mistério de um crime pela clarividência? -- perguntou, irônica, Lydia.

--Digamos, minha senhora, que tenciono utilizar não só os olhos do corpo, mas também os do espírito.

Lydia encolheu os ombros e o detetive prosseguiu:

--Gostava também de saber, Mister Lee, as verdadeiras circunstâncias em que se verificou a morte do marido de sua irmã, Juan Estravados.

--É preciso? -- inquiriu Lydia.

--Quero todos os fatos, minha senhora.

--Juan Estravados matou outro homem, num café, como consequência de uma discussão por causa de uma mulher -- informou Alfred.

--Como o matou?

Alfred olhou, suplicante, para a mulher, que respondeu, serenamente:

-- Apunhalou-o. Juan Estravados não foi condenado à morte, pois houvera provocação, mas foi

condenado a uma pena de prisão e morreu na cadeia.

--A filha sabe o que se passou com o pai?

--Creio que não.

--Não, a Jennifer nunca lhe disse -- confirmou Alfred.

-- Obrigado.

-- Não pensa que a Pilar... -- começou Lydia. -- Oh, é absurdo!

--Mister Lee, importa-se de me dar algumas informações acerca do seu irmão, Harry Lee?

--Que deseja saber?

--Deduzi que era considerado mais ou menos uma desgraça para a família. Porquê?

--Foi há tanto tempo... -- murmurou Lydia.

Muito corado, Alfred respondeu:

--Se deseja saber, Mister Poirot, o meu irmão roubou uma grande importância, falsificando o nome do meu pai num cheque. Claro que o meu pai não deu parte dele. Harry foi sempre desonesto, meteu-se em sarilhos praticamente em todas as partes do mundo e tem passado a vida a telegrafar para casa, a pedir dinheiro para se safar de complicações, e a entrar e sair da prisão, aqui e em toda a parte.

-- Tu não *sabes* se isso é assim, Alfred -- admoestou-o a mulher.

-- Sei que o Harry não presta, não presta para nada -
- afirmou, furioso, com as mãos a tremer. -- Nunca
prestou.

--Vejo que não existe amizade entre os dois? --
inquiriu Poirot.

--Atormentou o meu pai, atormentou-o
vergonhosamente!

Lydia suspirou, impaciente, e Poirot ouviu-a e
olhou-a com atenção.

-- Se ao menos os diamantes aparecessem! --
exclamou. -- Tenho a certeza de que a solução está
neles.

--*Os diamantes apareceram, minha senhora!*

-- O quê?!

--Apareceram no seu jardimzinho que representa o
mar Morto... esclareceu o detetive, docemente.

--No meu jardim? -- perguntou Lydia, estupefata. --
É... é espantoso!

--É, não é, minha senhora?

SEXTA PARTE

27 de Dezembro

--Foi melhor do que esperava -- comentou Alfred Lee, a suspirar, depois de regressarem do inquérito. Mr. Charlton, um advogado no estilo antigo, de cauteloso olhar azul, estivera presente e regressara com eles.

--Já lhe tinha dito que seria tudo uma mera formalidade -- lembrou. -- Impunha-se um adiamento, a fim de a Polícia coligir mais dados.

--Tudo isto é muito desagradável -- resmungou George Lee, humilhado. -- Muitíssimo desagradável. Que situação! Pessoalmente, estou convencido de que o crime foi obra de um maníaco que arranjou maneira de entrar cá em casa, mas o Sugden é teimoso que nem um burro! O coronel Johnson devia pedir auxílio à Scotland Yard, pois a Polícia local não presta. São estúpidos! Temos um exemplo nesse tal Horbury... Constou-me que o seu passado deixa muito a desejar, mas a Polícia cruzou os braços e não fez nada a tal respeito.

-- Segundo me disseram, Horbury apresentou um álibi convincente, acerca do período de tempo em

que o crime se deu -- observou Charlton. -- A Polícia aceitou-o.

-- Aceitou-o porquê? -- barafustou George. -- Se fosse eu, só o aceitaria com reservas, com grandes reservas. Claro que um criminoso tem sempre o cuidado de arranjar um álibi! É dever da Polícia rebatê-lo e deitá-lo por terra.. se a Polícia percebe do seu ofício, evidentemente.

--Ora, ora... -- apaziguou o advogado. -- Não creio que seja da nossa competência ensinar o ofício à Polícia... No conjunto, os homens são muito competentes.

--Deviam chamar a Scotland Yard -- teimou George. -- Não estou nada satisfeito com o inspetor Sugden. Pode ser minucioso e trabalhador, mas está longe de ser brilhante.

-- Não concordo consigo -- declarou o advogado. -- Sugden é bom homem. Não se exhibe, mas chega ao fim.

--Estou certa de que a Polícia tem feito tudo quanto pode -- declarou Lydia. -- Aceita um copo de xerez, Mister Charlton?

O advogado agradeceu delicadamente, mas declinou. Depois pigarreou e começou a ler o testamento, visto toda a família estar reunida.

Leu com certo prazer, demorando-se na fraseologia mais obscura e saboreando os termos técnicos legais. No fim tirou os óculos, limpou-os e olhou interrogadoramente a assistência.

--Esse palavreado legal é um bocado difícil de compreender -- disse Harry Lee. -- Importa-se de nos dar o sumo?

--É um testamento muito simples afirmou Mr. Charlton.

-- Meu Deus, como será um difícil?! -- exclamou George.

Mr. Charlton lançou-lhe um olhar velado e explicou:

-- Os termos principais do testamento são simples: metade da fortuna de Mister Lee cabe ao seu filho, Mister Alfred Lee, e a outra metade será dividida entre os seus outros filhos.

Harry riu-se, de modo desagradável, e comentou: Como de costume, Alfred jogou, o número da sorte! Metade da fortuna do meu pai! Es um tipo felizardo, hem, Alfred?

Alfred corou e foi Lydia quem respondeu, secamente:

-- O Alfred foi sempre um filho dedicado. Dirigiu a fábrica todos estes anos e arcou com toda a responsabilidade.

--Oh, sim, o Alfred foi sempre o menino bonzinho! -
- troçou Harry.

--Deves considerar-te com sorte, Harry, por o meu pai te ter deixado alguma coisa! -- explodiu Alfred.
Harry riu-se, de cabeça atirada para trás, como era seu hábito, e replicou:

-- Ficarias mais contente se ele me tivesse riscado pura e simplesmente, hem? Antipatzaste sempre comigo.

Mr. Charlton tossiu. Estava habituado -- oh, tão habituado! -- às cenas desagradáveis que se costumavam suceder à leitura de um testamento. Ansioso por se ir embora antes de a discussão da praxe ganhar calor, murmurou:

--Creio que.. enfim, que não preciso...

-- E a respeito da Pilar? -- perguntou-lhe, de súbito, Harry.

Mr. Charlton tossiu de novo, desta vez como quem se desculpa.

--Miss Estravados não foi mencionada no testamento...

--Não recebe a parte da mãe? -- insistiu Harry.

--Se a Señora Estravados vivesse -- explicou Charlton --, receberia a sua parte, como os senhores; mas morreu e a parte que lhe competia será dividida entre os restantes filhos.

--Então... não recebo nada? -- perguntou Pilar, com o seu rico sotaque do Sul.

--Minha querida, a família resolverá isso apressou-se Lydia a tranquiliza-la.

-- Poderás ficar a viver com o Alfred... -- sugeriu George Lee. -- Hem, Alfred? Nós... enfim, és nossa sobrinha e temos o dever de olhar por ti.

--Teremos sempre muito prazer em receber a Pilar em nossa casa -- afirmou Hilda.

-- Ela deve receber a sua parte! -- afirmou Harry. Tem direito ao que caberia à Jennifer.

-- Tenho de ir andando -- disse Mr. Charlton. Adeus, Mistress Lee... se precisar de alguma coisa... consulte-me sempre que desejar...

Saiu apressadamente. A sua experiência permitia-lhe prever a existência de todos os ingredientes necessários a uma discussão de família.

Quando a porta se fechou, Lydia disse, em voz clara e serena:

--Concordo com o Harry, acho que a Pilar tem direito a uma parte. Este testamento foi feito anos antes da morte de Jennifer.

-- Tolice! -- exclamou George. -- Isso é uma maneira de pensar muito piegas e ilegal, Lydia. A lei é a lei, devemos respeitá-la.

-- É pouca sorte, sem dúvida, e temos todos muita pena da Pilar -- declarou Magdalene --, mas o George tem razão. Como ele diz, a lei é a lei.

Lydia levantou-se, deu a mão a Pilar e conduziu-a à porta.

--Minha querida, isto deve ser desagradável para ti. Queres fazer o favor de sair, enquanto discutimos o assunto? Não te preocupes -- acrescentou, em voz baixa e tranquilizadora. -- Deixa o caso comigo.

Pilar saiu, cabisbaixa, do aposento, e Lydia fechou a porta e regressou ao seu lugar.

Houve uma pequena pausa, enquanto todos tomavam fôlego, e em seguida a batalha recomeçou, violenta:

-- Foste sempre um sovina dos diabos, George! -- exclamou Harry.

--Pelo menos não tenho sido nem parasita nem patife!

-- Tens sido tão parasita como eu! Sangraste o pai durante todos estes anos.

--Pareces esquecido de que conquistei um lugar trabalhoso e de responsabilidade, que...

--Trabalhoso e de responsabilidade uma gaita! Não passas de um saco de vento, a rebentar de prosápia!

--Como se atreve? -- gritou Magdalene.

A voz serena de Hilda ergueu-se um pouco: -- Não poderemos discutir este assunto *calmamente*?

Lydia lançou-lhe um olhar agradecido e David exclamou, com inesperada violência:

-- Toda esta discussão vergonhosa por causa de *dinheiro*!

--É muito lindo ser magnânimo -- repetiu Magdalene, venenosamente --, mas não vai recusar o seu legado, pois não? Quer o dinheiro tanto como nós! Todo esse desapego altruísta não passa de «pose».

--Acha que devo recusar a minha parte? -- perguntou-lhe David, em voz estrangulada. -- Pergunto a mim mesmo...

-- Claro que não debes recusar! -- interveio Hilda, em tom firme. -- Porque nos comportamos todos como se fôssemos crianças? Alfred, você é o chefe da família...

-- Desculpem -- murmurou Alfred, como se acordasse de um sonho. -- Fiquei confuso, ao ouvi-los a todos gritar ao mesmo tempo.

--Como a Hilda acabou de salientar, porque nos havemos de comportar como crianças avarentas? -- perguntou Lydia. -- Discutamos este assunto calma e sensatamente e um de cada vez. Alfred falará

primeiro, visto ser o mais velho. Que te parece, Alfred, que devemos fazer acerca de Pilar?

-- Claro que ela deve ficar a viver aqui -- respondeu o marido, compassadamente -- e nós devemos estabelecer-lhe uma mesada. Não vejo que tenha qualquer direito legal ao dinheiro que caberia à mãe, se fosse viva. Lembrem-se de que não é uma Lee, de que é cidadã espanhola.

--Não, direito legal não tem nenhum -- admitiu Lydia. -- Mas acho que tem um direito *moral*. Na minha opinião, o teu pai, embora a filha tivesse casado com um espanhol contra a sua vontade, reconhecia que ela tinha tanto direito aos seus bens como os outros filhos. George, Harry, David e Jennifer deviam receber legados iguais. A Jennifer morreu apenas o ano passado... Tenho a certeza de que, ao telefonar ao advogado, o teu pai tinha intenção de beneficiar amplamente Pilar, num novo testamento. Deixar-lhe-ia pelo menos a parte da mãe dela, e não me admiraria, até, se tencionasse deixar-lhe mais do que isso. Era a única neta, lembrem-se. Acho que o menos que podemos fazer será tentar remediar uma injustiça que o vosso próprio pai estava disposto a remediar.

-- Muito bem, Lydia! -- exclamou Alfred, enternecido. -- Estava enganado, tu tens razão. A

Pilar deve receber a parte que caberia a Jennifer na fortuna do meu. pai.

--E a sua vez, Harry -- disse Lydia. --Concordo, evidentemente. Acho que Lydia expôs muito bem o caso e gostaria de dizer que a admiro por isso.

-- George?

-- Com certeza que,não! -- exclamou o interpela- do, muito corado. -- E ridículo! Dêem-lhe um lar e uma mesada decente, para se vestir, e chegará!

-- Recusas-te, então, a cooperar? -- perguntou Alfred.

--E tem toda a razão -- sentenciou Magdalene. -- É indecente sugerir, sequer, que o meu marido deva concordar com semelhante coisa. Tendo em vista o fato de George ser o *único* membro da família que conseguiu conquistar uma carreira brilhante, acho até injusto o pai ter-lhe deixado tão pouco!

--David? -- perguntou Lydia.

-- Oh, acho. que tem razão! -- respondeu David, vagamente. -- E uma vergonha ter de haver tanta discussão e tantas disputas por causa de um assunto destes.

-- Tem toda a razão, Lydia -- declarou Hilda. -- É justo.

Harry olhou à sua volta e disse:

--Parece, então, que o Alfred, o David e eu somos a favor da moção. O George é contra, mas a maioria é que vale.

--Aqui não há questão de maioria ou minoria -- apressou-se a declarar George. -- A minha parte na fortuna do meu pai é absolutamente minha, não consentirei que a reduzam nem num centavo!

--Claro que não -- apoiou Magdalene.

-- Se quer ficar de fora, isso é consigo -- declarou Lydia, secamente. -- Os restantes dividirão entre si a sua parte na contribuição.

Olhou para os outros, a pedir-lhes confirmação, e Harry foi o primeiro a pronunciar-se:

--Como o Alfred recebe a parte de leão, devia contribuir com maior quantia.

--Estou a ver que a tua inicial sugestão desinteressada não tarda a ficar reduzida a zero -- comentou Alfred.

--Não comecemos outra vez! -- interveio Hilda, com firmeza. -- A Lydia dirá à Pilar o que resolvemos e mais tarde combinaremos os pormenores. -- E acrescentou, na esperança de mudar de assunto:

--Onde estarão Mister Farr e Mister Poirot?

-- Deixamos Poirot na aldeia, quando íamos para o inquérito -- informou Alfred. -- Disse que tinha uma importante compra a fazer.

--Porque não foi ele ao inquérito? -- perguntou Harry. -- Devia ter ido, não?

--Talvez já soubesse que não seria importante -- sugeriu Lydia. -- Quem está lá fora no jardim? E o inspetor ou Mister Farr?

Os esforços das duas mulheres foram bem sucedidos, e o conclave familiar dissolveu-se.

Pouco depois, Lydia agradecia à cunhada:

--Obrigada, Hilda. Foi amável da sua parte apoiar-me. Confesso-lhe sinceramente que tem sido um grande conforto para mim, em tudo isto.

--E singular como o dinheiro transtorna as pessoas! -- comentou Hilda, pensativamente.

Os outros tinham saído da sala e as duas mulheres encontravam-se sozinhas.

-- É verdade. Até o Harry, embora a sugestão partisse dele! E o meu pobre Alfred! É tão britânico, que não lhe agrada ver o dinheiro dos Lee nas mãos de uma cidadã espanhola!

--Acha que nós, mulheres, somos mais desinteressadas? -- perguntou-lhe Hilda, a sorrir.

--Compreende, não se trata, realmente do *nosso* dinheiro... -- respondeu Lydia, com um encolher dos ombros graciosos. -- Talvez a diferença esteja aí.

--A Pilar é uma jovem estranha -- murmurou a outra, pensativa. -- Que lhe acontecerá?

--Alivia-me saber que será independente -- afirmou a outra, a suspirar. -- Um lar e uma mesada não seriam, creio, o ideal para ela. É muito orgulhosa e... e muito estrangeira. -- E acrescentou, como se falasse consigo: -- Uma vez, comprei um bonito colar de lápis-lazúli, no Egito. Enquanto lá estive, a sua cor forte formava um contraste maravilhoso com o sol e a areia, mas aqui o azul quase deixou de brilhar e o colar transformou-se numa fieira de pedras escuras e baças.

-- Compreendo...

--Estou muito contente por a ter conhecido e ao David, finalmente -- confessou Lydia. -- Ainda bem que vieram.

--Se soubesse quantas vezes tenho desejado, nos últimos dias, que não tivéssemos vindo!

-- Calculo, sim. Mas o abalo não transtornou tanto o David como poderia transtornar, sensível como é. Na realidade, depois do assassinio, parece, até, muito melhor...

Hilda interrompeu-a, um pouco perturbada:

-- Reparou, então, nisso? E lamentável, num certo sentido.. mas é verdade, Lydia, é verdade!

Calou-se, a recordar as palavras que o marido lhe dissera, na noite anterior. Falara apaixonadamente, com o cabelo louro afastado da testa:

«Lembras-te da *Tosca*, Hilda? Quando Scarpia morre e Tosca acende as velas, aos seus pés e à sua cabeceira? Lembras-te do que ela diz? "*Agora* posso perdoar-lhe"... É o que eu sinto, acerca do meu pai. Compreendo agora que, durante todos estes anos, não lhe pude perdoar, embora o desejasse sinceramente... Mas agora, *agora*, já não existe rancor em mim. Dissipou-se todo. Sinto... Oh, sinto como se me tivessem tirado um grande peso de cima!»

Hilda perguntara-lhe, esforçando-se por repelir o medo súbito que a invadira: «Por ter morrido?»

E ele respondera sem hesitar, a atropelar as palavras na sua ansiedade: «Não compreendes. Não é por ele ter morrido, mas porque morreu o ódio estúpido e infantil que eu lhe tinha»»

Hilda recordou essas palavras e gostaria de as repetir à cunhada, mas achou instintivamente que talvez não fosse sensato.

Saiu com Lydia para o vestíbulo. Encontraram Magdalene junto da mesa, com um embrulhinho na mão. Estremeceu, ao vê-las, e disse: --Deve ser a tal compra importante de Mister Poirot. Vi-o pôr aqui o embrulho, há pouco. O que será?

Olhou para ambas, às risadinhas, mas o brilho e a ansiedade dos seus olhos desmentiam a afetada despreocupação das palavras.

Lydia arqueou as sobrancelhas e murmurou: --Vou-me arranjar para o almoço.

E Magdalene, com a mesma afetação de infantilidade, mas incapaz de disfarçar o tom desesperado da voz, declarou: --E eu vou dar uma espreitadelazinha!

Desfez o embrulhinho, olhou para o objeto e soltou uma exclamação de surpresa.

Lydia e Hilda pararam, a olhar.

-- E um bigode postiço! -- exclamou Magdalene, intrigada. -- Mas... para quê?

Lydia completou a frase da cunhada:

-- Mas Mister Poirot tem um bonito bigode natural!

-- Não compreendo -- disse Magdalene, a refazer o embrulho. -- E... estúpido! Para que compraria Mister Poirot um bigode falso?

II

Ao sair da sala, Pilar caminhou vagarosamente ao longo do vestibulo. Stephen Farr, que entrava pela porta do jardim, perguntou-lhe:

-- Então? O conclave familiar já terminou? Leram o testamento?

--Não recebo nada, absolutamente nada! -- exclamou Pilar, arquejante. -- O testamento foi feito há muitos anos. O meu avô deixava dinheiro a minha mãe, mas como ela morreu não é para mim: volta para *elas*.

--Diabo de azar! -- compadeceu-se Farr.

--Se não tivessem assassinado o velho, ele teria feito outro testamento e deixar-me-ia dinheiro.. uma quantidade de dinheiro! Talvez, com o tempo, mo deixasse *todo*!

--Isso também não seria justo, pois não? -- perguntou-lhe Stephen, a sorrir.

-- Porque não? Se o fizesse, seria por gostar mais de mim do que dos outros.

--Que garota gananciosa me saiu! Uma autêntica esfomeada de ouro!

-- O mundo é muito cruel para as mulheres -- declarou Pilar, muito séria. -- Elas devem, por isso, aproveitar o mais que puderem, enquanto forem novas, pois quando forem velhas e feias ninguém as ajudará.

-- Isso é mais verdade do que desejaria admitir -- murmurou Stephen. -- Mas não é absolutamente verdade, contudo. Alfred Lee, por exemplo, gostava com toda a sinceridade do pai, apesar de ele ser um velho antipático e irritante.

--O Alfred é um idiota! -- declarou Pilar, de queixo levantado.

Stephen não pôde deixar de se rir.

-- Bem, encantadora Pilar, não se preocupe -- disse-lhe, por fim. -- Pode estar descansada, que os Lee tomarão conta de si.

--Isso não será muito divertido -- murmurou, desconsolada.

--Creio que não... Custa-me imaginá-la a viver aqui, sabe? Gostaria de ir comigo para a África do Sul?

Pilar acenou com a cabeça.

--Lá há sol e espaço -- murmurou, saudoso. -- E também há trabalho duro. E boa para trabalhar, Pilar?

--Não sei... -- respondeu, duvidosa.

-- Preferia sentar-se numa varanda e passar o dia a comer doces, até ficar gordíssima e com três queixos? A rapariga riu-se.

--Ah, fi-la rir! Assim está melhor.

--E eu que pensei que me riria, neste Natal! Tenho lido, em livros, que o Natal inglês é muito alegre, que se comem uvas quentes, um pudim de passas todo em chamas e qualquer coisa chamada acha de Natal...

-- Ah, mas para isso é preciso que o Natal não seja complicado por um assassínio! Chegue aqui um

instante... A Lydia levou-me lá, ontem. E a arrecadação dela.

Conduziu-a a uma casa pequena, pouco maior do que um armário.

--Olhe, Pilar, caixas e caixas de biscoitos, frutas de conserva, laranjas, tâmaras e nozes... E aqui...

--Oh! -- exclamou Pilar, a apertar as mãos uma na outra. -- Como essas bolas douradas e prateadas são bonitas!

-- Eram para pendurar numa árvore, com presentes para os criados. Olhe, e aqui estão estes homenzinhos, todos reluzentes de neve, para colocar na mesa do jantar.. e balões de rodas as cores, prontos a encher!

--Oh! -- Os olhos de Pilar brilharam. -- Podemos encher um? Tenho a certeza de que a Lydia não se importa. Adoro balões!

-- Criança! Qual quer?

--Quero um encarnado!

Escolheram balões e começaram a soprar, de bochechas distendidas. Pilar parou de soprar, para se rir, e o seu balão esvaziou-se.

--Você fica tão cômico, a soprar, com as bochechas dilatadas!

Riu de novo e depois recomeçou a soprar. Ataram os balões, cuidadosamente, e começaram a brincar com eles, a atirá-los para cima e de um para o outro. -- Lá fora, no vestibulo, há mais espaço -- sugeriu Pilar.

Continuavam a atirar os balões um ao outro e a rir quando Poirot chegou. Olhou-os com indulgência, e comentou:

-- Entretém-se com *les jeux d'enfants*, hem? É bonito, isso!

--O meu é o encarnado informou Pilar, ofegante. -- É maior do que o dele, muito maior. Se o levássemos lá para fora, subiria direitinho para o céu!

-- Experimentemos! -- propôs Stephen.

-- Boa idéia!

Pilar correu para a porta do jardim e Stephen seguiu-a. Poirot acompanhou-os, com o mesmo ar indulgente.

-- Desejo uma grande quantidade de dinheiro! -- anunciou Pilar.

Pôs-se em bicos de pés, a segurar o cordel do balão, e quando o vento o puxou suavemente, largou-o. O balão flutuou, levado pela brisa.

--Não devia dizer o seu desejo em voz alta -- lembrou Stephen a rir.

-- Não? Porquê?

-- Porque assim não se realiza. Agora vou desejar eu. Largou o balão, mas não teve tanta sorte. O vento levou-o para o lado e um arbusto espinhoso fê-lo rebentar, com um estouro.

Pilar correu para ele e murmurou, com um certo ar trágico:

-- Rebentou!

Tocou com o pé no bocado de borracha, agora frouxa e mole, e comentou:

-- Foi, então, isso que apanhei no quarto do avô! Ele também tivera um balão, mas o dele era cor-de-rosa. Poirot soltou uma exclamação abafada e Pilar virou-se para ele, interrogadoramente.

--Não é nada -- disse-lhe o detetive. -- Fui eu que me piquei.. quero dizer, que tropecei. -- Voltou-se, olhou para a casa e exclamou: -- Tantas janelas! Uma casa *mademoiselle*, tem os seus olhos e os seus ouvidos. E deveras lamentável que os Ingleses gostem tanto de janelas abertas!

Lydia apareceu no terraço e anunciou:

-- O almoço está pronto. Pilar, minha querida, foi tudo resolvido satisfatoriamente. O Alfred explicar-te-á tudo com minúcia, depois do almoço. Vamos? Entraram todos. Poirot foi o último. Tinha uma expressão muito grave.

III

O almoço terminara.

Quando saíam da casa de jantar, Alfred disse a Pilar:

--Queres fazer o favor de vir ao meu gabinete? Preciso de falar contigo acerca de um assunto.

Conduziu-a ao gabinete e fechou a porta. Os outros foram para a sala. Só Poirot ficou no vestíbulo, a olhar pensativamente para a porta fechada do gabinete.

De súbito, apercebeu-se de que o velho mordomo estava perto e parecia constrangido.

--Que é, Tressilian? -- perguntou-lhe Poirot. O velhote murmurou, perturbado:

-- Desejava falar com Mister Lee, mas não o queria incomodar agora...

-- Aconteceu alguma coisa?

-- Uma coisa tão estranha que nem faz sentido, senhor!

--Diga-me o que foi.

Tressilian hesitou, mas por fim decidiu-se:

-- Trata-se do seguinte, senhor... Talvez tenha reparado que de cada lado da porta da frente havia uma bala de canhão, umas coisas de pedra, muito pesadas?... Bem, *uma delas desapareceu*.

Poirot arqueou as sobrancelhas, admirado. -- Quando deu pela falta?

--Estavam lá ambas, esta manhã, isso posso eu jurar.

--Vamos lá ver.

Saíram ambos, pela porta da frente, e Poirot examinou a bala de canhão que restava. Quando se endireitou, o seu rosto exprimia uma grande gravidade.

--Quem queria roubar uma coisa daquelas? -- perguntou Tressilian. -- Não faz sentido!

--Não me agrada -- murmurou Poirot. -- Não me agrada mesmo nada...

-- Que terá acontecido a esta casa, senhor? -- lamentou-se o velho, cheio de ansiedade. -- Desde que o senhor foi assassinado, nunca mais pareceu a mesma. Tenho constantemente a impressão de que vivo num sonho, misturo tudo e, às vezes, parece-me que nem posso confiar nos próprios olhos.

-- Está enganado -- disse-lhe o detetive, a abanar a cabeça. -- É nos seus olhos, e só nos seus olhos, que deve confiar.

--A minha vista é má, não vejo como dantes... Confundo as coisas.. e as pessoas. Estou a ficar velho de mais para o meu trabalho.

Hercule Poirot deu-lhe uma palmadinha animadora num ombro e recomendou-lhe:

-- Coragem!

--Muito obrigado, senhor. Está a ser bondoso, bem sei, mas a verdade é que estou velho de mais. Estou sempre a recordar os velhos tempos, as velhas caras... Miss Jenny, Mister David e Mister Alfred... Estou sempre a vê-los novos. Desde aquela noite em que Mister Harry voltou...

--Sim, era o que eu pensava -- interrompeu-o Poirot.

-- Disse há pouco que tudo mudara «desde que o senhor foi assassinado», mas começou antes disso. Foi *desde que Mister Harry voltou* que as coisas mudaram e pareceram irreais, não foi?

--Tem razão, senhor, foi mesmo! Mister Harry trouxe sempre complicações a esta casa, desde antigamente...

Os seus olhos cansados voltaram a pousar na base de pedra do ornamento desaparecido,

--Quem a terá levado, senhor? E porquê? Parece uma casa de doidos!

-- Infelizmente não é uma casa de doidos, Tressilian! Isto só traduz inteligência, meu velho! Alguém corre grande perigo.

Voltou para casa.

No mesmo instante, Pilar saiu do gabinete, com uma roseta em cada face. Tinha a cabeça levantada e os olhos a brilhar.

Ao ver Poirot, bateu o pé e exclamou:

-- Não aceito!

Poirot arqueou as sobrancelhas e perguntou-lhe: --

Não aceita o quê, *mademoiselle*?

-- Alfred acaba de me dizer que receberei a parte que pertenceria à minha mãe do dinheiro do meu avô.

-- E então?

-- Disse-me que por lei não o receberia, mas que ele, Lydia e os outros acharam que me devia pertencer, que era justo, e por isso dar-mo-ão.

Poirot repetiu: -- E então?

Pilar bateu de novo com o pé.

--Não compreende? Dão-mo, *dão-mo*!

-- E isso fere o seu orgulho? Não vê que eles têm razão, que é justo que lho dêem?

--Não compreende! -- exclamou Pilar.

--Pelo contrário, compreendo até muito bem.

--Ora! -- virou-lhe as costas, amuada.

Tocaram à campainha e Poirot olhou por cima do ombro. Viu o vulto do inspetor Sugden, do lado de fora, e perguntou apressadamente a Pilar:

--Para onde vai?

--Para a sala, para junto dos outros.

-- Deixe-se ficar lá com eles e não ande pela casa sozinha, sobretudo depois de anoitecer. Ande

sempre precavida, pois corre um grande perigo, *mademoiselle*. Nunca correrá um perigo tão grande como hoje.

Deixou-a e foi ao encontro de Sugden. Este esperou que Tressilian voltasse para a copa e depois meteu um telegrama debaixo do nariz de Poirot.

--Agora tudo se esclarecerá! -- exclamou. -- Leia isto. E da Polícia da África do Sul.

O telegrama dizia:

O único filho de Ebenezer Farr morreu há dois anos. --

Agora já sabemos! -- continuou o inspetor. -- O engraçado é que eu seguia uma pista inteiramente diferente...

IV

Pilar entrou na sala, de cabeça levantada. Foi direta a Lydia, que estava junto da janela, a tricotar.

-- Lydia, vim dizer-lhe que não aceitarei o dinheiro! Vou-me embora.. imediatamente!

Lydia pousou o trabalho, surpreendida, e exclamou: --Minha querida pequena, estou a ver que o Alfred se explicou muito mal! Não se trata, nem por sombras, de caridade, se é isso que pensas. Não, não se trata de bondade nem de generosidade da nossa

parte, mas apenas de proceder bem ou mal. Segundo o curso normal das coisas, a tua mãe herdaria este dinheiro e to recebê-lo-ias dela; é teu por direito, por direito de sangue. Não é uma questão de caridade e, *sim, de justiça!*

-- E por isso que não o posso aceitar! -- declarou a rapariga, apaixonadamente. -- Não o posso aceitar por falarem assim, por serem assim! Gostei de vir cá, foi divertido, foi uma aventura. Mas agora estragaram tudo! Vou-me embora imediatamente, nunca mais os incomodarei!

Voltou-se, sufocada pelas lágrimas, e saiu precipitadamente da sala.

-- Não fazia a mínima idéia de que ela encararia o caso desta maneira! -- exclamou Lydia surpreendida.

--A pequena parece muito transtornada -- concordou Hilda.

George pigarreou e disse, emproado:

--Como frisei esta manhã, o princípio em que se basearam está errado. Pilar teve o bom-senso de o compreender e recusa-se a aceitar caridade...

--Não é caridade! -- afirmou Lydia, irritada. -- É o seu direito.

--Ela não parece ser dessa opinião -- voltou George.

O inspetor Sugden e Hercule Poirot entraram na sala nesse momento. O primeiro olhou à sua volta e perguntou:

--Onde está Mister Farr? Preciso de falar com ele.

Antes que alguém tivesse tempo de responder, Hercule Poirot perguntou, por seu turno, muito agitado: --Onde está a Señorita Estravados?

Foi George Lee quem lhe respondeu, em tom de maliciosa satisfação:

-- Disse-nos que se ia embora. Aparentemente, está farta dos seus parentes ingleses.

Poirot girou nos calcanhares e disse a Sugden: -- Venha!

No momento em que os dois homens chegaram ao vestíbulo, ouviu-se um grande estrondo e um grito distante.

-- Depressa! -- pediu Poirot. -- Venha depressa! Atravessaram o vestíbulo e subiram a escada a correr. A porta do quarto de Pilar estava aberta e no limiar encontrava-se um homem, que virou a cabeça, ao pressenti-los. Era Stephen Farr.

--Está viva... -- anunciou-lhes.

Pilar estava encolhida, encostada à parede do seu quarto, de olhos fixos no chão, onde se encontrava uma grande pedra, com o formato de uma bala de canhão.

--Estava equilibrada em cima da minha porta -- murmurou, ofegante. -- Esmagar-me-ia a cabeça, quando entrasse, mas por sorte a saia prendeu-se-me num prego e puxou-me para trás, precisamente quando eu ia a entrar.

Poirot ajoelhou-se e examinou o prego, onde estava preso um fio de fazenda encamada. Levantou a cabeça, acenou gravemente e murmurou:

--Este prego salvou-lhe a vida, *mademoiselle*.

-- Qual é o significado de tudo isto? -- perguntou o inspetor, estupefato.

--Alguém tentou matar-me! -- gritou Pilar.

Sugden olhou para cima, para a porta, e murmurou:

-- Uma armadilha antiquada, mas segura.. e destinada a matar! Seria o segundo assassinio nesta casa, mas desta vez falhou.

--Graças a Deus está salva! -- murmurou Stephen Farr, em voz rouca de comoção.

Pilar abriu as mãos, num gesto exuberante e trágico, e exclamou:

-- *Madre de Dios!* Porque *me* queriam matar? Que fiz eu?

Hercule Poirot respondeu-lhe, em voz compassada:

--Devia dizer, antes: *Que sei eu?*

-- Que sei eu? -- repetiu a rapariga, admirada. -- Não sei nada!

-- Engana-se, *mademoiselle*. Ora diga-me, onde estava, no momento do crime? Não estava neste quarto.

--Estava! Já lhes disse que estava!

--Pois disse, mas mentiu -- declarou Sugden, com enganosa doçura. -- Disse-nos que ouviu o seu avô gritar, mas se estivesse neste quarto não teria ouvido. Mister Poirot e eu experimentamos, ontem.

--Oh! -- exclamou Pilar, atordoada.

--Estava algures, muito mais perto do quarto de Mister Lee -- declarou Poirot. -- Até lhe posso dizer onde, *mademoiselle*: naquele nicho que tem as estátuas, perto da porta do quarto do seu avô.

--Oh! -- exclamou a rapariga, admirada. -- Como soube?

-- Mister Farr viu-a lá -- respondeu-lhe Poirot, a sorrir.

--Não vi nada! Isso é uma grande mentira!

--Peço-lhe perdão, Mister Farr, mas *viu-a*. Lembra-se de ter tido a impressão de que as estátuas do nicho eram *três* e não *duas*? Só uma pessoa usava vestido branco, naquela noite: Mademoiselle. Estravados. Era *ela* a terceira figura branca que viu. E verdade, não é, *mademoiselle*?

--É, sim -- admitiu Pilar, após breve hesitação.

--Agora diga-nos toda a verdade, sim? -- pediu-lhe Poirot, docemente. -- *Porque* se encontrava lá?

--Depois de jantar saí da sala e resolvi ir ver o meu avô. Pensei que ele ficaria contente. Mas quando cheguei ao corredor vi que se encontrava outra pessoa à sua porta. Não quis que me vissem, pois sabia que o meu avô dissera que não queria ver ninguém nessa noite. Esgueirei-me, por isso, para o recesso, para que a pessoa não me visse, se se voltasse. De repente, ouvi um grande barulho: mesas, cadeiras, tudo a cair... Não me mexi, não sei porquê. Estava petrificada de medo. Depois souo aquele horrível grito... -- benzeu-se apressadamente --... e o meu coração parou de bater. *Morreu alguém*, disse para comigo...

-- E depois?

-- Depois começaram a aparecer pessoas a correr, saí do esconderijo e juntei-me a elas.

-- Não disse nenhuma dessas coisas quando foi interrogada -- lembrou-lhe o inspetor, friamente. -- Porquê?

Pilar abanou a cabeça e respondeu-lhe, com um ar sabido:

-- Não é bom dizer muitas coisas à Polícia. Pensei que se lhes dissesse que estava perto julgariam que

fora *eu* quem o matara, por isso disse que estava no meu quarto.

-- Quem mente deliberadamente, acaba por se tornar suspeito -- declarou o inspetor, agastado.

--Pilar... -- murmurou Stephen Farr.

-- Diga?

-- *Quem viu junto da porta*, quando chegou ao corredor? Diga-nos quem foi.

--Sim, diga-nos -- pediu também o inspetor.

Por momentos, a rapariga hesitou. Abriu os olhos, depois semicerrou-os e murmurou:

--Não sei quem era, pois a claridade era pouca. Mas era uma mulher...

V

O inspetor Sugden olhou para o círculo de rostos e declarou, com mais irritação do que até aí mostrara:

--Isto é muito irregular, Mister Poirot.

-- É cá uma idéiazinha minha... Quero compartilhar com todos os conhecimentos que adquiri; depois solicitar-lhes-ei a sua cooperação e acabaremos por encontrar a verdade.

-- Macaquices... -- resmungou o inspetor, entredentes, e recostou-se na cadeira.

--Para começar -- disse Poirot --, creio que devemos pedir uma explicação a Mister Farr.

--Pessoalmente, escolheria um momento em que estivesse presente menos público comentou o inspetor. -- No entanto, não me oponho. Estendeu o telegrama a Stephen Farr e disse-lhe: -- Mister *Farr*, como diz que se chama, talvez nos queira explicar o significado *disto*.

Stephen Farr pegou no telegrama, arqueou as sobrancelhas e leu-o devagar, em voz alta. Depois devolveu-o ao inspetor, com uma inclinação de cabeça. -- Que grande aborrecimento, hem? -- murmurou.

--E só isso que tem a dizer? Compreende que não é obrigado a fazer qualquer declaração...

-- Não precisa de me acautelar, inspetor. Estou a ver as palavras a tremer-lhe na língua! Dar-lhe-ei uma explicação... Não será muito boa, mas é a verdade. Fez uma pausa e depois começou:

-- Não sou filho de Ebenezer Farr, mas conheci o pai e o filho muito bem. Agora tentem colocar-se no meu lugar; a propósito, o meu nome verdadeiro é Stephen Grant. Quando cheguei a este país, na minha primeira visita, fiquei decepcionado. As coisas e as pessoas pareceram-me tristes e feias... Mas eis que, ao viajar de comboio, vi uma

rapariga... Tenho de dizer desde já que fiquei, como se costuma dizer, doido por ela! Era a criatura mais encantadora e mais incrível do mundo! Falei um pouco com ela, no comboio, e decidi logo para comigo que não a perderia de vista. Ao sair do compartimento, vi o rótulo da sua mala. O nome não me dizia nada, mas o mesmo não acontecia com a morada. Ouvira falar em Gorston Hall e sabia tudo acerca do seu proprietário. Fora sócio de Ebenezer Farr, o qual falara muito dele e da sua maneira de ser. Meteu-se-me em cabeça apresentar-me em Gorston Hall e fingir que era o filho do Eb... O rapaz morrera, como diz o telegrama, há dois anos, mas eu lembrava-me do velho Eb dizer que não tinha notícias de Simeon Lee havia muitos anos, e deduzi que Lee não estaria, portanto, ao corrente da morte do filho do antigo sócio. De qualquer maneira, achei que valia a pena tentar.

--No entanto, não tentou logo -- lembrou Sugden. -- Esteve dois dias no King's Arms, em Addlesfield. Porquê?

-- Estive a pensar, se devia tentar ou não. Por f'ma decidi-me... Era uma aventura, e como tal tentava-me. A verdade é que resultou às mil maravilhas! O velhote recebeu-me o mais cordialmente possível e convidou-me imediatamente a ficar cá em casa.

Aceitei. Aí tem a minha explicação, inspetor. Se não lhe agrada, faça um esforço e recorde os seus dias de namoro... Verá que também fez qualquer coisa que hoje lhe parece idiota. Quanto ao meu verdadeiro nome, é, como já disse, Stephen Grant. Podem telegrafar para a África do Sul, a informar-se, mas desde já vos garanto que sou um cidadão absolutamente respeitável. Não sou vigarista nem ladrão de jóias.

--Nunca imaginei que fosse -- declarou suavemente Poirot.

O inspetor afagou o queixo, pensativo, e replicou: -- Tenho de investigar essa história. Para já, gostaria de saber o seguinte: porque não foi franco, depois do assassinio, em vez de continuar com as mentiras?

--Porque fui um idiota! -- respondeu-lhe Stephen, com irradiante simpatia. -- Pensei que conseguiria escapar, sem descobrirem, e disse para comigo que poderia parecer estranho se confessasse que estava cá sob um nome falso. Se não fosse um completo idiota, compreenderia que seria natural telegrafarem para Joanesburgo.

-- Bem, Mister Farr... ou melhor, Mister Grant, não direi que não acredito na sua história. Em breve saberemos se é verdadeira ou não.

Olhou para Poirot, que disse: -- Creio que Miss Estravados tem qualquer coisa a declarar.

Pilar, que empalidecera muito, disse, em voz rouca:

--E verdade... Se não fosse Lydia e o dinheiro, não diria nada, mas assim... Vir aqui, fingir, intrujar e representar.. foi divertido, mas quando Lydia disse que o dinheiro era meu e que seria justo recebê-lo, foi diferente. Deixou de ser divertido.

--Não compreendo, minha querida -- disse Alfred Lee, intrigado. De que está a falar?

-- Pensam que sou a vossa sobrinha, Pilar Estravados? Mas não sou Pilar morreu, quando viajava num automóvel comigo, em Espanha. Uma bomba atingiu o carro e ela morreu, mas eu fiquei incólume. Não a conhecia muito bem, mas ela dissera-me tudo a seu respeito, contara-me que o avô a mandara chamar a Inglaterra e que ele era muito rico. Como não tinha dinheiro nem sabia para onde ir nem o que fazer, pensei para comigo: «Porque não utilizo o passaporte de Pilar e não vou para Inglaterra, para ser muito rica?» -- O rosto iluminou-se-lhe num sorriso. -- Oh, foi divertido, enquanto pensei se seria bem sucedida! As nossas caras, na fotografia, tinham certa semelhança, mas mesmo assim, quando me pediram, aqui, o passaporte, abri a janela e atirei-o para o jardim.

Depois fui buscá-lo e esfreguei um pouco de terra no retrato... Nas fronteiras não olham com muita atenção, mas aqui podiam olhar...

Alfred enfureceu-se:

-- Quer dizer que enganou o meu pai, que fingiu ser a sua neta e brincou com o seu afeto?

Pilar acenou com a cabeça e respondeu, complacente: --Percebi logo que conseguiria levá-lo a gostar muito de mim.

-- É incrível! -- exclamou George. -- Criminoso. Tentativa de obter dinheiro com falsos pretextos!

-- De ti não obtive ela nenhum, meu velho -- disse Harry Lee. -- Pilar, estou do teu lado! Admiro profundamente a tua ousadia e, graças a Deus, já não sou teu tio. Assim fico com uma liberdade de movimentos muito maior.

-- O senhor sabia? -- perguntou Pilar a Poirot. -- Quando descobriu?

--Minha querida, se tivesse estudado as leis de Mendel saberia que duas pessoas de olhos azuis não têm, regra geral, filhos de olhos castanhos. A sua mãe, a mãe de Pilar Estravados, era, tinha a certeza, uma senhora muito casta e respeitável. Por isso você não podia ser Pilar Estravados. Quando fez aquela habilidade com o passaporte, não me restaram

dúvidas nenhuma. Foi engenhoso, mas não tanto quanto seria preciso.

--O caso todo não é suficientemente engenhoso -- disse o inspetor, em tom desagradável.

--Não compreendo... -- murmurou Pilar.

-- Contou-nos uma história, mas eu estou convencido de que deixou muito por contar.

-- Deixe a rapariga em paz! -- ordenou Stephen. O inspetor fingiu não o ouvir e prosseguiu: --Disse-nos que foi ao quarto do seu avô depois do jantar e que o fez obedecendo a um impulso de momento. Ora eu sugiro que não foi assim... Foi você que roubou os diamantes. Mexeu-lhes e aproveitou alguma ocasião para os tirar do cofre sem o velho dar por isso. Quando ele descobriu que as pedras tinham desaparecido, compreendeu imediatamente que só podiam ter sido duas pessoas: Horbury, que talvez tivesse descoberto a combinação do cofre e roubado os diamantes de noite, ou *você*. Mister Lee tomou imediatamente precauções. Telefonou-me e mandou-me chamar, e depois disse que a queria ver logo a seguir ao jantar. Você foi ao seu quarto e ele acusou-a do roubo. Negou, ele insistiu.. não sei o que se passou a seguir, mas talvez ele tivesse percebido que não era a sua neta e, sim, uma ladrazinha profissional. Fosse como fosse, o jogo

acabara-se, ia ser desmascarada e, por isso, agrediu-o com uma faca. Houve luta, ele gritou, você saiu do quarto, girou a chave pelo lado de fora e, consciente de que não conseguiria fugir antes dos outros chegarem, *ocultou-se no nicho, junto das estátuas.*

-- Não é verdade-- gritou Pilar. -- Não é verdade! Não roubei os diamantes nem o matei! Juro pela Santa Virgem.

-- *Quem foi, então?* -- insistiu o inspetor. -- Disse que viu um vulto, do lado de fora da porta do quarto de Mister Lee. A dar crédito à sua história, *essa pessoa deve ser o assassino. Mais ninguém* passou pelo nicho. Mas, claro, só temos a sua palavra de que estava uma pessoa à porta. Ou melhor, você inventou tudo isso para se ilibar!

-- Claro que é culpada -- sentenciou George Lee. -- É evidente. Eu sempre disse que foi uma pessoa estranha quem matou o meu pai! Ridícula tolice, essa de querer fazer crer que um membro da família seria capaz de tal horror! Não seria.. não seria natural!

--Não estou de acordo consigo- declarou Poirot. -- Tomando em consideração o caráter de Simeon Lee, seria muito natural que fosse alguém da família.

--O quê? -- gaguejou George, e ficou de boca aberta e olhos f'ixos no detetive.

-- Na minha opinião, foi precisamente isso que sucedeu -- prosseguiu Poirot. Simeon Lee foi assassinado por alguém da sua carne e do seu sangue, por um motivo que pareceu ao assassino razão suficiente.

--Um de nós?! -- escandalizou-se George. -- Nego...

--Qualquer das pessoas presentes podia ter um motivo -- interrompeu-o Poirot, com dureza. -- Começemos por si, Mister George Lee. O senhor não amava o seu pai e só por causa do dinheiro se mantinha de boas relações com ele. No dia da sua morte, o seu pai *ameaçou-o de lhe reduzir a pensão*. Sabia que, por morte dele, herdaria, provavelmente, uma bonita soma, e isso poderia ser o motivo para o matar. Depois de jantar foi, segundo declarou, telefonar. Telefonou, de fato, mas o telefonema durou apenas *cinco minutos*. Depois disso, podia muito bem ir ao quarto do seu pai, conversar com ele, atacá-lo e matá-lo. Saiu do quarto e girou a chave pelo lado de fora, na esperança de que o crime fosse atribuído a um ladrão. Na precipitação, porém, esqueceu-se de ver se a janela estava toda aberta, para que a hipótese do ladrão pudesse ser confirmada. Foi estupidez, mas, com a sua licença, o senhor é um homem muito estúpido!

Após uma breve pausa, durante a qual George Lee tentou em vão falar, Poirot acrescentou:

--No entanto, há muitos criminosos estúpidos!

Voltou-se, em seguida, para Magdalene e prosseguiu: A senhora também tinha um motivo. Está, creio, endividada, e o tom de certas observações do seu sogro pode tê-la inquietado. Claro que não tem álibi nenhum. Foi telefonar, mas *não* telefonou, e só *temos a sua palavra* quanto ao que fez...

Após nova pausa:

-- Segue-se Mister David Lee. Ouvimos falar, repetidas vezes, do temperamento vingativo e da longa memória dos Lee. Mister David Lee não perdoou nem esqueceu a maneira como o seu pai tratou a sua mãe. Um remoque final, dirigido à memória da defunta senhora, pode ter sido a gota que fez trasbordar o cálice. Segundo declarações prestadas, David Lee estava a tocar piano no momento do assassinio, por coincidência tratava-se da *Marcha Fúnebre*... Mas suponhamos que era *outra* pessoa quem tocava a *Marcha Fúnebre*, alguém que sabia o que ele ia fazer e aprovava a sua ação...

--Isso é uma insinuação indecente! -- declarou Hilda Lee, sem perder a serenidade.

--Sugiro-lhe outra, minha senhora: foi a sua *mão* que cometeu o crime. Foi a senhora que subiu lá acima, para aplicar o castigo a um homem que considerava indigno do perdão humano. A senhora é daquelas pessoas que, coléricas, podem ser terríveis...

--Não o matei -- afirmou Hilda.

Mister Poirot tem razão -- declarou o inspetor Sugden, em tom brusco. Seria possível incriminar toda a gente, exceto Mister Alfred Lee, Mister Harry Lee e Mistress Alfred Lee.

--Nem sequer excetuaría esses disse, docemente, Poirot.

--Essa agora, Mister Poirot! -- protestou o polícia.

--Como me incriminaria a mim, Mister Poirot? -- indagou Lydia Lee. Sorria um pouco e tinha as sobrancelhas arqueadas, numa expressão de ironia. Poirot inclinou a cabeça na sua direção e respondeu-lhe:

--Não mencionarei o seu motivo, minha senhora, pois é evidente. Quanto ao resto, na noite em questão usava um vestido de tafetá florido, de um padrão pouco vulgar, com uma capa... Recordo-lhe que Tressilian, o mordomo, é curto de vista e que, à distância, as coisas lhe parecem vagas e enevoadas. Saliento, ainda, que a sala é grande e iluminada por

candeeiros com lâmpadas veladas. Nessa noite, um ou dois minutos antes do barulho e do grito, Tressilian veio à sala buscar as chávenas do café e viu-a, *ou pensou que a viu*, numa atitude familiar, junto da janela, meio oculta pelos pesados cortinados.

--Ele viu-me -- afirmou Lydia.

-- Sugiro a possibilidade de *Tressilian ter visto a capa do seu vestido*, arranjada de maneira a ver-se junto da janela e a dar a impressão de que a senhora lá se encontrava.

--Eu encontrava-me lá.

--Como se atreve a insinuar... -- começou Alfred.

--Deixa-o continuar, Alfred -- interrompeu-o Harry.

-- A seguir é a nossa vez. Como lhe parece que o querido Alfred teria assassinado o seu amado pai, visto estamos os dois, na altura do crime, na casa de jantar?

Poirot sorriu-lhe.

--Isso é muito simples -- afirmou. -- Um álibi toma-se mais forte quanto maior for a relutância com que o confirmem. Toda a gente sabe que o senhor e o seu irmão se dão mal. O senhor escanece dele em público; ele nunca tem uma boa palavra para dizer em seu favor! Mas suponhamos que *tudo isso fazia parte de um conluio inteligente*; suponhamos que

Alfred Lee estava farto de dançar quando o exigente amo tocava; suponhamos que o senhor e ele chegaram a um entendimento, há algum tempo... Estabeleceram um plano, o senhor regressou a casa, Alfred Lee mostrou-se ressentido com a sua presença e não escondeu o seu ciúme nem a sua animosidade; o senhor também não escondeu o seu desprezo por ele. Até que chegou a noite do assassinio tão bem planeado pelos dois. Um de vocês ficou na casa de jantar, a falar e, talvez, a discutir em voz alta, como se lá estivessem duas pessoas; *o outro foi lá acima e cometeu o crime...*

Alfred levantou-se, de repelão, e explodiu: --Seu demônio! Seu demônio desumano... Sugden, de olhos fitos em Poirot, perguntou-lhe: --Acha realmente que...

-- Tive de lhes mostrar as *possibilidades!* -- declarou o detetive, com um inesperado timbre de autoridade na voz. -- O que expus foi o que *podia* ter acontecido! O que realmente aconteceu só o poderemos saber quando passamos da aparência exterior para a realidade interior. -- Fez uma pausa e concluiu, lentamente: -- Temos de retroceder, como já disse várias vezes, ao caráter do próprio Simeon Lee...

VI

Seguiu-se uma pausa momentânea. Singularmente, toda a indignação e todo o rancor se tinham dissipado. Hercule Poirot tinha-os a todos dominados pela atração da sua personalidade. Fitaram-no, fascinados, quando, começou a falar, pausadamente:

-- E aí que reside tudo, o morto é o foco e o centro de todo o mistério! Devemos sondar profundamente o coração e o espírito de Simeon Lee e ver o que lá encontramos, pois um homem não vive e não morre apenas para si. Aquilo que foi, transmite-os aos que vêm depois dele...

«Que tinha Simeon Lee para legar aos filhos e à filha? Orgulho, antes de mais nada, um orgulho que o velho viu frustrado, na decepção que os filhos foram para ele. Depois, a virtude da paciência. Disseram-nos que Simeon Lee esperou pacientemente, durante anos, uma oportunidade de se vingar de alguém que lhe fizera uma injúria. Verificamos que esse aspecto do seu temperamento foi herdado precisamente pelo que menos se parecia com ele, no rosto. David Lee também não esqueceu, também guardou no peito, durante muitos anos, o seu ressentimento. Harry Lee era o único dos seus

filhos que se parecia muito com ele, *no rosto*. É uma semelhança espantosa, se examinamos o retrato de Simeon Lee, quando era novo. Encontra-se o mesmo nariz aquilino, a mesma linha comprida e forte do queixo, a mesma inclinação da cabeça para trás. Creio, igualmente, que Harry herdou muitos dos maneirismos do pai; por exemplo, o hábito de se rir com a cabeça atirada para trás, e aquele outro de passar o dedo pelo queixo.

«Tendo todos estes pormenores em mente, e convencido como sempre estive de que o assassinio foi cometido por uma pessoa estreitamente relacionada com a vítima, estudei os seus familiares do ponto de vista psicológico. Quero dizer, tentei decidir quais deles eram *criminosos psicologicamente possíveis*. Segundo o meu critério, só duas pessoas se adaptaram a essa classificação: Alfred Lee e Hilda Lee, esposa de David. Quanto a este, rejeitei-o como possível assassino. Não creio que uma pessoa possuidora de uma sensibilidade delicada como a sua pudesse suportar a sangueira brutal de uma garganta cortada. George Lee e a mulher também não me serviram; fossem quais fossem os seus desejos, não me pareceram possuidores do temperamento necessário para correr um *risco*. P pareceram-me ambos essencialmente cautelosos.

Quanto a Mistress Alfred Lee, considere-a incapaz de um ato de violência; há excessiva ironia na sua natureza. Harry Lee, esse, causou-me certa hesitação. Aparentemente, possui uma certa truculência e grosseria, mas, não obstante o ar fanfarrão e a bazófia, quase juraria que, no fundo, é um fraco. Era essa também, sei-o agora, a opinião do seu pai. Harry Lee, segundo as suas próprias palavras, não valia mais do que os outros.

«Restaram-me, pois, por exclusão de partes, as duas pessoas que já mencionei. Alfred Lee é uma pessoa capaz de grande dedicação desinteressada e é, também, um homem que durante muitos anos se subordinou à vontade de outro. Em semelhantes circunstâncias, há sempre a possibilidade de se ficar no estado de uma mola tensa e de se quebrar... Além disso, era também possível que Alfred Lee albergasse um ressentimento secreto contra o pai, um ressentimento que se avolumasse gradualmente, por nunca o ter confessado. As pessoas mais humildes e mais serenas são muitas vezes capazes de súbitas e inesperadas explosões de violência, pois quando perdem o domínio de si mesmas, perdem-no por completo.

«A outra pessoa que considere capaz de cometer o crime foi Hilda Lee. É uma daquelas criaturas que,

em determinadas ocasiões, fazem justiça com as próprias mãos, embora nunca inspiradas por motivos egoístas. As pessoas assim julgam e executam. Muitas das personagens do Antigo Testamento pertencem a este tipo. Jael e Judite, por exemplo...

«Depois destas conclusões, estudei as circunstâncias inerentes ao próprio crime. O que primeiro me assaltou o espírito, foram as condições em que o crime foi cometido. Recordem o cenário no meio do qual Simeon jazia sem vida... Lembram-se, não lembram, de verem voltadas uma cadeira e uma mesa pesadas, um candeeiro partido, estilhaços de porcelana e de vidro?... A cadeira e a mesa, sobretudo, causaram-me surpresa, pois eram de mogno maciço... Custava a compreender como uma luta entre o frágil velho e o seu algoz pudera causar tantos estragos e derrubar tantos móveis. Tudo aquilo parecia *irreal*. E, contudo, ninguém no seu perfeito juízo prepararia aquele «cenário», se as coisas não se tivessem realmente passado assim; a não ser que Simeon Lee tivesse sido assassinado por um homem corpulento e se pretendesse sugerir que o atacante fora uma mulher ou alguém de físico frágil...

«Tal idéia, porém, era deveras inconvincente, pois o barulho dos móveis a cair daria o alarme e o assassino teria, assim, muito pouco tempo para fugir. Logicamente, seria vantajoso para *qualquer* assassino degolar Simeon Lee o mais *silenciosamente* possível.

«Outro pormenor extraordinário foi o da chave girada do lado de fora... Mais uma vez, parecia não haver *razão* para tal procedimento. Não se pretendia sugerir que se tratava de suicídio, pois nada naquela morte se coadunava com o suicídio. Não se pretendia sugerir fuga pelas janelas, pois estas estavam de maneira que a fuga por elas era impossível. Além disso, havia de novo o elemento *tempo*, o tempo que tinha por força de ser precioso para o assassino!

«Havia, ainda, outro pormenor incompreensível: um bocado de borracha cortado do saco de borracha de Simeon Lee e um pequeno grampo de madeira que o inspetor Sugden me mostrou e que foram apanhados do chão por uma das pessoas que primeiro entraram no quarto. Estas coisas também *não faziam sentido!* Não significavam absolutamente nada! No entanto, estavam lá.

«O crime, como já perceberam, tomava-se cada vez mais incompreensível. Não tinha ordem, nem método.. enfim, *não era razoável!*

«Mas eis que surgiu outra dificuldade. O morto chamara o inspetor Sugden, comunicara-lhe um roubo e pedira-lhe que voltasse hora e meia depois. *Porquê?* Se Simeon Lee suspeitava da neta ou de qualquer outro membro da sua família, porque não pediu ao inspetor que esperasse cá em baixo, enquanto ele se entendia com o suspeito? Com o inspetor *em casa*, a pressão que poderia exercer sobre o culpado seria muito mais eficaz.

«Chegamos, pois, a um ponto em que não só o comportamento do assassino é extraordinário, como também o da vítima! Disse, então, para comigo: "Tudo isto está errado!" Porquê? Porque estávamos a ver o caso de um *ângulo deficiente!* Porque o víamos precisamente do *ângulo que o assassino pretendia que víssemos !*

«Havia três coisas que não faziam sentido: a luta, a chave girada do exterior e o bocado de borracha. Mas devia haver uma maneira de as ver que *fizesse* sentido! Decidi afastar do pensamento todas as circunstâncias do crime e aceitar estas três coisas *pelos seus méritos próprios*. Que sugeria uma *luta?* Violência, coisas partidas, barulho... E a *chave?*

Porque dá uma pessoa volta a uma chave? Para que ninguém entre? Mas a chave girada não impediu isso, pois a porta foi arrombada quase imediatamente. Para não deixar sair alguém? Para não deixar entrar alguém? E o retalho de borracha? "Um bocado de um saco de borracha é um bocado de um saco de borracha, e mais nada", disse para comigo...

«Parecerá lógico pensar que estes pormenores não tinham, portanto, importância, mas não é bem assim... A verdade é que deles ficaram três impressões: barulho, segregação, nada...

«Estas três coisas coadunam-se com qualquer dos meus dois possíveis? Não, não coadunam. Tanto para Alfred Lee como para Hilda Lee um assassinio *silencioso* teria sido infinitamente preferível; perder tempo a fechar a porta do lado de fora seria absurdo, e o bocadinho de borracha.. o bocadinho de borracha continuaria a não querer dizer nada!

«E, contudo, eu tinha uma idéia muito vincada de que não havia nada de absurdo neste crime, de que, pelo contrário, ele fora muito bem planeado e admiravelmente executado; de que fora, em suma, *coroadado de êxito!* Logo, tudo quanto acontecera fora *intencional*, fora previsto...

«Recomecei do princípio e, então, entrevi a primeira luzinha... Sangue, *tanto sangue*, sangue por toda a parte... Uma insistência de sangue, de sangue fresco, úmido, reluzente.. *tanto sangue, demasiado sangue...*

«A esse juntou-se outro pensamento: é um crime de *sangue*, está no sangue. *E o próprio sangue de Simeon Lee que se ergue contra ele...*

Hercule Poirot inclinou-se para a frente e prosseguiu:

--As duas pistas mais importantes deste caso foram indicadas inconscientemente por duas pessoas diferentes. A primeira indicou-a Mistress Alfred Lee, ao citar uma passagem de *Macbeth*: *Quem pensaria que o velho tinha tanto sangue em si?* A outra foi uma frase proferida por Tressilian, o mordomo. Confessou-me que se sentia confuso e que tinha a impressão de que sucediam constantemente coisas que já tinham sucedido antes. Foi uma ocorrência assaz simples que lhe causou essa estranha impressão. Ouviu tocar a campainha e abriu a porta a Harry Lee, e no dia seguinte fez a mesma coisa a Stephen Farr...

«Porque teve tal impressão? Olhem para Harry Lee e para Stephen Farr e *compreenderão porquê*. São espantosamente parecidos! *Por isso, abrir a porta a Stephen Farr foi como abrir a porta a Harry Lee*. Quase

se poderia dizer que era o mesmo homem que se encontrava no limiar. Ainda hoje Tressilian me disse que confundia constantemente as pessoas. Não admira! Stephen Farr tem nariz aquilino, o hábito de atirar a cabeça para trás, quando ri, e o tique de passar o indicador pelo queixo. Observem com atenção o retrato de Simeon Lee, quando era novo, e verão não *apenas Harry Lee*, mas *também Stephen Farr...*

Stephen mexeu-se na cadeira, que rangeu: Lembrem-se daquela tirada de Simeon Lee contra a sua família: juraria que tinha melhores filhos, *nascidos sem o beneplácito do casamento*. Lá voltamos nós ao caráter de Simeon Lee! Simeon Lee que tinha êxito com as mulheres e que despedaçou o coração da esposa! Simeon Lee que se vangloriou a Pilar de que podia ter uma escolta de filhos quase todos da mesma idade! Cheguei, portanto, à conclusão de que Simeon Lee tinha em casa não só a sua família legítima, mas *também um filho do seu sangue, ilegítimo e irreconhecido*. Stephen levantou-se e Poirot perguntou-lhe:

--Foi esta a verdadeira razão da sua vinda, não foi? Aquela bonita história da rapariga que encontrou no comboio foi inventada, claro. Você *vinha para cá*

antes de a conhecer, vinha ver que espécie de homem era o seu pai.

Stephen estava lívido e foi em voz entrecortada e rouca que lhe respondeu:

-- Sim, sempre tive curiosidade de saber... A minha mãe falava, às vezes, dele, e saber como ele era tomou-se uma espécie de obsessão para mim. Juntei dinheiro e vim à Inglaterra. Não lhe diria quem era, fingiria ser filho do velho Eb... Vim apenas com um fim: ver o homem que era meu pai.

--Meu Deus, como fui cego! -- exclamou o inspetor Sugden, quase num murmúrio. -- Por duas vezes o confundi com Mister Harry Lee e dei por isso, mas não me passou pela cabeça...

Voltou-se para Pilar e perguntou-lhe:

-- Foi ele, não foi? Foi Stephen Farr que viu parado à porta do quarto? Lembro-me de que hesitou e olhou para ele antes de dizer que era uma mulher. Foi Farr que viu, *mas não o quis denunciar.*

Seguiu-se uma pausa, que a voz profunda de Hilda Lee interrompeu:

--Não, está enganado. Foi a *mim* que Pilar viu.

-- A si, minha senhora? -- perguntou-lhe, Poirot.

-- Sim, já calculava...

-- O instinto de conservação é uma coisa singular! -
- exclamou Hilda. -- Nunca imaginei que pudesse

ser tão covarde, que me pudesse calar só por ter medo!

--Conta-nos o que se passou? -- pediu-lhe o detetive.

--Estava com David na sala de música. Ele tocava, mas encontrava-se com uma disposição muito estranha. Senti-me um pouco assustada e consciente da minha responsabilidade, pois fora eu que insistira na nossa vinda. De súbito, David começou a tocar a *Marcha Fúnebre* e eu decidi-me. Por estranho que pareça, resolvi que partiríamos ambos imediatamente, naquela mesma noite. Saí da sala de música e subi a escada, decidida a explicar a Mister Lee, sem rodeios, por que motivo nos íamos embora. Percorri o corredor que leva ao seu quarto e bati à porta. Como não me respondesse, bati de novo, com um pouco mais de força. Continuei a não obter resposta. Experimentei a maçaneta da porta. Estava fechada à chave. Então, enquanto hesitava, *ouvi um som* dentro do quarto... Calou-se, por momentos.

--Talvez não acreditem, mas é verdade! *Alguém estava lá dentro*, a atacar Mister Lee. Ouvi mesas e cadeiras derrubadas, o estrondo de porcelana e vidros estilhaçados e, depois, aquele horrível grito, que se desvaneceu e se desfez em silêncio... Fiquei paralisada, incapaz de me mover! De súbito,

apareceu Mister Farr e, a seguir, Magdalene e todos os outros, e Mister Farr e Harry começaram a arrombar a porta. Quando o conseguiram, *não estava ninguém no quarto*, exceto Mister Lee, que jazia morto no meio de todo aquele sangue.

Ergueu a voz, quase num grito, e concluiu:

--*Não estava lá ninguém*, compreendem? *Ninguém. E ninguém saíra daquele quarto...*

VII

O inspetor Sugden respirou fundo e exclamou:

--Ou estou doido, ou alguém está! O que disse, Mistress Lee, é impossível! E loucura!

-- Repito que ouvi a luta -- afirmou Hilda -- e o grito do velho, quando o degolaram, e que ninguém saiu nem se encontrava no quarto!

--E calou-se, durante todo este tempo? -- perguntou-lhe Poirot.

Pálida, mas em tom firme, Hilda Lee respondeu-lhe:

-- Calei-me porque, se dissesse o que se passou, só podiam dizer ou pensar uma coisa: que fora eu quem o matara.

-- Não, a senhora não o matou -- asseverou o detetive.

-- Foi o filho quem o matou.

-- Juro perante Deus que não o matei! -- gritou Stephen.

-- Não me referia a si. Ele tinha outros filhos.

-- Que diabo... -- começou Harry.

George olhava fixamente, David passou a mão pelos olhos e Alfred pestanejou duas vezes.

-- Na primeira noite em que estive aqui, prosseguiu Poirot --, na noite do crime, vi um fantasma: *o fantasma do morto*. Quando vi Harry Lee pela primeira vez, fiquei intrigado, com a impressão de que já o vira antes. Depois atentei nas suas feições, compreendi como era parecido com o pai e disse para comigo que fora isso que me dera a impressão de já o conhecer.

«Mas ontem, um homem que estava sentado à minha frente atirou a cabeça para trás e riu-se, e *eu soube então, definitivamente, quem me lembrava Harry Lee*. Encontrei, de novo, noutro rosto, as feições do morto. Não admira que o pobre Tressilian se sentisse perturbado, pois abrira a porta não a dois, mas a *três* homens muito parecidos! Não admira que se confessasse confuso acerca das pessoas, pois encontravam-se nesta casa três homens que, a pouca distância, podiam confundir-se uns com os outros! A mesma estatura, os mesmos gestos, sobretudo

aquele tique de passar o indicador pelo queixo, o mesmo hábito de rir com a cabeça inclinada para trás e o mesmo característico nariz aquilino. No entanto, a semelhança nem sempre era fácil de notar, *pois o terceiro homem usava bigode.*

Fez uma pausa, inclinou-se para a frente e prosseguiu:

--Às vezes esquecemo-nos de que os polícias são homens, de que têm mulheres, filhos, mães -- nova pausa -- e *pais...* Lembre-se da reputação local de Simeon Lee: despedaçara o coração da esposa por causa das suas aventuras com outras mulheres. Um filho «nascido sem o beneplácito do casamento» pode herdar muitas coisas, como, por exemplo, as feições e, até, os tiques do pai. Pode herdar, também, o seu orgulho, a sua paciência e o seu espírito vingativo! Ergueu a voz e continuou:

--Você, Sugden, ressentiu-se durante toda a sua vida do mal que o seu pai lhe fez. Creio que decidira havia muito matá-lo. Nasceu no condado vizinho, não muito longe daqui. Sem dúvida que a sua mãe, com o dinheiro que Simeon Lee lhe deu generosamente, conseguiu encontrar um marido que não se importou de ser pai do seu filho... Foi-lhe fácil entrar na Polícia de Middleshire e aguardar a sua oportunidade. Um inspetor da Polícia tem

grandes possibilidades de cometer um crime e ficar impune.

-- Está doido! -- exclamou Sugden, lívido. -- Estava fora de casa quando o mataram!

-- Não, não! Você matou-o antes de sair de casa, a primeira vez. Ninguém o viu vivo depois de você sair. Foi tudo tão fácil para si! Simeon Lee esperava-o, sem dúvida, *mas não foi ele que o chamou!* O inspetor é que lhe telefonou e lhe falou vagamente numa tentativa de roubo. Disse-lhe que o visitaria antes das oito horas da noite, e fingiria andar a recolher fundos para o orfanato da Polícia. Simeon Lee não desconfiou. Não sabia que você era seu filho. Quando chegou, contou-lhe uma história de diamantes substituídos e ele abriu o cofre, para lhe mostrar que os verdadeiros diamantes estavam em seu poder. Pediu-lhe desculpa, voltou com ele para junto da lareira, apanhou-o desprevenido e cortou-lhe a garganta, tendo o cuidado de lhe tapar a boca com a mão, para que não gritasse... Uma brincadeira de crianças para um homem com o seu corpo.

«Depois preparou o cenário. Tirou os diamantes.

Empilhou mesas, cadeiras e copos e passou-lhes pelo meio uma corda fina, que trouxera enrolada ao corpo. Trouxera também um frasco de sangue de algum animal acabado de matar, ao qual juntara

uma quantidade de citrato de sódio. Espalhou esse sangue pelo quarto e deitou mais citrato de sódio na poça de sangue jorrado do ferimento de Simeon Lee. Deitou mais lenha no lume, para que o corpo conservasse o calor, passou as duas pontas da corda pela fresta da janela e deixou-as penduradas, ao longo da parede. Depois saiu e fechou a porta, girando a chave do lado de fora. Isto era essencial, pois *convinha que não entrasse ninguém no quarto*.

«Em seguida saiu e escondeu os diamantes no tanque do terraço. Se mais cedo ou mais tarde, lá fossem encontrados, ajudariam a tomar suspeitos quem lhe convinha: os membros da família legítima de Simeon Lee. Regressou um pouco antes das nove e um quarto e puxou a corda. Desalojados, os móveis e outros objetos caíram, com grande barulho. Enrolou de novo a corda ao corpo, debaixo do casaco e do colete.

«Ah, mas tinha mais uma engenhoca! -- Voltou-se para os outros e continuou: -- Lembram-se, com certeza, de que cada um dos senhores descreveu o grito de agonia de Mister Lee de modo diferente? O senhor, Mister Alfred, descreveu-o como o grito de um homem em mortal agonia; a sua esposa e David Lee empregaram, ambos, a expressão «uma alma no Inferno», Mistress David Lee, pelo contrário, disse

que parecia o grito de alguém que *não* tinha alma, um grito desumano, de uma fera. Foi Harry Lee quem se aproximou mais da verdade, ao dizer que se assemelhara ao grito de um porco a morrer...

«Conhecem aqueles balões compridos, cor-de-rosa, que se vendem nas feiras, que têm focinhos pintados e a que se costuma chamar "Porcos a Morrer"? Quando o ar sai, produzem uma espécie de uivo desumano. Foi esse o seu toque final, Sugden. Colocou um desses

balões no quarto, com a boca tapada com um grampo de madeira e este preso a tal corda. Quando puxou a corda, o grampo saiu e o "porco" começou a esvaziar-se. Então, de mistura com o rebuliço, ouviu-se o grito do "Porco a Morrer"...

Voltou-se de novo para os outros e perguntou-lhes: Compreendem agora o que foi que Pilar Estravados apanhou? O inspetor esperara entrar no quarto antes de alguém reparar no bocadito de borracha, mas embora não o tenha conseguido, tirou-o a Pilar sem perda de tempo e com o seu ar mais oficial... Mas não *mencionou esse incidente a ninguém*. Este fato em si já era singularmente suspeito. Tive conhecimento dele por Magdalene Lee e falei no assunto ao inspetor, que estava preparado para a eventualidade: recortara um bocado do saco de

borracha de Mister Lee, e mostrou-mo, juntamente com um grampo de madeira. Superficialmente, a descrição condizia: um fragmento de borracha e uma lasca de madeira. Não significava, como então me pareceu, absolutamente nada... Fui estúpido, pois devia ter raciocinado, ato contínuo: «Isto não significa nada; logo, não pode lá ter estado e, portanto, o inspetor está a mentir...» Em vez disso, esforcei-me estupidamente por encontrar uma explicação. Só quando vi Miss Estravados brincar com um baião que rebentou e a ouvi dizer que devia ter sido um balão rebentado que apanhara no quarto do avô, compreendi a verdade.

«Vêem agora como tudo se ajusta? A luta improvável, *necessária para estabelecer erradamente a hora da morte*», a porta fechada à chave, para evitar que alguém encontrasse o corpo cedo de mais; o grito... O crime, assim, apresenta-se lógico e razoável. Mas a partir do momento em que exprimi em voz alta a sua descoberta acerca do balão, Pilar Estravados transformou-se num perigo latente para o assassino. E se a sua observação foi ouvida por ele, o que é possível, pois ela falou em voz alta e clara e as janelas estavam todas abertas, ela própria passou a correr perigo. Já lhe pregara um bom susto, ao dizer, referindo-se ao velho

Mister Lee: "Deve ter sido muito atraente, quando era novo." E acrescentara, dirigindo-se a Sugden: como o *senhor*. Queria dizer literalmente isso mesmo, e Sugden compreendeu-o. Não admira que tivesse ficado corado e quase sufocado! Foi tão inesperado e tão perigoso! O inspetor esforçou-se, desde então, por lançar as suspeitas sobre ela, mas a tarefa era difícil, pois como neta do velho não tinha nenhum motivo para o matar; pelo contrário. Mais tarde, ao ouvi-la revelar, no jardim, a descoberta acerca do balão, decidiu recorrer aos meios desesperados e amou-lhe aquela armadilha, enquanto almoçávamos. Felizmente, e quase miraculosamente, falhou...

Após um momento de silêncio total, Sugden perguntou:

--Quando adquiriu a certeza?

--Só a tive quando trouxe para casa um bigode postiço e o coloquei no retrato de Simeon Lee. Vi, então, a sua cara.

--Que a sua alma arda no Inferno! praguejou Sugden. -- Não estou arrependido!

SÉTIMA PARTE

28 de Dezembro

--Pilar, acho melhor que fiques conosco, até conseguirmos arranjar alguma coisa, em definitivo -- aconselhou Lydia.

-- É muito boa, Lydia, muito simpática -- disse a rapariga, com humildade. -- Esquece facilmente, sem se zangar...

--Continuo a tratar-te por Pilar, embora saiba que o teu nome é outro -- disse Lydia, a sorrir.

--Chamo-me Conchita Lopez.

--Conchita também é um nome bonito.

--É quase boa de mais, Lydia, mas não se preocupe comigo. Casarei com o Stephen e iremos para a África do Sul.

--Isso resolve tudo muito bem!

--Já que é tão amável, Lydia, acha que, um dia, podemos voltar e ficar consigo.. talvez passar um Natal, com todos aqueles biscoitos, as uvas, as bolas para pôr nas árvores e os bonecos de neve?

--Com certeza, podem voltar e passar um verdadeiro Natal inglês conosco.

--Será maravilhoso! Sabe, Lydia, acho que, este ano, o Natal não foi nada agradável...

--Não, não foi um Natal nada agradável...

II

--Bem, Alfred, adeus -- despediu-se Harry. -- Não creio que tenhas empenho em ver-me muitas vezes... Vou para o Havaí, onde sempre desejei viver, se tivesse algum dinheiro.

--Adeus, Harry. Espero que te divirtas. Desejo-o sinceramente.

--Desculpa ter-te irritado tanto, meu velho... -- murmurou Harry, meio envergonhado. -- Tenho um sentido de humor dos diabos... Não resisto à tentação de irritar as pessoas...

--Talvez eu dera aprender a aceitar as brincadeiras -
- respondeu-lhe Alfred, embora com esforço.

--Bem, adeus -- repetiu o outro, aliviado.

III

-- David, a Lydia e eu decidimos vender esta casa -
- disse Alfred. -- Pensei que talvez quisesses

algumas das coisas da mãe... A sua cadeira, o tamborete... Foste sempre o seu preferido.

David hesitou, um instante, mas depois respondeu: -- Obrigado pela idéia, Alfred, mas creio que não aceito. Não quero nada da casa. Acho melhor romper por completo com o passado.

--Compreendo. Talvez tenhas razão.

IV

--Adeus, Alfred, adeus, Lydia -- despediu-se George. -- Passamos juntos um mau bocado, e ainda falta o julgamento. Suponho que toda a história se acabará por saber? Retiro-me a Sugden ser.. filho do meu pai. Não se poderia arranjar maneira de o convencer a confessar-se comunista de idéias avançadas, que antipatizava com o meu pai por ser capitalista? Qualquer coisa no gênero.?

--Meu caro George -- respondeu-lhe Lydia --, pensas sinceramente que um homem como Sugden diria mentiras para poupar os *nossos* sentimentos?

--Bem... talvez não. Compreendo o que queres dizer. Enfim, o tipo deve ser maluco. Bem, mais uma vez, adeus.

--Adeus -- despediu-se Magdalene. -- Para o ano, vamos todos passar o Natal a Riviera ou a qualquer outro lado, para nos divertimos a sério!

--Depende do câmbio -- disse George.

--Querido, não sejas *mesquinho*!

V

Alfred foi para o terraço e encontrou Lydia debruçada sobre um dos tanques de pedra. A mulher endireitou-se, ao vê-lo.

--Bem, foram-se todos embora! -- exclamou Alfred, a,suspirar.

--E verdade. Que sossego!

--Tens razão. Vais gostar de sair daqui...

--E to, importas-te muito?

--Não; gostarei, também. Há tantas coisas interessantes que podemos fazer juntos! Viver aqui equivaleria a recordar constantemente o pesadelo. Graças a Deus, tudo acabou!

--Graças a Hercule Poirot -- observou Lydia.

--E verdade! Surpreendente o modo como tudo se ajustou nos seus lugares, quando ele explicou.

--Foi como completar um quebra-cabeças e ver todos os bocadinhos ajustarem-se muito bem, embora antes isso parecesse impossível.

--Só uma coisa nunca se ajustou. Que esteve o George a fazer *depois* de telefonar? Porque não o disse?

-- Não sabes? -- perguntou-lhe a mulher, a rir. -- Eu percebi logo! Esteve a bisbilhotar nos papéis da tua secretária!

-- Oh, não, Lydia, ninguém faria uma coisa dessas!

-- O George faria. Tem uma curiosidade tremenda acerca de tudo quanto se relaciona com dinheiro. Mas, claro, não ousou confessar. Só se se visse em perigo de ir parar à prisão se resignaria a dizer a verdade.

--Estás a fazer outro jardim?

-- Estou.

--O que é, desta vez?

--Creio que pretende ser o Jardim do Paraíso. Uma nova versão, sem serpente e com um Adão e uma Eva de meia-idade.

--Minha querida Lydia, como tens sido paciente comigo, durante todos estes anos! Tens sido muito boa para mim.

--Amo-te, Alfred, compreendes?

VI

--Valha-me Deus! -- exclamou o coronel Johnson. --
Estou estupefato! -- E novamente: -- Valha- -me
Deus!

Recostou-se na cadeira, fitou Poirot e lamentou-se: -
-O meu melhor homem! Aonde vai a Polícia parar?
-- Até os polícias têm vida privada -- lembrou-lhe o
detetive. -- Sugden era um homem muito orgulhoso
O coronel abanou a cabeça e, num desabafo, ajeitou
com o pé os toros da lareira.

--Sempre disse que não há nada como um bom lume
de lenha -- murmurou, em voz inarticulada.

Consciente das correntes de ar que lhe gelavam o
pescoço, Hercule Poirot pensou:

«*Pour moi*, não me dêem outra coisa senão
aquecimento central!»
